

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Júlio Arnhold Ritzel

A RELAÇÃO ENTRE O FALANTE E A(S) LÍNGUA(S) EM COMENTÁRIO ESCRITO:
UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO-ENUNCIATIVO

Porto Alegre
2024

Júlio Arnhold Ritzel

A RELAÇÃO ENTRE O FALANTE E A(S) LÍNGUA(S) EM COMENTÁRIO ESCRITO:
UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO-ENUNCIATIVO

Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Silvana Silva

Linha de Pesquisa: Análises textuais, discursivas e enunciativas

Porto Alegre
2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Carlos André Bulhões Mendes (Reitor)

Patricia Pranke (Vice-Reitora)

INSTITUTO DE LETRAS

Carmem Luci da Costa Silva (Diretora)

Márcia Montenegro Velho (Vice-Diretora)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Elaine Barros Indrusiak (Coordenadora)

Elisa Battisti (Coordenadora Substituta)

CIP - Catalogação na Publicação

Ritzel, Júlio Arnhold

A relação entre o falante e a(s) língua(s) em
comentário escrito: um estudo
antropológico-enunciativo / Júlio Arnhold Ritzel. --
2024.

146 f.

Orientadora: Silvana Silva.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. Benveniste. 2. Antropologia da Enunciação. 3.
Língua. 4. Línguas. I. Silva, Silvana, orient. II.
Título.

Júlio Arnhold Ritzel

A RELAÇÃO ENTRE O FALANTE E A(S) LÍNGUA(S) EM COMENTÁRIO ESCRITO:
UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO-ENUNCIATIVO

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre” e
aprovada em sua forma final/com alterações indicadas pela banca.

Porto Alegre, 23 de fevereiro de 2024.

Prof.^a Elaine Barros Indrusiak, Dra.
Coordenadora do PPG

Banca Examinadora:

Prof.^a Silvana Silva, Dra.
Orientadora
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof.^a Gabriela Barboza, Dra.
Universidade Federal do Rio Grande

Prof.^a Isabela Barbosa do Rego Barros, Dra.
Universidade Católica de Pernambuco

Prof. Valdir do Nascimento Flores, Dr.
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Ari Ritzel e Marcia Arnhold, por me mostrarem a importância da Educação, sempre incentivando meus estudos. Por me permitirem sonhar e ser quem sou.

Aos meus amigos, por darem apoio e suporte ao longo dessa etapa, não me deixando desanimar. Do Paranhana: Caio, Carolina, Evelin, Fábio, Laisa e Otavio. E, de Porto Alegre: Alisson, Ana, Bruna, Harry, Isadora, Kamila, Mateus e Matheus. Por me fazerem mais feliz e mais forte.

Aos corpos docente e discente do curso de Letras da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, em especial às professoras Sabrina Vier e Vera Mello. Por me iniciarem no caminho da docência e da linguística, apresentando-me a Enunciação e Émile Benveniste.

Aos corpos docente e discente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, em especial aos professores Alessandra Vieira, Anamaria Welp, Fábio Barbosa Filho, Heloísa Rosário, Luciana Vinhas, Luiza Milano, Ubiratã Alves e Valdir Flores. Por me receberem em suas maravilhosas aulas, permitindo-me questionar e aprofundar meus estudos linguísticos.

Aos professores que compõem a banca de defesa da presente dissertação, Dra. Gabriela Barboza, Dra. Isabela Barbosa do Rego Barros e Dr. Valdir do Nascimento Flores, por aceitarem prontamente o convite de leitura e avaliação. Por estarem presentes e contribuírem tanto nesse momento de finalização.

À minha orientadora, Dra. Silvana Silva, por acreditar em mim e neste trabalho, bem como por todos os conselhos, apontamentos, sugestões e correções. Sem sua orientação e ensinamentos, esta proposta não se construiria. E, ainda, por me ensinar a ser linguista.

Mas o que talvez diferencie o linguista é que ele se ocupa da relação entre a linguagem e as línguas. Há uma materialidade no sentido de que não podemos fazer como se as línguas não existissem e como se o recurso à expressão “atividade de linguagem” bastasse para solucionar o problema. (Antoine Culioli em *Mesa-redonda: discurso história-língua*, no Colóquio *Materialidades Discursivas* de 1980 [In: CONEIN *et al*, 2016, p. 295-296])

RESUMO

Os estudos enunciativos têm ampliado consideravelmente a diversidade de seus focos de atenção, o que promoveu uma grande amplitude aos trabalhos na área. Uma dessas atenções mais recentes repousa sobre a diversidade das línguas e sua relação com o falante. O presente trabalho, portanto, busca contribuir para a discussão dessa preocupação atual. Para isso, trilha-se um caminho teórico que começa nas investigações iniciais de Ferdinand de Saussure (2004, 2012), concentra-se nos estudos enunciativos de Émile Benveniste (2005, 2006, 2014) e culmina na leitura antropológica proposta por Valdir Flores (2013, 2015, 2019). A partir dessas contribuições, constrói-se uma proposta metodológica embasada na Antropologia da Enunciação, que consiste na análise de trechos da obra autobiográfica *A língua absolvida*, de Elias Canetti (2010), selecionados por conterem comentários escritos sobre experiências pessoais com a(s) língua(s), momentos em que o falante usa a língua para falar sobre a própria língua, em um esforço metalinguístico. Como conceitos fundamentais da análise são consideradas a autorreferência, a intersubjetividade, a significância, a autointerpretância e a metalinguagem e, como conceitos operacionais, contemplam-se as noções de contorno de sentido, modalização e atitude linguística. E, a partir das análises, é possível perceber como a diversidade das línguas, no plural, contribui para a construção da universalidade da língua, no singular, dentro do ponto de vista particular do falante. Ao longo da obra analisada, o autor-narrador demonstra um processo de (des)construção de sua percepção pessoal acerca das línguas – e, conseqüentemente da língua –, que resulta em um posicionamento mais social e democrático. Assim, destacam-se e se discutem pontos relevantes para a constituição do homem na língua, bem como da língua no homem.

Palavras-chave: antropologia da enunciação; Elias Canetti; metalinguagem; línguas.

ABSTRACT

Enunciative studies have considerably expanded the diversity of their attention focus, which has promoted a great breadth of research in the area. One of these more recent awareness rests on the diversity of languages and their relationship with the speaker. The present work, therefore, seeks to contribute to the discussion of this current concern. To achieve this, a theoretical path is followed that begins with the initial investigations of Ferdinand de Saussure (2004, 2012), focuses on the enunciative studies of Émile Benveniste (2005, 2006, 2014) and culminates in the anthropological reading proposed by Valdir Flores (2013, 2015, 2019). Starting from these contributions, a methodological proposal is constructed based on the Anthropology of Enunciation, which consists of the analysis of excerpts from the autobiographical work *The Tongue Set Free*, by Elias Canetti (2010), selected due to the written comments they contain about personal experiences with the language(s), moments in which the speaker uses the language to talk about the language itself, in a metalinguistic effort. Self-reference, intersubjectivity, significance, self-interpretation and metalanguage are considered as fundamental concepts of the analysis and the notions of meaning contour, modalization and linguistic attitude are considered as operational concepts. And, from the analyses, it is possible to observe how the diversity of languages, in the plural, contributes to the construction of the universality of the language, in the singular, within the speaker's particular point of view. Throughout the analyzed work, the author-narrator demonstrates a process of (de)construction of his personal perception about languages – and, consequently, language –, which results in a more social and democratic positioning. Thus, relevant points for the constitution of the man in the language, as well as the language in the man, are highlighted and discussed.

Keywords: enunciation anthropology; Elias Canetti; metalanguage; languages.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – As línguas não-indo-europeias contempladas por Benveniste	54
Figura 2 – As línguas na concepção saussuriana	78
Figura 3 – As línguas na concepção benvenistiana	80
Figura 4 – Relação entre os itens enunciativos observáveis em um comentário ...	114
Figura 5 – Dupla triangulação entre as relações do “eu” narrador e suas principais mobilizações linguísticas	115
Quadro 1 – Presença das línguas no PLG I: extração a partir do índice remissivo..	48
Quadro 2 – Presença das línguas no PLG II: extração a partir do índice remissivo.	51
Quadro 3 – Glossário de termos metodológicos principais	117
Quadro 4 – Trecho 1	121
Quadro 5 – Trecho 2	124
Quadro 6 – Trecho 3	127
Quadro 7 – Trecho 4	129
Quadro 8 – Trecho 5	131
Quadro 9 – Trecho 6	134

SUMÁRIO

RESUMO	10
ABSTRACT	11
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	12
SUMÁRIO	13
CONSIDERAÇÕES INICIAIS	15
1 LÍNGUA, LINGUAGEM, LÍNGUAS	19
1.1 FERDINAND DE SAUSSURE	23
1.1.1 O Curso de Linguística Geral: a(s) língua(s) como objeto por excelência	26
1.1.2 Os Escritos de Linguística Geral: a(s) língua(s) no tempo e no espaço ...	35
1.2 ÉMILE BENVENISTE	45
1.2.1 PLG I: as línguas e a relação com o pensamento linguístico	55
1.2.2 PLG II: as línguas e a relação com o pensamento antropológico	68
1.3 ENTRE O PARTICULAR E O UNIVERSAL: AS LÍNGUAS (NO PLURAL) COMO UMA QUESTÃO FUNDAMENTALMENTE ANTROPOLÓGICA	77
2 ANTROPOLOGIA, ENUNCIÇÃO, ESCRITA	82
2.1 CONCEITOS FUNDAMENTAIS DO ANTROPOLÓGICO EM BENVENISTE	86
2.1.1 (Auto)referência.....	87
2.1.2 (Inter)subjetividade	89
2.1.3 Significância	91
2.1.4 (Auto)interpretância	93
2.1.5 Metalinguagem	94
2.2 CONCEITOS OPERACIONAIS DO ANTROPOLÓGICO EM BENVENISTE	96
2.2.1 O aparelho formal da enunciação: no coração do homem na língua	97
2.2.2 Testemunhos antropológicos da língua no homem: o caso da escrita ..	107
2.3 CONSEQUÊNCIAS DE UMA PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA PARA AS RELAÇÕES ENTRE LÍNGUAS: O FALANTE COMO ETNÓGRAFO DE SI MESMO PELA ESCRITA.....	113
3 FALANTE/ESCREVENTE, SUA LÍNGUA, SUAS LÍNGUAS	117

3.1 AUTOR E OBRA	118
3.1.1 Elias Canetti.....	118
3.1.2 A língua absolvida.....	119
3.2 PROPOSTA DE ANÁLISE	120
3.2.1 Lobos e lobisomens: as línguas e as memórias	120
3.2.2 Serpentes e letras: a naturalidade das línguas	124
3.2.3 O Burgtheater em casa: a avaliação da língua	127
3.2.4 O incansável: a língua como forma de aproximação	129
3.2.5 Espionagem: a língua como forma de distanciamento.....	131
3.2.6 O canário: o direito à língua	134
3.3 BALANÇO ANALÍTICO: A(S) LÍNGUA(S) PARA O AUTOR-NARRADOR.....	136
CONSIDERAÇÕES FINAIS	139
REFERÊNCIAS.....	146
ANEXO A – Indo-europeu	149

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Benveniste segue sendo um dos grandes nomes da Enunciação. Suas contribuições para os estudos linguísticos, além de ter um alcance inimaginável, constituem uma linha de pensamento muito singular em relação tanto à língua quanto à própria linguística como área científica e não à toa o autor pode ser considerado como “a exceção francesa” (DOSSE, 2018). Para o autor, é inconcebível a ideia de se estudar a língua sem se levar em conta o homem, o falante. O homem está, sempre e necessariamente, na língua (e, segundo Valdir Flores, a recíproca é verdadeira) e é justamente por isso que “lemos outros linguistas (afinal é preciso), mas gostamos de Benveniste” (BARTHES, 2012, p. 213)

Ora, estudar Benveniste implica (ou ao menos deveria implicar), necessariamente, estudar Saussure. Muito além do simples fato da proposta de Benveniste não ter podido existir sem sua profunda leitura da obra saussuriana, é Saussure quem instaurou a linguística como ciência moderna, elevando a língua a seu principal objeto. E, talvez até mais importante do que isso dentro da proposta apresentada neste trabalho, é Saussure quem define que a melhor maneira de se estudar a universalidade e singularidade da língua é estudando a diversidade e pluralidade das línguas.

“Língua e linguagem são apenas uma mesma coisa: uma é a generalização da outra. Querer estudar a linguagem sem se dar ao trabalho de estudar suas diversas manifestações que, evidentemente, são as línguas, é uma empreitada absolutamente inútil e quimérica; por outro lado, querer estudar as línguas esquecendo que elas são primordialmente regidas por certos princípios que estão resumidos na ideia de linguagem é um trabalho ainda mais destituído de qualquer significação séria, de qualquer base científica válida.” (SAUSSURE, 2004 [1891], p. 128-129)

E Benveniste é um dos linguistas que melhor põe em prática tais instruções do mestre genebrino (FLORES, 2013). Ao estudar funções específicas comparando os mais diversos idiomas em sua pluralidade – e veremos muitos exemplos dessa prática ao longo desta dissertação –, o autor acaba descobrindo questões universais da língua em sua singularidade. Assumimos, portanto, além da clara inspiração, um

movimento de continuidade entre complementaridade entre os linguistas suíço e francês.

Seguindo o percurso que começa em Saussure e passa por Benveniste, tendo em vista o homem e suas relações com língua, linguagem e língua, chegamos a uma perspectiva nova, baseada na leitura antropológica feita por Valdir Flores das teorizações enunciativas benvenistianas. Trata-se de uma proposta nova, chamada de Antropologia da Enunciação. Dentro dessa perspectiva, o homem e o que ele tem a dizer sobre sua experiência como falante são postos no centro da discussão, criando uma espécie de “etnografia de si mesmo”.

Língua e linguagem são pontos cruciais para a proposta aqui empreendida. E, na perspectiva enunciativa centrada em Benveniste, as temáticas têm recebido sua devida atenção, sendo relacionados aos mais diversos assuntos. Dentre esses trabalhos, destacam-se as pesquisas de Silva (2013), Knack (2016), Barboza (2018) e Aresi (2020), entre tantas outras interessantes. No entanto, são as línguas, no plural, que mais interessam a este trabalho. Acreditamos, portanto, que estudá-las, levando-se em conta sua relação com o falante, também constitui uma maneira interessante e profunda de se estudar as questões mais abrangentes, língua, no singular, e linguagem.

Nesse sentido, a autoria do trabalho é afetada e mobilizada diretamente por três principais níveis pessoais para a realização desta pesquisa: primeiramente, como linguista (em formação) com alto interesse pela diversidade linguística e suas complexas relações; em segundo lugar, como docente de línguas (ou idiomas) adicionais (ou estrangeiros, ou secundários, ou não-maternos, etc.) que percebe relações diversas entre seus discentes e suas línguas; e, em terceiro lugar, como falante multilíngue (ou poliglota, ou translíngue, etc.) que percebe essas profundas relações, também, dentro de si.

Além disso, a temática da diversidade linguística parece ter despertado o interesse dos estudos enunciativos mais recentemente, apesar de ser explorada à exaustão dentro de outras áreas mais tradicionais da linguística. Nos estudos enunciativos benvenistianos, a questão da língua materna, com ênfase em seu aspecto aquisicional, recebe destaque nas pesquisas de Silva (2007), Diedrich (2015) e Oliveira (2022), por exemplo. Quanto à relação das línguas com o próprio autor, Benveniste, relevamos o trabalho de Hoff (2023) e seu detalhado inventário.

Já dentro da abordagem da Antropologia da Enunciação, destacamos a pesquisa de Malhoit (2023) sobre a experiência entre-línguas¹ de imigrantes. E, numa perspectiva mais saussuriana, lembramos do trabalho de Gomes (2016) sobre a aquisição de línguas estrangeiras.

O objetivo principal deste trabalho consiste, portanto, em estabelecer uma proposta de pesquisa que analise com profundidade as relações particulares entre um falante e as suas línguas, no plural, ressaltando características mais abrangentes ligadas à língua, à linguagem e ao próprio homem. Já os objetivos específicos são: (i) construir uma base teórica bem fundamentada para abarcar a proposta enunciativa do trabalho, mais especificamente dentro da Antropologia da Enunciação; (ii) elaborar uma proposta metodológica que possa ser utilizada para análises de comentários escritos, dentro dessa perspectiva antropológico-enunciativa; e (iii) pôr em prática essa proposta metodológica, buscando analisar as relações entre o enunciador e a enunciação, mais especificamente entre o falante (ou melhor, o escrevente) e a(s) língua(s). E, com a intenção de contemplar cada um desses três objetivos específicos, tendo em mente, sempre, o objetivo principal, dividimos o trabalho em três capítulos principais.

O primeiro capítulo, intitulado *Língua, linguagem, línguas*, contempla a proposta teórica do trabalho e visa a completar o primeiro objetivo específico do trabalho. Nesse capítulo, abordamos as considerações teóricas de dois importantes linguistas modernos. Primeiro, discutimos as teorizações de Ferdinand de Saussure, selecionadas a partir do *Curso de linguística geral* e dos *Escritos de linguística geral*, referentes à linguagem, à língua e, principalmente, às línguas. Depois, verificamos as contribuições de Émile Benveniste referentes aos mesmos tópicos, selecionadas dos dois volumes dos *Problemas de linguística geral*. O capítulo constrói uma base teórica que sustenta as duas propostas contidas nos dois seguintes capítulos e argumenta em favor da análise das línguas, no plural, e suas muitas questões para melhor se compreender e estudar a língua, no singular; tudo isso dentro do grande âmbito geral da linguagem.

¹ É importante lembrarmos das muitas discussões interessantes realizadas nos encontros do ainda bastante recente Grupo de pesquisa Viver Entre Línguas, que foram fundamentais durante todo o processo de construção do presente trabalho.

O segundo capítulo, que recebe o título de *Antropologia, enunciação, escrita*, contém a proposta metodológica do trabalho e está diretamente ligado ao segundo objetivo específico apresentado. Nesse capítulo elaboramos uma metodologia alinhada com a Antropologia da Enunciação a partir das leituras de Valdir Flores, sobretudo de seu livro *Problemas gerais de linguística*, e um breve retorno ao texto benvenistiano *O aparelho formal da enunciação*. Destacamos dois tipos principais de conceitos, essenciais para a proposta, a ser abordados ao longo das análises: conceitos fundamentais e conceitos operacionais. As noções discutidas nessa seção aparecem como pontos principais do capítulo seguinte, principalmente aquelas ligadas aos conceitos operacionais: contorno de sentido, modalização e atitude linguística. Já entre os conceitos fundamentais, sublinhamos a autorreferência, a intersubjetividade, a significância, a autointerpretância e, por fim, a própria metalinguagem.

E o terceiro e último capítulo, intitulado *Falante/escrevente, suas línguas, sua língua*, apresenta a proposta analítica do trabalho, estando alinhado ao terceiro objetivo específico. A partir da fundamentação teórica e da elaboração metodológica desenvolvidas nos dois capítulos anteriores, colocamos em prática a realização da proposta de análise contida nesse capítulo. Conduzimos a análise, então, a partir de seis trechos do livro autobiográfico *A língua absolvida*, de Elias Canetti, selecionados por conterem comentários em que o autor-narrador reflete sobre suas experiências linguísticas durante a infância e juventude.

Por fim, fazemos algumas considerações finais a fim de se concluir e sintetizar o presente trabalho. Essas conclusões finais apontam para achados interessantes e coerentes com a proposta, tanto a nível particular – relacionado às línguas – quanto a nível universal – relacionado à língua.

E, para finalizar, vale lembrar o caráter experimental da proposta, sendo ela uma tentativa inicial de abordar a questão da multiplicidade de línguas e sua relação com o homem dentro da proposta benvenistiana. Ao abordarmos as relações pessoais de um falante e suas línguas, dentro da perspectiva da Antropologia da Enunciação (FLORES, 2019), podemos estabelecer uma profunda reflexão e uma interessante discussão sobre as complexas relações entre o homem e a língua, entre o homem e a linguagem e entre o homem e as línguas.

1 LÍNGUA, LINGUAGEM, LÍNGUAS

A língua é um traje de remendos feitos do próprio tecido.
(SAUSSURE, 2012 [1916], p. 230)

Apesar de parecidos e de estarem intimamente conectados, os três termos que intitulam o presente capítulo apresentam grandes diferenças, sobretudo no quadro teórico. Busca-se, então, nesse primeiro capítulo, delimitar as noções de língua e linguagem seguidas ao longo de todo o trabalho, bem como debater como essas noções relacionam-se com a temática principal do estudo: as línguas, no plural. O capítulo está organizado em duas seções principais. Antes delas, porém, a discussão é introduzida com o apoio das contribuições do linguista alemão Jürgen Trabant acerca da história da linguística, levando-se em conta, principalmente, as questões norteadoras do capítulo — língua, linguagem e línguas. A primeira seção, por sua vez, aborda com aprofundamento as contribuições de Ferdinand de Saussure sobre essas discussões. Já a segunda seção também aborda as questões norteadoras, porém sobre a perspectiva de outro linguista: Émile Benveniste.

O conceito de “língua” sempre foi ponto crucial para as principais discussões no âmbito da linguística. O que uma vez era considerado como apenas um código ou uma ferramenta de comunicação começa, com o desenvolvimento da linguística moderna, a ser visto com olhos mais atentos e passa a ser interpretado de maneira muito mais profunda. Já é sabido que essa primeira visão de língua está ultrapassada e que ela representa um sistema muito mais dinâmico e complexo, porém (e talvez justamente por isso) conceituá-la dentro desse paradigma não é tarefa tão simples.

Além da questão da língua em si, há que se refletir, também, tanto sobre a relação entre a noção de língua e seu desdobramento dentro da pluralidade quanto sobre a relação entre essa mesma ideia e o conceito de linguagem. Consideramos ser muito importante para este trabalho discutir essas noções, uma vez que se tem como tema principal a relação que as línguas estabelecem tanto entre si quanto entre elas e seus falantes.

Ao se analisar as publicações do grupo Estudos Saussurianos e Estudos Benvenistianos², da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), nota-se que as questões “língua” e “linguagem” aparecem como temática principal da grande maioria dos trabalhos. No entanto, a questão “línguas” (no plural) mostra-se bem menos abarcado nas pesquisas da área. Um trabalho muito interessante nesse sentido é o de Gomes (2016), que tem como pergunta norteadora “o que faz com que nos tornemos falantes e ouvintes de uma língua estrangeira?”. O processo de apropriação de línguas estrangeiras pelos falantes ganha destaque principal e é explicado pela pesquisa como a singularização que cada falante faz ao aprender novas formas linguísticas e atualizar seu repertório. Nas palavras de Gomes, “um falante, ao criar na língua, torna própria tal forma e, ao fazê-lo, enriquece seu tesouro linguístico interior com aquela nova forma, isto é, com aquela nova associação entre massa amorfa de som e massa amorfa de sentido” (GOMES, 2016, p. 97). Esse processo, segundo a autora, então, cria um novo estado de língua a cada atualização.

Um linguista contemporâneo que se interessa bastante pela discussão é Jürgen Trabant. O linguista alemão mostra-se relevante para o debate, uma vez que se posiciona criticamente contra o apagamento atual feito pela maioria dos linguistas sobre a questão humana da linguagem, isto é, o estudo da língua por si mesma, sem se levar em consideração o homem. Trabant debate o trajeto das ideias linguísticas pela história em seu livro *A linguagem, objeto de conhecimento*. A obra, apesar de bastante breve, demonstra ser interessantíssima ao passo que discute questões que englobam os três conceitos destacados nesse capítulo (língua, linguagem e línguas), além de apresentar vários questionamentos e posicionamentos críticos em relação aos próprios estudos linguísticos.

Em um primeiro momento do livro, a argumentação principal de Trabant (2020) reside em explicitar a relação do homem com a fala, em especial sobre a complexa capacidade de se poder falar sobre a própria fala, usar a língua para falar da própria língua. O linguista objetiva falar sobre a mudança que o homem faz com a linguagem, transformando-a em objeto de conhecimento, a fim de responder as

² Análise realizada entre o final de 2021 e início de 2022. Desde então, o grupo já publicou novos trabalhos, inclusive dentro da temática, como a pesquisa de Hoff (2023).

perguntas “desde quando o fizemos? Como e por que o fizemos e continuamos a fazê-lo?” (TRABANT, 2020, p. 9)

Em princípio, a linguagem e as línguas não precisam se constituir como objetos de conhecimento. Em sua própria condição de fenômeno, elas já se constituem como conhecimento. Falar não é um objeto como outro qualquer, tal qual uma árvore ou um corpo humano, que simplesmente estão no mundo e temos de elevar à condição de objetos de conhecimento. Falar já é um conhecimento. (TRABANT, 2020, p. 21)

Trata-se, na verdade, de enxergar a linguística como uma ciência única, totalmente diferente das demais. Ora, cada campo da ciência tem o seu objeto particular e suas descrições e análises são sempre realizadas usando um meio comum: a língua. No caso da linguística, o objeto a ser descrito e analisado por meio da língua é a própria língua! Isso faz com que a linguística seja vista como uma ciência paradoxal e pode, inclusive, levar a uma discussão muito mais profunda sobre a sustentação da própria linguística como ciência. Apesar de extremamente interessante e tentadora, acredita-se que tamanha discussão não cabe a esse trabalho.

Voltando a Trabant (2020), o que eleva a linguagem aos status de objeto de conhecimento é a ocorrência de um problema comunicativo ou um problema cognitivo. E, um pouco mais adiante no livro, ele ressalta a discussão do “estatuto cultural” das línguas como uma questão fundamentalmente cognitiva. Trata-se de uma discussão antiga, que tem suas origens na elevação do latim a uma condição de superioridade em relação às demais línguas, ditas vulgares. Esse debate cria uma ruptura nos estudos linguísticos, levando a formas distintas de se posicionar frente à problemática. Para o linguista alemão, basicamente, existem duas formas de se trabalhar: ou se concebe a língua como um objeto unitário ou como um objeto diverso.

Dentro dessa linha, afirma-se que a unidade linguística está ligada à ideia de que “todas as línguas remontam à mesma origem”; sua pesquisa é considerada histórica, pois tem como foco a questão temporal. Já sobre a diversidade linguística, é dito que está associada aos fatos de que “há pensamentos diferentes nas línguas” e também que “as pessoas veem o mundo diferentemente”; além disso, sua

pesquisa é antropológica, uma vez que está muito mais interessada na questão espacial. (TRABANT, 2020)

Consoante Trabant (2020), ainda, o modo da diversidade linguística está muito intimamente relacionado à linguística que se desenvolveu na América do Norte, enquanto o modo da unidade tem fortes raízes nos estudos linguísticos desenvolvidos na Europa. Trata-se de duas abordagens diferentes, mas não necessariamente excludentes; são duas formas diferentes de conceber uma antropologia linguística. Para o autor, o que realmente está em jogo é o aspecto fundamentalmente humano da linguagem. Portanto, ao final das discussões, conclui-se que:

A linguagem torna possível também o desenvolvimento do conhecimento sobre a própria linguagem. E, ao tornar possível o conhecimento sobre si mesma, ela também possibilita o conhecimento sobre o ser, cuja linguagem é sua marca específica, ou seja, ela torna possível um conhecimento mais profundo do próprio ser humano. (TRABANT, 2020, p. 84)

Nesse sentido, defendemos, na presente dissertação, uma visão linguística que busque realizar um trabalho que coloque o homem no centro de sua relação com a(s) língua(s), visando a alcançar uma proposta linguística verdadeiramente antropológica. Para tal, buscamos trilhar um percurso teórico que perpassa por autores que contribuem, direta ou indiretamente, para o estabelecimento desse ponto de vista mais diverso, simbólico e humano.

Assim, trazem-se as contribuições de dois importantes linguistas — Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste — a fim de melhor embasar os três conceitos que parecem ser relevantes para essa discussão, bem como para as demais discussões do trabalho: língua, linguagem e línguas (no plural). É interessante destacar que suas ideias, apesar de apresentarem consideráveis diferenças, se aproximam em diversos pontos e, em certos momentos, podem ser consideradas complementares. Isso possivelmente se deve ao fato de ambos os autores terem como principal indagação o funcionamento da linguagem humana ao fazer uma mesma pergunta norteadora: afinal, como a língua significa? Ousamos, ainda, adicionar um outro questionamento interessante que é possível de se ver nas contribuições dos autores, talvez não com tanto destaque quanto o primeiro: como a língua relaciona o falante à própria língua?

1.1 FERDINAND DE SAUSSURE

Nascido em Genebra, na Suíça, em 1857, Ferdinand de Saussure foi um grande linguista e filósofo da linguagem. Ele é considerado até os dias atuais o precursor da linguística moderna. Após sua morte, em 1913, Charles Bally e Albert Sechehaye, seus colegas, reuniram anotações de alunos que participaram dos cursos ministrados pelo mestre na Universidade de Genebra e as editaram na forma do *Curso de Linguística Geral*³, lançado em 1916 de maneira póstuma. A obra é considerada um grande divisor de águas na história da linguística.

No primeiro volume da *História do Estruturalismo* (que recebe o subtítulo de *le champ du signe*, “o campo do signo” em português), de 1991, François Dosse, dedica um capítulo a Ferdinand de Saussure. Com título “o corte saussuriano”, o capítulo destaca as contribuições saussurianas na direção de inovar o pensamento linguístico de sua época.

Saussure oferece uma interpretação da língua que a coloca resolutamente do lado da abstração para afastá-la do empirismo e das considerações psicologizantes. Funda assim uma nova disciplina, autônoma em relação às outras ciências humanas: a linguística. Uma vez estabelecidas suas regras próprias, ela vai, por seu rigor, seu grau de formalização, arrastar em sua esteira todas as outras disciplinas e fazê-las assimilar seu programa e seu método. (DOSSE, 2018 [1991], p. 88)

Para Dosse (2018 [1991]), Saussure destacou-se dentro dos estudos da linguagem por propor uma organização interna à linguística, com o objetivo de elevá-la ao *status* de ciência. Trata-se, na verdade, de um “corte”, uma vez que Saussure pode ser visto como um divisor de águas para os estudos linguísticos, supondo-se uma linguística pré-saussuriana, bem como uma linguística pós-saussuriana. Ao analisar os depoimentos de alguns outros linguistas (François Gadet, Roland Barthes, Claudine Normand, Jean-Claude Coquet, etc) acerca do mestre genebrino, François Dosse apresenta a formalização dos princípios fundamentais dos estudos linguísticos da época — uma linguística histórica — como principal motivo da existência desse “corte saussuriano”

³ A partir daqui, tratado também como *Curso*.

Dosse (2018 [1991]), destaca, ainda, o quanto a obra demorou para ser reconhecida entre os linguistas, atingindo seu auge apenas nos anos 1960. Cabe, além disso, destacar a curiosa atribuição dada a Saussure de “pai do estruturalismo”. Considera-se essa atribuição como uma má interpretação de Saussure e sua obra, uma vez que não existem traços do autor que apontem para esse entendimento em seus escritos. O fato é que o linguista genebrino nunca usou o termo “estrutura” e sempre categorizou a língua como algo muito menos rígido: um sistema. Segundo Dosse (2018 [1991]), isso se deve, em parte, à ambiciosa proposta de Saussure de ver a linguística apenas como uma parte de uma ciência semiológica geral, sendo a vontade de a colocar em prática (com a linguística no centro) o principal impulso do projeto estruturalista.

No texto intitulado “Saussure após meio século”, de 1963, Émile Benveniste chama a atenção para o papel fundamental de Ferdinand de Saussure para o desenvolvimento dos estudos linguísticos, destacando sua visão crítica sobre a linguística de sua época que levou a seus muitos questionamentos sobre a falta de fundamentos que julgava assombrar a área e que culminou na grandeza de sua obra. Além de problematizar a ligação de Saussure à tendência estruturalista, Benveniste discorre, ainda, sobre a revelação de que “estudar uma língua leva inevitavelmente a estudar a linguagem” (BENVENISTE, 2005 [1963], p. 41) e a preocupação que o mestre tinha com a ligação entre a língua e os fenômenos sociais, sugerindo uma preocupação inicial pela temática “cultura”. Por fim, Benveniste conclui:

A linguística tornou-se numa ciência importante entre as que se ocupam do homem e da sociedade, uma das mais ativas na pesquisa teórica assim como nos seus desenvolvimentos técnicos. Ora, essa linguística renovada é em Saussure que tem sua origem, é em Saussure que se reconhece e se reúne. Em todas as correntes que a atravessam, em todas as escolas em que se divide, proclama-se o papel precursor de Saussure. Essa semente de claridade, recolhida por alguns discípulos, tornou-se numa grande luz, que descortina uma paisagem cheia da sua presença. (BENVENISTE, 2005 [1963], p. 49)

Dito tudo isso, passamos, então, para a discussão de alguns pontos de Ferdinand de Saussure acerca da língua, da linguagem e das línguas. Para o presente trabalho, selecionamos alguns capítulos do *Curso de Linguística Geral* (2012 [1916]), bem como algumas passagens encontradas nos *Escritos de*

*Linguística Geral*⁴ (2004 [2002]). Os textos destacados foram escolhidos por tratarem sobre as questões principais abordadas neste capítulo, com destaque especial para as línguas no plural, e conterem posicionamentos relevantes do autor sobre a discussão proposta.

A fim de se selecionarem devidamente os textos mais interessantes do autor relacionado à questão da pluralidade das línguas, consultaram-se os índices onomásticos das duas obras, o *Curso* e os *Escritos*.

No Índice Analítico do *Curso*, constam quatro ocorrências do termo “linguagem” e doze ocorrências do termo “língua”. Desses, destaca-se a última apresentação de língua, “línguas e dialetos”. Quanto ao termo “línguas”, no plural, constam apenas cinco, sendo elas “fronteiras entre as línguas”, “línguas superpostas num mesmo território”, “línguas lexicológicas e gramaticais”, “línguas especiais” e “línguas artificiais”. Todas essas marcações destacadas apontam para os três primeiros capítulos da quarta parte do livro, a Linguística Geográfica, exceto as duas últimas, que dizem respeito a línguas “especiais” e “artificiais”, descartadas do *corpus* por não abarcar tópicos desenvolvidos ao longo deste trabalho. Muito interessante, nota-se, ainda, o termo “diversidade das línguas” no Índice, com três marcações: “diversidade das línguas”, “diversidade das línguas no parentesco” e “diversidade das línguas absoluta”. E, não surpreendentemente, todas elas também estão ligadas aos mesmos três capítulos da quarta parte do CLG.

Já no *Index Rerum* dos *Escritos*, existem muitas indicações para os termos “língua” (cinquenta e nove) e “linguagem” (também cinquenta e nove), porém nenhuma indicação para o plural “línguas”. Das ocorrências de “língua”, praticamente todos indicam justamente para a língua singular, e apenas algumas poucas delas para a pluralidade; duas apontam para as três Conferências de Genebra, uma aponta para algumas notas preparatórias para os Cursos de Linguística Geral (“divisão do curso e linguística geográfica”) e as outras quatro apontam para pequenos trechos de assuntos já abordados pelas conferências (como “nota sobre a história das línguas”, “famílias de línguas” e “descontinuidade geográfica”) ou para discussões mais específicas e não tão interessantes para este

⁴ A partir daqui, tratado também como *Escritos*.

trabalho (como “as línguas celtas”). Curiosamente, das dezoito indicações para o termo “diversidade”, apenas quatro estão direcionadas para a diversidade das línguas, todas referentes às notas sobre “divisão do curso e linguística geográfica”; as demais ocorrências referem-se a outras diversidades (do signo, da forma, do som, etc).

Dessa forma, podemos resumir a seleção dos textos para o recorte de *corpus* com os seguintes textos: do *Curso*, os três capítulos da quarta parte (Linguística Geográfica), “Da diversidade das línguas”, “Complicações da diversidade das línguas” e “Causas da diversidade das línguas”; e, dos *Escritos*, as três partes (a, b e c) do segundo tópico do segundo capítulo (Antigos documentos) da terceira seção do livro (Outros Escritos de Linguística Geral), “Primeira conferência na Universidade de Genebra”, “Segunda conferência na Universidade de Genebra” e “Terceira conferência na Universidade de Genebra” e a primeira parte (a) do segundo capítulo (Antigos Documentos) da quarta parte do livro (Notas preparatórias para os Cursos de Linguística Geral).

1.1.1 O Curso de Linguística Geral: a(s) língua(s) como objeto por excelência

Publicado originalmente em 1916, a obra célebre é considerada por muitos como a inauguração da linguística moderna. Tendo como objetivo formalizar os estudos linguísticos como ciência ao tentar delimitar seus fundamentos, defende-se a língua, então, como o objeto dessa nova área científica. Sendo ela “ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 41), nota-se, claramente, um caráter duplo de funcionamento da língua, que tange inclusive a relação (também muito complexa) entre forma e sentido.

Apesar de muito criticado por não ser uma escrita “de próprio punho” de Ferdinand de Saussure, sendo considerado uma obra oral, editada e publicada por dois de seus colegas – Bally e Sechehaye –, o livro segue sendo uma das principais publicações dentro dos estudos linguísticos. Acreditamos e defendemos que essas críticas são em grande parte infundadas e que a edição feita pelos colegas do mestre genebrino condiz com seus pensamentos, uma vez que está de acordo com

os comentários feitos por diversos outros alunos de Saussure, bem como com a vasta produção publicada nos *Escritos de Linguística Geral*.

Assim, escolhemos mais dois capítulos da obra julgados como pertinentes para a discussão proposta neste capítulo, uma vez que contemplam conceitos mais gerais considerados – ao menos por nós – essenciais na fundamentação teórica saussuriana e, portanto, indissociáveis dos conceitos mais específicos ligados à diversidade das línguas. O corpus de análise da contribuição saussuriana do *Curso* é composto, portanto, por cinco capítulos. Os dois primeiros (*Objeto da linguística* e *O valor linguístico*), foram selecionados por desdobrar o debate sobre a relação entre língua e linguagem. Já os três últimos (*Da diversidade das línguas*, *Complicações da diversidade geográfica* e *Causas da diversidade geográfica*), foram escolhidos por abarcar mais pontualmente a pluralidade das línguas.

1.1.1.1 Objeto da linguística

Talvez um dos trechos mais icônicos do *Curso de Linguística Geral*, este terceiro capítulo da Introdução tem como objetivo delimitar o objeto da linguística aos olhos de Ferdinand de Saussure. Ele denuncia o problema da linguística de sua época: a falta de consenso em delimitar o objeto de sua área científica. Ao apresentar as diferentes maneiras de se analisar as questões linguísticas (fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, etc), o linguista suíço expõe que não há maneira superior ou mais correta em detrimento das outras e culmina em sua frase célebre “é o ponto de vista que cria o objeto” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 39)

Primeiramente, Saussure debate sobre aquilo que considera serem os principais problemas ao se pensar sobre língua e linguagem. Todos paradoxais, seriam eles: (i) a língua não poder ser reduzida aos sons, tampouco os sons serem separados da articulação vocal; (ii) o som precisar, obrigatoriamente, de um correspondente mental, uma ideia para se sustentar na língua e na linguagem; (iii) a linguagem possuir tanto um lado individual quanto um lado social, indissociáveis; e (iv) a linguagem ser constituída, ao mesmo tempo, de um processo de estabilidade e de um processo de evolução.

Após essas discussões, o autor passa a tentar definir a língua e, ao fazê-lo, ele acaba definindo, também, a linguagem. Chega-se então a um início de definições:

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 41)

Assim, a linguagem acaba se mostrando, de certa forma, muito mais abstrata; ela diz respeito às mais diversas áreas. Talvez por isso Saussure tenha preferido a língua como o objeto da linguística. No entanto, é essencial destacar, sempre, a relação integrada e indissolúvel entre a linguagem e a língua.

A partir daí, o autor passa para algumas questões mais amplas, que envolvem a discussão sobre a natureza, tanto da linguagem quanto do homem. Para Saussure, “não é a língua que é natural ao homem, mas a faculdade de constituir uma língua” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 42) Isso significa dizer que o homem é dependente não apenas da língua, mas também da linguagem e é isso que as tornam áreas tão interessantes para estudo. Sendo assim, Saussure então conclui: “é a língua que faz a unidade da linguagem” (p. 42).

Em seguida, Saussure se propõe a delimitar o lugar da língua nos fatos da linguagem. Para isso, é necessário inserir um novo componente para a discussão: o ato individual, ou seja, a fala. Consoante o mestre genebrino, o circuito da fala exige a existência de dois indivíduos, que serão eternizados por linguistas posteriores como “falante” e “ouvinte”, “locutor” e “alocutário”, “eu” e “tu” ou, até, “emissor” e “destinatário”.

É necessário, então, diferenciar agora a língua da fala. De acordo com as contribuições saussurianas, a língua é coletiva, social, além de ser considerada como um elemento essencial. A fala, por sua vez, é individual e acaba sendo considerada um elemento acessório, acidental. Apesar disso, as duas acabam por desenvolver mais uma relação paradoxal e de interdependência, pois “a língua não

está completa em nenhum [indivíduo], e só na massa ela existe de modo completo” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 45)

Para resumir, Saussure recapitula as principais características da língua de acordo com suas observações. São os caracteres da língua: (i) ser um objeto delimitado dentro da heterogeneidade da linguagem, sua parte social e exterior ao indivíduo; (ii) ser passível de estudo individual, diferente da fala; (iii) ser constituída por um sistema de signos; e (iv) ser de natureza concreta, assim como a fala.

Depois, o autor discute o lugar da língua nos fatos humanos. Por se tratar de uma instituição social única, a língua é passível de classificação dentro dos fatos humanos, ao contrário da linguagem. Para Saussure, esse lugar da língua nos fatos humanos seria uma ciência completamente nova: a Semiologia. Essa ciência visa a estudar “a vida dos signos no seio da vida social”, ou seja, os diferentes sistemas de signos usados pelo homem, e é justamente a língua o mais importante desses sistemas.

Desse modo, a linguística seria uma parte dessa ciência geral chamada Semiologia, que abarcaria também outras áreas interessadas na linguagem, como, por exemplo, a psicologia. A partir disso, Saussure define a tarefa do linguista como “definir o que faz da língua um sistema especial no conjunto dos fatos semiológicos” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 48)

E, para finalizar e concluir o capítulo, o autor escolhe destacar a língua como a melhor ferramenta de análise dos signos, uma vez que

o problema linguístico é, antes de tudo, semiológico, e todos os nossos desenvolvimentos emprestam significação a esse fato importante. Se se quiser descobrir a verdadeira natureza da língua, será mister considerá-la inicialmente no que ela tem de comum com todos os outros sistemas da mesma ordem; (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 49)

1.1.1.2 O valor linguístico

Este quarto capítulo da segunda parte do livro, que recebe o título de “linguística sincrônica”, aborda o fato de a língua ser um sistema de valores puros. Entram em jogo, nesse momento, duas noções fundamentais para a constituição dos

signos: as ideias e os sons, intimamente ligadas às noções de significado e significante.

É importante, por isso, sinalizar a relação existente entre a língua e a arbitrariedade. Para Saussure, os signos que compõem a língua são formados por um laço inseparável e arbitrário entre significante – massa amorfa de sons – e significado – massa amorfa de ideias; isso significa que qualquer significado está suscetível a se ligar a qualquer significante, porém ambos existem apenas em relação um ao outro.

A língua é também comparável a uma folha de papel: o pensamento é o anverso e o som é o verso; não se pode cortar um sem cortar, ao mesmo tempo, o outro; assim tampouco, na língua, se poderia isolar o som do pensamento, ou o pensamento do som. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 159).

O trecho destaca a importância dos dois elementos para a constituição dessa entidade denominada língua. É importante lembrar que existe uma relatividade muito grande no sistema de valores, uma vez que o vínculo entre a ideia e o som é arbitrário. Para Saussure, “essa combinação produz uma forma, não substância” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 160), pois ele acredita que a linguística opera justamente no terreno limítrofe entre a massa amorfa de ideias e a massa amorfa de sons.

Saussure questiona-se, então se seriam o valor e a significação noções sinônimas. Ao pensar sobre essa problemática, ele chega à conclusão de que se trata de conceitos diferentes, porém consideravelmente próximos. Dentro dessa concepção, o valor constitui um dos elementos – talvez o mais importante – da significação, estando sob sua dependência. Argumenta-se, então, que o valor de um signo é resultado da existência simultânea dos valores dos demais signos, em uma relação solidária. Assim, os valores são constituídos por uma relação paradoxal entre algo dessemelhante (que pode ser substituído, por relações sintagmáticas) e algo semelhante (que pode ser comparado, por relações associativas).

Outro ponto importante (dependente do sistema de valores e ligado à arbitrariedade) deste capítulo é o fato de os conceitos não se formarem apenas na ligação entre os sons e ideias na formação de palavras. Esses conceitos formam-se, na verdade, dentro do jogo da significação e as relações de aproximação e afastamento entre os termos, o que impossibilita correspondências precisas de

valores. Nas palavras do autor, “se as palavras estivessem encarregadas de representar os conceitos dados de antemão, cada uma delas teria, de uma língua para a outra, correspondentes exatos para o sentido; mas não ocorre assim” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 163)

Ao fazer suas muitas análises sobre as línguas nomeadas e, também, sobre o sistema de escrita, Saussure afirma que o signo, em sua totalidade, é definido não por seus elementos conceitual e fônico em si, mas pela diferença desses elementos com os demais dentro do sistema. De acordo com ele, “na língua, como em todo sistema semiológico, o que distingue um signo é tudo o que o constitui”, pois “a diferença é o que faz a característica, como faz o valor e a unidade”. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 163)

Todas essas discussões levam às conclusões principais do capítulo, já discutidas ao longo da presente seção. Destaca-se, em primeiro lugar, o fato de que “a língua é uma forma e não uma substância”. E, em segundo, o fato de que “na língua só existem diferenças”. Distintivamente complexa, “a língua é, por assim dizer, uma álgebra que teria somente termos complexos”. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 169)

1.1.1.3 Da diversidade das línguas

Apesar de consideravelmente curto, o capítulo “Da diversidade das línguas” mostra-se muito interessante para análise, uma vez que, nele, são apresentadas as ideias de Saussure acerca das línguas (no plural). Trata-se do primeiro capítulo da quarta parte do livro, intitulada “linguística geográfica”. O autor começa este capítulo destacando essa diversidade entre as línguas nomeadas, dando ênfase para o quanto as relações espaciais da língua são mais perceptíveis do que as relações temporais.

O que primeiro surpreende no estudo das línguas é sua diversidade, as diferenças linguísticas que se apresentam quando se passa de um país a outro, ou mesmo de um distrito a outro. Conquanto as divergências no tempo escapem ao observador, as divergências no espaço saltam imediatamente aos olhos; [...] é exatamente por via dessas comparações

que um povo toma consciência de seu idioma. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 253)

Depois, acrescenta que “o termo idioma designa com muita precisão a língua como algo que reflete os traços próprios de uma comunidade” (p. 253). Pare ele, trata-se de uma questão antropológica bastante fundamental, porém que tende a ser interpretada erroneamente como um atributo, o que leva a uma falsa ideia de superioridade de um idioma (o materno) sobre os demais.

Dando continuidade à questão espacial, Saussure argumenta que essa diversidade das línguas nomeadas é um dos principais motivos que levam aos processos de análise linguística.

a diversidade geográfica foi a primeira comprovação feita em Linguística; ela determinou a forma inicial da pesquisa científica em matéria de língua, [...] Após verificar que dois idiomas diferem, somos instintivamente levados a descobrir analogias entre eles. Trata-se de uma tendência natural dos falantes. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 254)

De acordo com o autor, essas comparações por analogias são o que possibilita uma organização das línguas nomeadas em “famílias”, delimitadas por “parentescos”. Ao abordar esse assunto, também, Saussure demonstra certo interesse sobre a possibilidade de todas as línguas nomeadas estarem conectadas em sua origem (questão sem resposta que intriga os linguistas perpetuamente). Apesar de bastante inquietante, a ideia lhe parece pouco possível pois “o parentesco universal das línguas não é provável, mas se fosse verdadeiro, não poderia ser provado, por causa do excessivo número de mudanças ocorridas” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 255)

Finalmente, Saussure encaminha-se para uma análise sobre as diversidades das línguas. Segundo ele, existem dois tipos de diversidade nessa área: uma de parentesco e uma absoluta. A diversidade absoluta, isto é, sem um parentesco demonstrável, ocorre com os casos de línguas nomeadas em que não há como se provar uma relação dentro de suas evoluções tempo-espaciais, como, por exemplo, o inglês e o mandarim. Já a diversidade de parentesco ocorre com línguas nomeadas cuja evolução pode ser aproximada por pontos em comum, como, por exemplo, as línguas indo-europeias.

Dois idiomas podem diferir em todos os graus; assemelham-se espantosamente, como o zendá e o sânscrito; ou parecerem inteiramente dessemelhantes, como o sânscrito e o irlandês; todos os matizes intermediários são possíveis: assim, o grego e o latim estão mais perto um do outro que respectivamente do sânscrito etc. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 255)

Após essa observação, Saussure ainda entra na questão dos “dialetos”. Para ele, as diferenças dos dialetos distinguem-se apenas em número em comparação com as diferenças entre línguas nomeadas, sendo a questão principal, sua natureza, a mesma. Isso significa que, ao se observar as diferenças entre línguas nomeadas ou entre dialetos, teríamos o mesmo fenômeno observável, apenas em graus diferentes.

Essas contribuições mostram uma visão bastante progressista de Saussure em relação às línguas (no plural), além de estarem de acordo com a produção “de próprio punho” do autor. O mais interessante desse capítulo, portanto, é o reconhecimento de várias discussões propostas anteriormente pelo linguista suíço – nas conferências de Genebra –, mas publicadas apenas muito mais tardiamente, via *Escritos de Linguística Geral*.

1.1.1.4 Complicações da diversidade geográfica

No primeiro momento do capítulo, discute-se a coexistência de várias línguas num mesmo território. De antemão, defende-se como o fator principal da diversidade linguística a separação geográfica. A partir disso, aborda-se o que se considera como os fatores secundários da diversidade, que resultam na coexistência de dois ou mais idiomas em um mesmo território.

Ao se trazer vários exemplos de idiomas distintos que convivem ou já conviveram num mesmo espaço geográfico, a ponto de se afirmar que, na Antiguidade, “os países unilíngues constituíam a exceção” (p. 258), percebe-se que essa coexistência linguística implica, também, uma coexistência cultural. E, apesar dessa pluralidade linguística resultar, na maioria das vezes, de questões violentas ou de força, existem também movimentos que podem ser considerados mais pacíficos ou, até, mais naturais.

Com maior frequência, tal superposição de línguas foi consequência da invasão de um povo superior em força; mas havia também a colonização, a penetração pacífica; por fim, o caso das tribos nômades, que transportavam consigo sua linguagem. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 258)

Ainda no capítulo, discute-se a questão da língua literária e como ela influencia na diversidade das línguas e dos dialetos. De acordo com as ideias do linguista suíço, ela é a variação tida como “cultura” ou “oficial”, vista como superior às demais e à serviço da comunidade inteira. Dentro da proposta saussuriana, “abandonada a si mesma, a língua conhece apenas os dialetos, nenhum dos quais se impõe aos demais, pelo que ela está destinada a um fracionamento indefinido” (p. 258). Assim, a noção de “língua literária” é, também, uma convenção; existe uma seleção arbitrária por uma variedade de língua ou dialeto entre várias outras e essa variedade passa a ser vista como um “padrão” a ser seguido pela comunidade falante. Essa língua literária, portanto, aparece nos livros por ser a variedade escolhida socialmente como norma ou padrão; sua designação – literária – não é a causa do fenômeno, mas a consequência.

Outro ponto interessante sobre a questão da língua literária é a confirmação dos diferentes estados de língua, que, mesmo quando são consideravelmente próximos e parecidos, são tidos praticamente como idiomas diferentes. Segundo as palavras do *Curso*, “a língua literária não se impõe do dia para a noite, e uma grande parte da população passa a ser bilíngue, falando simultaneamente a língua de todos e o patuá local” (p. 259). Isso já demonstra uma posição bastante asseverativa sobre as relações das línguas entre si, especialmente sobre seus limites e fronteiras.

1.1.1.5 Causas da diversidade geográfica

Neste terceiro capítulo, busca-se apontar e explicar os motivos da existência da diversidade geográfica. Sem muitas delongas, explicita-se a causa principal e essencial: o tempo. Na concepção saussuriana, por mais que a separação geográfica apresente estados de língua diferentes, eles só são possíveis graças à ação conjunta do tempo.

Por si só, o espaço não pode exercer nenhuma ação sobre a língua. [...] Esquece-se o fator tempo, porque é menos concreto que o espaço; Na realidade, porém, é dele que se releva a diferenciação linguística. A

diversidade geográfica deve traduzir-se em diversidade temporal. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 261)

Essa diversidade geográfica deve ser vista como um aspecto secundário do fenômeno da mudança, uma vez que “a unidade de idiomas aparentados só pode ser achada no tempo” (p. 262).

Sobre a ação do tempo em um território contínuo, traz-se uma crítica de Saussure ao que se acreditava na época. Em vez de acreditar que uma língua evoluiria de forma homogênea ao longo do tempo em toda a extensão de território em que é falada, propõe-se a ideia de que a língua evolui de formas distintas em porções diferentes dentro desse território. Como exemplo, pode-se citar o latim, que ao longo do tempo e do vasto território que ocupava, transformou-se de maneiras diversas e passou a receber vários nomes novos (português, espanhol, francês, italiano, etc.).

Por fim, encaminhamo-nos para as conclusões do capítulo. Como aspecto principal, destaca-se a não existência de limites naturais tanto para os dialetos quanto para as línguas. De acordo com as ideias de Saussure, a separação das línguas e dialetos em hierarquias ou categorias não passa de uma ilusão; talvez, até, uma questão de senso comum. E essa posição demonstra um olhar bastante crítico acerca das línguas “nomeadas”, marcando uma preferência de visão e denominação dos idiomas, que não passam, na verdade, de estados de língua distintos.

As delimitações das línguas se encontram sufocadas, tanto quanto as dos dialetos, nas transições. Assim como os dialetos não passam de subdivisões arbitrárias da superfície total da língua, também o limite que se acredita separar duas línguas só pode ser convencional. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 268)

1.1.2 Os Escritos de Linguística Geral: a(s) língua(s) no tempo e no espaço

Em 1996, descobriram-se, em um anexo na antiga residência de Ferdinand de Saussure em Genebra, manuscritos referentes a um suposto livro sobre Linguística Geral. Juntamente com algumas outras produções do autor mantidas em acervos, esses manuscritos foram organizados, editados e publicados em um livro

intitulado *Escritos de Linguística Geral*, de 2002. Essa obra é de extrema importância para os estudos linguísticos, pois, além de dar grande credibilidade para o *Curso de Linguística Geral*, gera uma possibilidade muito grande de novos olhares para as contribuições do pai da linguística moderna.

Dentre os muitos manuscritos contidos nos *Escritos*, escolheram-se as três Conferências de Genebra e as primeiras Notas para o curso III, por mostrarem-se os textos mais relevantes à discussão da pluralidade das línguas de acordo com a análise feita a partir do índice onomástico. Em um primeiro momento, então, analisamos, uma a uma, as três Conferências. Posteriormente a essa análise, realizamos também uma análise referente às notas preparatórias para a terceira edição do Curso de Linguística Geral, ministrado por Saussure entre 1910 e 1911. Essas notas mostram-se interessantes, uma vez que abordam o que o autor chama de “linguística geográfica” e parecem complementar muito bem tudo aquilo que dizem as Conferências.

Em novembro de 1891, Ferdinand de Saussure proferiu três conferências na Universidade de Genebra, Suíça. Nessas conferências, o autor tenta defender a linguística como uma ciência histórica, usando as relações da língua (e também das línguas, no plural) no tempo e no espaço. Além disso, pode-se notar, no discurso de Saussure, parte de seus questionamentos críticos em relação à linguística de sua época, bem como algumas breves discussões a nível antropológico.

Ao questionar “vocês pensam seriamente que o estudo da linguagem teria necessidade, para se justificar ou para se desculpar por existir, de provar que é útil às outras ciências?” (p. 127), Saussure demonstra seu descontentamento com a situação em que se encontravam os estudos linguísticos da época. Para ele, à linguística faltavam ainda os fundamentos para se tornar uma ciência séria. O questionamento demonstra, ainda, preocupação com o tratamento da linguística entre as diversas áreas da ciência e pode ser vista, até, como um indício de sugestão da linguística como uma ciência única e diferente das demais ciências.

Logo depois, o autor parte para uma discussão mais antropológica, que problematiza a relação da língua e da linguagem com o homem. Ao ressaltar a linguagem como característica distintiva da espécie humana (em oposição às espécies animais), Saussure marca seu posicionamento nessa discussão que atravessou gerações de linguistas. Muito próximo do que vem a ser mais

profundamente desenvolvido por linguistas como Émile Benveniste anos mais tarde, o pai da linguística moderna parece defender a linguagem como faculdade fundamental e obrigatória para a própria condição humana.

O que é claro, como se repetiu mil vezes, é que o homem sem a linguagem seria, talvez, o *homem*, mas não um ser que se comparasse, mesmo que aproximadamente, ao homem que nós conhecemos e que nós somos, porque a linguagem foi, por um lado, a mais formidável ferramenta de ação coletiva e, por outro, de educação individual, o instrumento sem o qual o indivíduo ou a espécie jamais poderia aspirar a desenvolver, em algum sentido, suas faculdades nativas. (SAUSSURE, 2004 [1891], p. 128)

A partir dessa discussão, Saussure afirma que “o estudo da linguagem como fato humano está todo ou quase todo contido no estudo das *línguas*” (p. 128). Para ele, a melhor maneira de se estudar esse objeto tão complexo que é a linguagem seria estudando as línguas. Assim, a particularidade de cada língua nomeada seria a chave para o deciframento da universalidade da linguagem.

Língua e linguagem são apenas uma mesma coisa: uma é a generalização da outra. Querer estudar a linguagem sem se dar ao trabalho de estudar suas diversas manifestações que, evidentemente, são as *línguas*, é uma empreitada absolutamente inútil e quimérica; por outro lado, querer estudar as línguas esquecendo que elas são primordialmente regidas por certos princípios que estão resumidos na ideia de linguagem é um trabalho ainda mais destituído de qualquer significação séria, de qualquer base científica válida. (SAUSSURE, 2004 [1891], p. 128-129)

Para Saussure, portanto, a relação entre língua e linguagem é indissociável. Além disso, o autor ressalta as línguas, em sua pluralidade, como forma indispensável de realizar análises e estudos de cunho linguístico. As línguas são, portanto, a manifestação por excelência da íntima relação entre a língua e a linguagem. Essas riquíssimas contribuições de Saussure apontam, ainda, para seu posicionamento dentro de uma linguística da unidade, nos termos de Jürgen Trabant (2020).

não há separação entre o estudo da linguagem e o estudo das línguas, ou o estudo de tal ou tal língua ou família de línguas; mas que, por outro lado, cada divisão e subdivisão de língua representa um documento novo, interesse como qualquer outro para o fato universal da linguagem. (p. 129-130)

A partir dessas observações mais gerais, Saussure passa para suas discussões mais específicas. Apesar de contidas na primeira conferência, preferimos tratar essas observações em um momento inicial, pois dizem respeito às três conferências colaborativamente, servindo como uma espécie de introdução para as discussões que estão por vir. Dessa forma, analisamos as conferências uma a uma, reconhecendo seus tópicos individuais: as duas primeiras dizem respeito a questões temporais (continuidade e movimento) da língua, enquanto a terceira está mais relacionada a uma discussão espacial.

1.1.2.1 Primeira conferência na Universidade de Genebra (novembro de 1891)

Na primeira e mais extensa conferência, além de discutir a relação intrínseca entre língua, linguagem e línguas, Saussure começa a debater a relação da língua com o tempo. Ao expor a problemática, afirma haver dois princípios que regem essa relação: a continuidade (a ser debatido na primeira conferência) e o movimento (a ser discutido na segunda).

Essa primeira propriedade — a continuidade da língua no tempo — diz respeito ao movimento de não-interrupção da língua. Em outras palavras, trata-se do processo de não acabamento (a não ser por motivos de força) da língua e, conseqüentemente, de não início. Nas palavras do mestre, “jamais em parte alguma se conhece, historicamente, uma ruptura na trama contínua da linguagem, e não se pode, logicamente e a priori, conceber que isso possa, jamais e em parte alguma, ocorrer” (SAUSSURE, 2004 [1891], p. 133)

A título de exemplo, Saussure compara a relação entre o latim e o francês. Para ele, a relação entre as línguas não é de transformação, mas de continuidade; representam a mesma língua em momentos distintos na linha do tempo. Saussure chega a chamar a distinção na nomeação desses estados de língua de arbitrários, são “denominações convencionadas”.

Não houve, portanto, um dia em que se pudesse lavar o atestado de óbito da língua latina e não houvesse, igualmente, um dia em que se pudesse registrar o nascimento da língua francesa. Jamais aconteceu que as pessoas da França acordassem dizendo *bom-dia* em francês, tendo, antes de dormir na véspera, dito *boa-noite* em latim. (SAUSSURE, 2004 [1891], p. 133)

Assim, “o francês não *vem* do latim, mas *é* o latim” (SAUSSURE, 2004 [1891], p. 134). Saussure argumenta, então, que não existem línguas mães e tampouco línguas filhas, uma vez que é impossível conceber para uma língua tanto seu nascimento quanto sua morte.

Não existem línguas filhas nem línguas mães, não existem em parte alguma e nem jamais existiram. Há, em cada região do globo, um estado de língua que se transforma lentamente, de semana em semana, de mês em mês, de ano em ano e de século em século, [...], mas nunca houve, em parte alguma, parturição ou procriação de um idioma novo por um idioma anterior, isso é estranho a tudo que vemos, assim como a tudo que podemos nos representar em ideia, sendo dadas, simplesmente, as condições em que falamos, cada um, a nossa língua materna. (SAUSSURE, 2004 [1891], p. 134)

Dessa forma, para o autor, esse tipo de fala é inconcebível em uma discussão linguística e, sobretudo, científica. Saussure acaba por denunciar a arbitrariedade de escolha, a não naturalidade, ao falarmos nas línguas nomeadas (inglês, francês, português, espanhol, etc.), afirmando que o que existem são, na verdade, estados de língua e não línguas diferentes. Acreditamos que essa observação seja muito pertinente e buscamos defender, ao longo do trabalho, a ideia de “estados de língua” em oposição à ideia de “línguas nomeadas”.

Outro ponto interessante sobre a “morte” das línguas é o que poderia ser chamado de “morte natural” da língua, fato impossível para o autor. De acordo com ele, a única forma que seria possível conceber a “morte” de uma língua diz respeito à morte forçada ou violenta. Isso significa que só é possível acabar com um estado de língua por meio do genocídio, extermínio de seu povo e de sua cultura.

Uma língua jamais morre de esgotamento interior, depois de concluir a carreira que lhe foi dada. Em si mesma ela é imperecível, isto é, não há razão alguma para que sua transmissão termine por uma causa que pertença à organização dessa língua. (SAUSSURE, 2004 [1891], p. 135)

Já sobre o “nascimento”, Saussure segue incisivo: “jamais se observou, com efeito, sobre o globo, o nascimento de uma língua nova” (SAUSSURE, 2004 [1891], p. 135). Para argumentar, traz o exemplo do *volapük* (e que poderia ser estendido a outras tentativas semelhantes como o *esperanto*), língua artificial que não obteve o sucesso esperado. Os motivos para o fracasso seriam a ausência de iniciativa (uma

vez que a massa falante já está “satisfeita” com a língua natural) e a resistência da massa (já que, caso houvesse a iniciativa necessária, a massa tentaria manter a língua natural).

E, para finalizar, Saussure aborda a questão “idade” da língua – outra questão que pode ser considerada de senso comum. Consoante seu raciocínio, não faz sentido considerar que uma língua nomeada seja considerada mais nova ou mais velha que outra, até porque se trata, na realidade, de estados de língua. Dessa forma, “todas as línguas faladas na mesma época são da mesma idade; no sentido de remontarem um passado igual.” (SAUSSURE, 2004 [1891] p. 136)

1.1.2.2 Segunda conferência na Universidade de Genebra (novembro de 1891)

A segunda conferência complementa as ideias presentes na primeira. Além disso, insere-se à discussão da questão temporal um segundo princípio: o movimento, ou mutabilidade, transformação. Segundo o linguista, a língua forma uma unidade estável, porém, concomitantemente, ela está em constante movimento; muda, pouco a pouco, historicamente, ao longo do tempo.

se tivesse sido possível não fotografar, mas fotografar dia a dia, desde a origem, tudo o que foi expresso em fala pelo globo ou sobre uma parte do globo, as imagens da língua seriam sempre semelhantes de um dia para o outro, mas consideravelmente diferentes e, às vezes, incalculavelmente diferentes de 500 em 500 anos ou mesmo de 100 em 100 anos. (SAUSSURE, 2004 [1891], p. 137)

É muito interessante notar o paradoxo que os dois princípios acabam criando, mas que, de forma alguma, interferem um ao outro ou no processo total da língua. Pelo contrário, esse paradoxo entre continuidade e movimento (ou imutabilidade e mutabilidade) é essencial para o funcionamento e natureza da língua; um princípio depende do outro para existir.

De acordo com Saussure, é impossível encontrarmos idiomas que estejam imóveis ou em repouso no tempo. Mesmo aquilo que ele chama de “tirania da língua escrita”, com seu conjunto de regras e formas, não é capaz de frear esse movimento natural da língua. O verdadeiro estado de equilíbrio da língua é, portanto, o desequilíbrio.

Por fim, o linguista busca explicar as principais formas pelas quais ocorrem essas mudanças na língua. Consoante Saussure, existem dois tipos de mudanças que ocorrem nesse processo de movimento da língua: mudanças fonéticas e mudanças analógicas.

As mudanças analógicas dizem respeito às mudanças realizadas por meio de processos de comparação ou associação, às vezes denominadas de “regras de formação” das palavras. São as mudanças que ocorrem nas palavras relacionadas a uma certa praticidade de uso delas, como conjugações verbais, por exemplo. Saussure destaca que a operação é muito viva e fértil nas crianças, uma vez que ainda não estão completamente inseridas no mundo dos signos, buscando criá-los por processos de associação.

Não há melhor maneira de perceber o que é isso do que escutar falar, por alguns minutos, uma criança de três a quatro anos. Sua linguagem é um verdadeiro tecido de formações analógicas, que nos fazem sorrir, mas que oferecem, em toda sua pureza e candura, o princípio que não cessa de agir na história das línguas. (SAUSSURE, 2004 [1891], p. 139-140)

Já as mudanças fonéticas estão ligadas aos sons de um determinado estado de língua, em comparação aos demais estados de língua. Para Saussure, a regularidade do fenômeno é tão grande que, ao se conhecer bem os sistemas de sons, é possível prever as correspondências entre os estados de língua diferentes. O mestre destaca como característica principal do fenômeno o fato de que “atinge cegamente todas as formas da língua em que se encontra o som em questão e, por conseguinte, oferece um caráter de regularidade matemática” (SAUSSURE, 2004 [1891], p. 142), sendo seu efeito a diferenciação das formas, em uma tendência a restabelecer a simetria.

1.1.2.3 Terceira conferência na Universidade de Genebra (novembro de 1891)

A terceira e última conferência começa com algumas observações em relação às conferências anteriores. Saussure insiste em destacar “a impossibilidade radical, não apenas de qualquer ruptura, mas de qualquer sobressalto, na tradição contínua da língua, desde o primeiro dia em que uma sociedade humana falou” (p.

142). Segundo o autor, não existe uma separação real entre os estados de língua diferentes, apenas uma divisão convencionalizada por meio de nomes.

Ainda sobre a questão dos estados de língua (ou diferentes línguas nomeadas), o linguista suíço comenta que “nos agrada dar dois nomes sucessivos ao mesmo idioma e, por conseguinte, de fazer dele, arbitrariamente, duas coisas separadas no tempo” (p. 143) E, um pouco mais adiante na conferência, destaca, ressaltando a sua visão acerca das línguas, no plural:

não há nenhum instante em que a língua seja menos determinada nem mais determinada do que em outro; não existem, jamais, características permanentes, mas apenas transitórias e, além disso, delimitadas no tempo; existem apenas estados de língua que são, perpetuamente, a transição entre o estado da véspera e o do dia seguinte; (p. 144)

Finalmente, chegamos à questão dos desdobramentos da língua no espaço. Essa questão acaba não recebendo tanta atenção quanto a temporal, mas não por isso é menos importante. Saussure defende que o espaço também é um fator importante de mudança para a língua.

se uma mesma língua se espalha em um momento determinado sobre uma certa extensão de território, o resultado da mudança inevitável, ao fim de cem ou duzentos anos, não é o mesmo nos diferentes pontos do território, tenha ele um diâmetro de quinhentas ou seiscentas léguas ou de cinco ou seis léguas (SAUSSURE, 2004 [1891], p. 145)

Logo mais, complementa: “a língua não é mais idêntica nas diferentes regiões que atravessa” (SAUSSURE, 2004 [1891], p 145). Trata-se, então, de mais um processo complementar. Tempo e espaço mostram-se ambos os fatores fundamentais para os processos de continuidade e mudança da língua, sendo um dependente da existência e funcionamento do outro para que a evolução da língua consiga se manter e se perpetuar.

É interessante notar que o autor faz questão de destacar o fato de que as variantes “oficiais” de cada língua nomeada são, na verdade, apenas uma unidade dentre uma variedade imensa de unidades de estado de língua. Essa unidade “oficial” apenas foi convencionalizada como uma unidade padrão ou modelo, também por motivos arbitrários.

Por fim, Ferdinand de Saussure encaminha-se para suas conclusões. Nesse sentido, as diferentes línguas existentes hoje (ou estados de língua) passam a se

confundir, quando analisadas em comparação com seus estágios anteriores comuns.

não existe, regularmente, fronteira entre o que se denomina duas línguas, por oposição a dois dialetos, quando essas línguas são da mesma origem e faladas por populações contíguas sedentárias [...]. Assim como não há dialetos delimitados, não há línguas delimitadas, nas condições normais. Assim, a língua, que não é, como vimos, uma noção definida no tempo, não é, também, uma noção definida no [espaço]. (SAUSSURE, 2004 [1891], p. 149)

As indagações do linguista suíço estão embasadas em seus estudos referentes às línguas indo-europeias, e ele comenta o fato de não se poder fazer uma retrospectiva anterior às línguas não escritas. Teoricamente, seria possível, então, que todas as línguas sejam, na realidade, a mesma língua, que se desenvolveu de maneiras diferentes de acordo com fatores geográficos, históricos e sociais ao longo dos milênios? Infelizmente, nunca se saberá com propriedade, restando apenas assombro e admiração a esse questionamento. Embora seja uma questão bastante relevante, além de, conforme defende Trabant (2020), ser uma questão que diz respeito à linguística da unidade – que “faz surgir a procura pelo Paraíso Proibido [...] a busca por uma consolação, por um remédio para a experiência babélica vivida como uma catástrofe” (p. 68), acreditamos que seja uma problemática muito maior do que se pretende com esse trabalho, além de ser algo muito provavelmente impossível de se responder empiricamente.

1.1.2.4 Notas para o curso III (1910-1911): divisão do curso e linguística geográfica

A última seção dos Escritos de Linguística Geral apresenta as notas de Ferdinand de Saussure referentes à preparação das três versões do Curso de Linguística Geral que ministrou entre 1908 e 1911. Essas aulas foram as que deram origem à obra homônima, editada por dois de seus alunos. Dentre todas as notas disponíveis nos *Escritos*, destacamos esta feita para a terceira variedade do Curso, uma vez que promove a questão da diversidade geográfica das línguas. Apesar de diversas passagens estarem incompletas, os pontos principais são bastante compreensíveis.

Logo de início, o linguista mostra-se preocupado em demarcar a diferenciação entre língua, no singular, e línguas, no plural. Para ele, as línguas são “esse objeto concreto que se oferece, na superfície do globo, ao linguista” (p. 265), enquanto a língua é “o título que se pode dar ao que o linguista souber tirar de suas observações sobre o conjunto das línguas, através do tempo e do espaço” (p. 265). Assim, pode-se ver uma certa abstração na conceitualização da língua no singular, sendo ela uma instância que engloba as línguas no plural. Além disso, ressalta-se, aqui, o quão importante é o estudo da diversidade das línguas para se compreender a unidade da língua.

Depois, Saussure passa a discorrer sobre a questão espacial e a questão temporal. Quanto a isso, fala sobre como a questão temporal não parece ser tão evidente ao observador quanto a espacial. No entanto, destaca a indissociabilidade entre os dois fatores, que funcionam de maneira conjunta para o desenvolvimento e evolução das línguas.

Em seguida, o autor passa a propor e debater alguns exemplos teóricos e práticos a fim de demonstrar como essa evolução das línguas não ocorre de maneira linear nem padronizada, pois depende também de fatores externos. Dois fatores parecem se destacar aos olhos do linguista: a força de campanário e a força do intercuro. O campanário diz respeito aos hábitos de uma comunidade, sua cultura, e realiza um processo de particularização da língua. Já o intercuro está relacionado ao contato com outras culturas e funciona como corretivo do campanário, realizando um processo de equalização. Apesar de opostas, essas forças mostram-se complementares.

Ao longo desses exemplos, ainda, são trazidas diversas das discussões presentes nas Conferências de Genebra e já exploradas nos subcapítulos anteriores deste trabalho. Antes de finalizar essas notas, porém, Saussure realiza uma breve crítica à visão tradicional que tinham os primeiros pesquisadores do indo-europeu. Consoante ele, a visão que se tinha em relação à evolução do indo-europeu em seus estados de língua sucessores era demasiado rasa e não contemplava muitos fatores essenciais.

Durante o primeiro período em que houve uma ciência de línguas indo-europeias, entendia-se que cada povo — celtas, alemães, gregos, etc. — com sua língua, representava uma *migração*, como se fosse um enxame de abelhas, tendo levado para longe a língua recebida ao partir dos planaltos

de Pamir. Um belo dia, os *celtas*, um outro dia os *eslavos*, etc., partiram do pé esquerdo dessas alturas asiáticas, independentemente uns dos outros, como se fosse essencial que eles se destacasse geograficamente da massa. [...]

Essa era uma concepção totalmente infantil pelo simples fato de ser inútil. Supondo que o indo-europeu subsistisse compacto no mesmo lugar, a mesma coisa se produziria, senão em cada detalhe, pelo menos em geral: 1º Esse indo-europeu não continuaria o mesmo; 2º ele seria fatalmente []

É isso que acabaram enxergando os indo-europeanistas. (SAUSSURE, 2004 [1910], p. 279)

Mais uma vez, é importante destacar como as anotações e documentos de Saussure presentes nos *Escritos* estão alinhadas com o conteúdo do *Curso*, provando sua integridade e validade. Nesse trecho, especificamente, nota-se a concordância das observações com a proposta da quarta parte do *Curso de Linguística Geral*, intitulada “Linguística Geográfica”.

1.2 ÉMILE BENVENISTE

Nascido em 1902 em Alepo, na Síria, com o nome “Ezra”, Benveniste foi um célebre linguista francês⁵, professor no *Collège de France*. Grande especialista em indo-europeu, Benveniste interessava-se por diversas problemáticas da linguística de sua época, conseguindo estabelecer-se entre os linguistas parisienses. Com o primeiro volume dos *Problemas de Linguística Geral*, em 1966, sua vasta produção acadêmica começa a ser, de certo modo, selecionada e compilada. O pesquisador francês faleceu em 1976, em Paris, França, sendo sua última publicação o segundo volume dos *Problemas de Linguística Geral*, de 1974.

François Dosse dedica um capítulo do segundo volume da *História do Estruturalismo* (que ludicamente recebe o subtítulo de *le chant du cygne*, “o canto do cisne” em português), de 1992, a Émile Benveniste. Considerado “a exceção francesa”, Benveniste, assim como Saussure, teve um reconhecimento supostamente tardio, ganhando notoriedade entre os linguistas de sua época

⁵Em 1924, naturalizou-se na França, trocando seu nome de batismo por Émile. Apesar de sua origem síria, acreditamos ser de melhor tom tratá-lo como francês, não apenas por seu histórico familiar e sua naturalização francesa, mas principalmente por sua vida, pessoal e acadêmica, estar totalmente ligada ao país considerado berço da linguística, em especial sua capital, Paris.

apenas no fim de sua vida. Antes disso, por outro lado, o autor teria sido mais reconhecido entre os filósofos, por demonstrar preocupação com um lado mais antropológico da linguagem.

Além de suas qualidades de especialista do indo-europeu, de comparatista de numerosas línguas antigas e modernas, a importância de Benveniste resulta, sobretudo, do fato de ter reintroduzido o recalcado no âmago da preocupação da linguística: o sujeito, por sua abordagem enunciativa. (DOSSE, 2018 [1992], p. 70-71)

Para Dosse (2018 [1992]), é justamente por essa preocupação com o “sujeito” que Émile Benveniste foi ignorado pelos demais linguistas de sua época. A tendência dos estudos buscava estudar a língua e a linguagem por si mesmas, ignorando sua relação com o falante e demais fatores externos. Essa perspectiva levou Benveniste a ser lido e reconhecido muito mais pelos filósofos, que se preocupavam com a questão subjetiva, até os anos 1970. No entanto, isso não impediu que o autor influenciasse outros linguistas; dentre os “filhos” de Benveniste, Dosse destaca pesquisadores como Oswald Ducrot, Katherine Kerbrat-Orecchioni, Antoine Culioli e Claude Hagège.

Outra questão importante ao se falar da obra de Benveniste é sua fortíssima influência saussuriana. São muitos os momentos em que podemos ver um diálogo com Ferdinand de Saussure nas produções de Émile Benveniste. Quanto a questão língua, línguas e linguagem, também se pode ver essa relação Saussure-Benveniste, como aponta Flores (2013):

Em Benveniste, *linguagem, língua e línguas* têm direito à existência e integram o sistema conceitual do autor sem se recobrirem teoricamente. E isso é uma evidência da herança saussuriana, uma vez que, se, por um lado, Saussure supõe que a tarefa do linguista é *conhecer o maior número possível de línguas para tirar, por observação e comparação, o que nelas exista de universal*, por outro lado, é Benveniste quem operacionaliza esse princípio. (FLORES, 2013, p. 72)

Nesse sentido, destacamos a proposta saussuriana como sendo posta em prática pelo linguista enunciativo. Isso se dá não só pelo fato de Benveniste ser um conhecedor de um número muito grande de línguas, mas também por dar continuidade, com profundidade e propriedade, ao questionamento acerca do fazer do linguista, explicando a linguagem por meio do estudo das línguas (FLORES, 2013); além de ser um grande admirador do mestre suíço. Desse modo, para Flores

(2013), é Benveniste “quem melhor compreende [...] o alcance das indicações dadas por Saussure sobre o fazer do linguista” (p. 65) ou, em uma afirmação considerada mais utópica, seria ele “o linguista que Saussure sonhou para a linguística” (FLORES, 2013, p. 65)

Assim como foram selecionados alguns textos de Ferdinand de Saussure para serem analisados na discussão, com Émile Benveniste esse recorte teórico é igualmente fundamental — talvez até um pouco mais, levando-se em conta suas flutuações terminológicas. Os textos selecionados estão contidos nos dois volumes dos *Problemas de Linguística Geral*⁶, considerados como a obra central do autor e que reúne seus textos mais conhecidos. Optamos por não abordar as *Últimas aulas no Collège de de France* nesta seção do trabalho, uma vez que suas discussões principais dizem mais respeito a questões de semiologia e de língua/linguagem escrita.

Ao analisarmos os índices remissivos, de ambos os volumes dos *Problemas de Linguística Geral*, notamos que não há nenhuma indicação do termo específico “línguas”, no plural. No entanto, existem algumas ocorrências dos termos “língua”, no singular, e “linguagem”, provavelmente por serem termos mais bem discutidos em termos de Linguística Geral. Tampouco localizamos indicações de noções ligadas à ideia de pluralidade de línguas, como a “diversidade das línguas” do *Curso de Linguística Geral* de Saussure, por exemplo. Contudo, os índices contêm as ocorrências individuais das línguas nomeadas abordadas pelo autor em suas publicações. Analisamos e organizamos essas ocorrências a fim de se melhor compreender os capítulos dos livros que mais abordam a pluralidade das línguas, bem como as funções⁷ de uso que o autor dedica a elas. No PLG I, as ocorrências podem ser organizadas de acordo com o quadro:

⁶ Tratados, a partir daqui, também como PLG I e PLG II.

⁷ Foram consideradas para esta análise cinco funções mais gerais usadas por Benveniste ao abordar as línguas nomeadas: citação (referência direta apenas ao nome do idioma), exemplificação (abordagem de um exemplo de idioma citado a fim de ilustração de algum fenômeno linguístico discutido), comparação (análise de um determinado fenômeno por meio de relações de semelhança e/ou diferença entre dois ou mais idiomas), explicação (análise aprofundada de um fenômeno linguístico presente em um ou mais idiomas) e teorização (proposta teórica fundada em análises e discussões de fenômenos linguísticos de um ou mais idiomas).

Quadro 1 – Presença das línguas no PLG I: extração a partir do índice remissivo

Línguas	Capítulos	Funções
alemão	7, 23	comparação
algonquino	9, 18	citação, exemplificação, comparação
altaico	16	citação, comparação
ameríndio	1	citação
antigo persa	15, 17	citação, exemplificação, comparação
árabe	16, 17	exemplificação, comparação
aramaico	16	exemplificação, comparação
armênio	15, 16, 23	exemplificação, comparação, teorização
atapasca	17	citação
avéstico	17	exemplificação, comparação
báltico	3	citação
banto	9	citação, explicação
bérbere	25	explicação, comparação
burushaski	18	exemplificação, comparação
cambodjano	16	exemplificação, comparação
caucásico	15, 18	explicação, comparação
chinês	6, 9	explicação, citação, comparação
chinuque	18	exemplificação
chipewyan	17	exemplificação, comparação
chorasmiano	15	explicação, comparação
coos	13	exemplificação, comparação
coreano	18	explicação, comparação
cuchítico	16	exemplificação, comparação
curdo	16	exemplificação, comparação
egípcio	16	exemplificação, comparação

eslavo	16, 23	exemplificação, comparação
espanhol	13, 16	exemplificação, comparação
esquimó	18	exemplificação, comparação
ewe	6, 16, 17	comparação, exemplificação
francês	19, 27	teorização, comparação, exemplificação
georgiano	16, 18	exemplificação, comparação
germânico	16, 24	exemplificação, comparação
gótico	16, 23	exemplificação, comparação
grego	6, 12, 13, 16, 17, 23, 24, 26, 27	teorização, exemplificação, comparação
haída	26	explicação, comparação
hitita	3, 9, 17	explicação, comparação, exemplificação
húngaro	13	exemplificação, comparação
ilocano	13	exemplificação, comparação
indo-europeu	1, 2, 3, 9, 14, 16, 17, 24	citação, exemplificação, comparação
inglês	7, 16, 23, 28	exemplificação, comparação, explicação
irânico	15, 16, 23	exemplificação, comparação
irlândes	13, 16, 17	exemplificação, comparação
kanuri	16	exemplificação, comparação
kartveles	15	citação
kwakiutl	26	explicação, comparação
latim	7, 11, 12, 13, 16, 17, 23, 24, 26	exemplificação, comparação, teorização
mongol	16	explicação, comparação
mon-khmer	9	citação
navajo	17	exemplificação, comparação

osseto	16	exemplificação, comparação
pashtu	16	exemplificação, comparação
persa	16	exemplificação, comparação
provençal	9	comparação
russo	16	exemplificação, comparação
sânscrito	2, 13, 14, 17, 24, 25	citação, exemplificação, comparação
semítico	16, 18	comparação
siamês	16	exemplificação, comparação
siberiano	18	comparação
siuslaw	18	exemplificação, comparação
sogdiano	15	explicação, comparação
sumeriano	17	exemplificação, comparação
tagalog	13	exemplificação, comparação
takelma	9	explicação, exemplificação, comparação
tibetano	9	citação, comparação
tübatulabal	13	exemplificação, comparação
tunica	16, 17	comparação, exemplificação
turco	13, 16, 18	exemplificação, comparação, explicação
ugro-fínico	18	exemplificação, comparação
umbro	12	comparação, explicação
vai	16	exemplificação, comparação
yagnabi	16	comparação
yuma	20	exemplificação, comparação
zuñi	13	exemplificação, comparação
Total de línguas: 73		

Fonte: elaboração própria.

O quadro nos permite visualizar os capítulos com mais ocorrências de línguas nomeadas diferentes, a ser contempladas nas análises do presente trabalho.

Trata-se dos capítulos 9 (*A classificação das línguas*, com 10 ocorrências), 16 (“*Ser*” e “*ter*” *nas suas funções linguísticas*, com 28 ocorrências), 17 (*A frase relativa, problema de sintaxe geral*, com 15 ocorrências) e 18 (*Estrutura das relações de pessoa no verbo*, com 12 ocorrências).

Além disso, cabe destacar que Benveniste utiliza as línguas com diferentes propósitos em suas análises. Destacam-se entre eles: a citação de estados de línguas nomeados para contextualização, a explicação do funcionamento de estruturas linguísticas próprias de cada língua, a exemplificação por meio de excertos específicos das mais variadas línguas e variações, a comparação entre formas diferentes ou semelhantes entre as línguas e a teorização a partir de análise mais profunda de alguma característica linguística de algum idioma particular. No entanto, a maioria dos usos está ligado à exemplificação e comparação, geralmente realizados de forma complementar.

Já o PLG II, também por ser uma obra um pouco mais curta e com um número um pouco menor de textos, apresenta um número menor de ocorrências de línguas nomeadas. Isso não torna as contribuições da obra menos importantes, que devem receber o mesmo destaque e interesse. Dessa forma, as ocorrências do PLG II organizam-se conforme o seguinte quadro:

Quadro 2 – Presença das línguas no PLG II: extração a partir do índice remissivo

Línguas	Capítulos	Funções
alemão	7, 8, 10, 11, 16, 17, 20	exemplificação, comparação, teorização
altaicas	9	citação
armênio	16, 19, 20	exemplificação, comparação
asteca	7	exemplificação, comparação
avéstico	9, 11	exemplificação, comparação
chinook	4	exemplificação, comparação
dalmático	16	citação
eslavo	16, 20	exemplificação, comparação

espanhol	7, 20	exemplificação, comparação
francês	7, 9, 10, 11, 12, 16, 19, 20	exemplificação, comparação, teorização
georgiano	16	exemplificação, comparação
gótico	7, 16, 20	exemplificação, comparação
grego	7, 9, 11, 12, 14, 16, 17, 19, 20	explicação, exemplificação, comparação
húngaro	11	exemplificação, comparação
indo-europeu	1, 2, 7, 11	citação
indo-iraniano	11	citação
inglês	7, 8, 11, 15, 16, 19	exemplificação, comparação, explicação
iraniano	11, 16	citação
irlandês	11, 20	exemplificação, comparação
italiano	7, 10, 12, 20	exemplificação, comparação
latim	9	exemplificação, comparação, explicação
miceniense	19	exemplificação, comparação
nahuatl	7	explicação, comparação
normando	16	exemplificação, comparação
paiute	7	explicação, exemplificação, comparação
persa antigo	11	exemplificação, comparação
português	9	exemplificação
provençal	7	exemplificação
russo	11, 16, 17, 20	exemplificação, comparação
sânscrito	7, 11, 20	exemplificação, comparação
semítico	11	exemplificação, comparação
serbo-croata	1	exemplificação, comparação
shoshone	7	citação
siríaco	16	exemplificação, comparação

sogdiano	9, 16	exemplificação, comparação
tübatulabal	7	exemplificação, comparação
tunica	9	exemplificação, comparação
turco	9, 16	explicação, exemplificação, comparação
udo-asteca	7	citação
védico	11	exemplificação, comparação
Total de línguas: 40		

Fonte: elaboração própria.

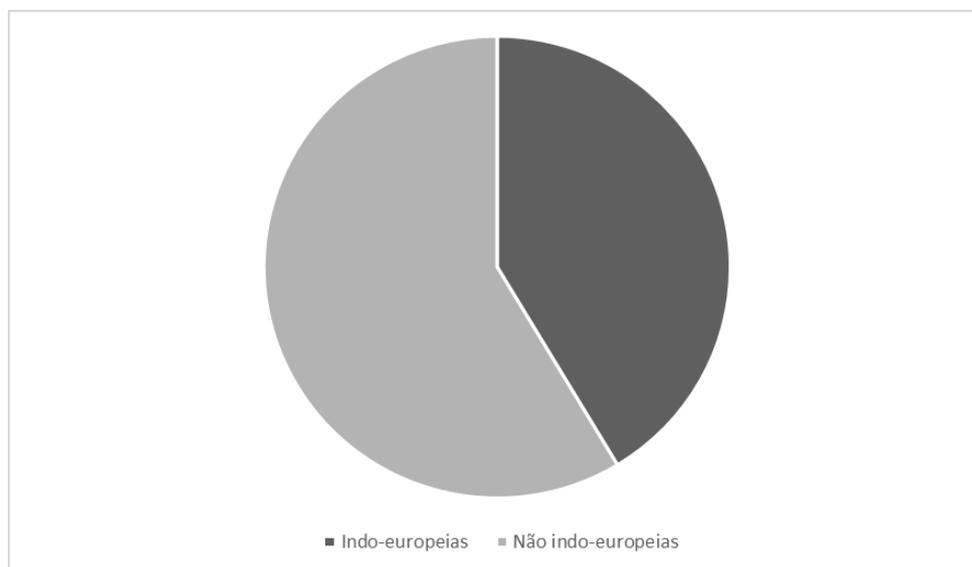
Analisando-se as tabelas, percebemos os textos que apresentam maior número de ocorrências de diferentes línguas. Adicionados ao *corpus* de análise da seção, são os capítulos 7 (*Convergências tipológicas*, com 16 ocorrências), 9 (*As transformações das categorias linguísticas*, com 9 ocorrências), 11 (*Fundamentos sintáticos da composição nominal*, com 15 ocorrências) e 16 (*Difusão de um termo de cultura: o latim orarium*, com 14 ocorrências). No caso do PLG II, assim como no PLG I, as funções principais de uso das línguas por Benveniste seguem sendo a de exemplificação e comparação.

A análise dessas questões também demonstra uma outra característica interessante de Émile Benveniste: a diversidade de línguas estudadas pelo autor⁸. Além de serem muito numerosas, uma vez que somam 87 línguas no total ao se excluírem aquelas que aparecem em duplicidade (em ambos os volumes da obra), são línguas pertencentes aos mais variados tipos de classificação ou famílias. Embora tenha sido um grande estudioso da vertente linguística indo-europeia, apenas 36 das línguas abordadas em suas produções pertencem a essa vertente.

⁸ Para um estudo muito mais completo e aprofundado das línguas utilizadas por Benveniste, sugerimos a belíssima tese de Sara Hoff (2023). Intitulado “*Mas guardemos isso: não há língua má*”: *as línguas na teoria da linguagem de Benveniste*, o trabalho propõe demonstrar as funções que exerce a diversidade das línguas nas proposições teóricas benvenistianas, defendidas como um importante operador. Nesse sentido, Hoff faz uma minuciosa varredura de todas as diferentes línguas utilizadas por Benveniste ao longo de sua obra acessível, chegando ao espantoso número de 470 línguas. A singela e breve análise realizada aqui é anterior à publicação do trabalho de Hoff (2023).

As outras 51 línguas pertencem às mais variadas origens tipológicas, formando uma proporção de quase 60%, conforme o gráfico⁹ a seguir.

Figura 1 – As línguas não-indo-europeias contempladas por Benveniste



Fonte: elaboração própria.

Além disso, alguns outros textos são adicionados ao *corpus*, visto que o foco dessa pesquisa está na pluralidade das línguas em relação ao homem, ao falante, em uma perspectiva linguística mais Geral. Do PLG I, são os capítulos 6 (“Categorias de língua, categorias de pensamento”) e 20 (“A natureza dos pronomes”). E, do PLG II, adicionamos os capítulos 6 (“Estrutura da língua e estrutura da sociedade”) e 20 (“Dois modelos linguísticos da cidade”). Dessa forma, somados aos textos destacados nas tabelas, escolhemos os textos que melhor poderiam contribuir para a discussão principal do presente trabalho em nossa concepção.

⁹Para a construção do gráfico, consideraram-se como línguas indo-europeias aquelas presentes no quadro apresentado por Benveniste no *Vocabulário das línguas indo-europeias* (reconstituído no Anexo 1). As demais línguas, foram consideradas como pertencentes a outras classificações genéticas diversas. Dessa forma, as línguas indo-europeias apresentadas ao longo da obra totalizam 36 exemplares e são: alemão, armênio, avéstico, báltico, chorasmiano, curdo, dalmático, eslavo, espanhol, francês, germânico, gótico, grego, hitita, indo-europeu, indo-iraniano, inglês, irânico ou iraniano, irlandês, italiano, latim, micenience, normando, osseto, pashtu, persa, persa antigo, português, provençal, russo, sânscrito, serbo-croata, sogdiano, umbro védico e yagnabi. As demais somam 51 exemplares, sendo elas: algonquino, altaico, ameríndio, árabe, aramaico, asteca, atapasca, banto, bérbere, burushaski, cambodjano, caucásico, chinês, chinuque, chipewyan, coos, coreano, cuchítico, egípcio, esquimó, ewe, georgiano, haída, húngaro, ilocano, kanuri, kartveles, kwakiutl, mongol, mon-khmer, nahuatl, navajo, paiute, siamês, semítico, shoshone, siberiano, siríaco, siuslaw, sumeriano, tagalog, takelma, tibetano, tūbatulabal, tunica, turco, udo-asteca, ugro-fínico, vai, yuma e zuñi.

Com a finalidade de se fazer uma leitura profunda e acurada das contribuições benvenistianas, atentamos para os pontos propostos por Flores (2012) no texto *Notas para uma (re)leitura da teoria enunciativa de Émile Benveniste*. Os seis primeiros pontos incluem: a instauração de um ponto de vista epistemológico, a assunção de ser um modelo não acabado, a atenção para a ordem cronológica das produções e a consideração acerca de flutuação terminológica, homonímia terminológica e sinonímia terminológica. Como sétimo e último ponto, porém, Flores destaca o fato de os pontos anteriores não descartarem um *a priori* unificador, um ponto de contato principal entre tantas reflexões: “o homem está na língua porque é fundado simbolicamente na linguagem” (p. 164)

1.2.1 PLG I: as línguas e a relação com o pensamento linguístico

Publicado em 1966, os *Problemas de Linguística Geral I* são um compilado de textos publicados por Benveniste em diferentes periódicos científicos, principalmente de filosofia, psicologia e linguística. Esse primeiro volume reúne estudos do autor referentes à enunciação em diversos níveis e temas. Para a análise proposta no trabalho, destacamos os textos referentes à língua, à linguagem e, sobretudo, às línguas, organizados de forma cronológica: *Estrutura das relações de pessoa no verbo*, *A classificação das línguas*, *A natureza dos pronomes*, *A frase relativa*, *problema de sintaxe geral*, *Categorias de pensamento e categorias de língua* e “*Ser*” e “*ter*” nas suas funções linguísticas.

1.2.1.1 Estrutura das relações de pessoa no verbo

Integrante da quinta parte do livro, “O homem na língua”, o décimo oitavo capítulo aborda as diferentes maneiras que as diferentes línguas nomeadas relacionam suas formas verbais a suas formas de expressar o elemento pessoal. Original de 1946, o texto foi publicado no *Bulletin de la Société de linguistique*. Nessa publicação, Émile Benveniste propõe uma análise sobre a categoria de pessoa verbal.

De início, o autor afirma que todas as línguas que possuem verbo apresentam a classificação verbal sempre em três pessoas. Mesmo sendo nomeadas das mais diferentes formas, “há sempre três pessoas e não há senão três” (p. 248). Sobre elas – “eu”, “tu” e “ele” –, o linguista critica um olhar superficial e pseudo-linguístico, que considera apenas suas diferenças lexicais. Assim, propõe uma análise mais profunda, buscando “saber como cada pessoa se opõe ao conjunto das outras e sobre que princípio se funda a sua oposição, uma vez que não podemos atingi-las a não ser pelo que as diferencia” (p. 248).

Em seguida, o linguista pondera se “poderá existir um verbo sem pessoa?” (p. 248). Para essa reflexão, aborda exemplos do coreano (estudado por Ramstedt) e das línguas paleo-siberianas (estudadas por Jakobson). Apesar de a forma verbal poder se comportar dessa maneira em alguns casos específicos dessas línguas, isso não faz com que elas dispensem os pronomes pessoais. Depois, Benveniste começa a aprofundar sua proposta de análise acerca das pessoas verbais.

Uma teoria linguística da pessoa verbal só pode construir-se sobre a base das oposições que diferenciam as pessoas, e se resumirá inteiramente na estrutura dessas oposições. Para desvendá-la, poderemos partir das definições empregadas pelos gramáticos árabes. Para eles, a primeira pessoa é *al-mutakallimu*, “aquele que fala”; a segunda, *al-muhatabu*, aquele a quem nos dirigimos”; mas a terceira é *al-ya'ibu*, “aquele que está ausente”. Nessas denominações, encontra-se implícita uma noção justa das relações entre as pessoas; justa sobretudo por revelar a disparidade entre a terceira pessoa e as duas primeiras. Contrariamente ao que faria crer a nossa terminologia, elas não são homogêneas. É o que, primeiro, é necessário focalizar. (BENVENISTE, 2005 [1946], p. 250).

Dessa forma, fica evidente o argumento do autor quanto ao funcionamento excepcional da terceira pessoa (“ele”) na língua e nas línguas. Para ele, a terceira pessoa está sempre ligada ao exterior da relação entre “eu” e “tu”, não fazendo parte dela diretamente. Para provar o ponto, Benveniste explica e exemplifica o funcionamento da terceira pessoa em diversas línguas (semítico, turco, ugro-fínico, georgiano, caucásico, dravídico, esquimó, burusaski, nahua e chinuque) até chegar nos idiomas indo-europeus. Todos os exemplos apontam para a comprovação de uma característica geral: “a terceira pessoa é, em virtude da sua própria estrutura, a forma não pessoal da flexão verbal” (p. 252).

Depois disso, o linguista passa a analisar mais especificamente as relações entre “eu” e “tu”. Segundo ele, mesmo as duas estando opostas ao “ele” por

apresentarem personalidade, elas se opõem entre si também. Trata-se de uma relação inversível de papéis entre quem fala (locutor) e a quem se fala (alocutário). O “eu”, então, parece carregar consigo a força da subjetividade, ausente no “tu” no momento da enunciação.

Por fim, o autor discorre sobre a diferença entre as formas do singular e do plural das pessoas verbais. Segundo ele, na maioria das línguas, o plural pronominal não coincide com o plural nominal. Isso significa que “a pessoa verbal no plural exprime pessoa amplificada e difusa” (p. 258), não sendo apenas uma multiplicação do termo no singular. E, para provar suas afirmações, são trazidos exemplos de diversas línguas, tanto indo-europeias, como o francês e o inglês, quanto de outras origens, como o esquimó, o siuslaw e o algonquino.

Para concluir, Benveniste propõe, então, duas correlações para organizar as expressões da pessoa verbal. A primeira, de personalidade, opõe as pessoas (“eu” e “tu”) à não-pessoa (“ele”). E a segunda, de subjetividade, opõe a pessoa subjetiva (“eu”) à pessoa não-subjetiva (“tu”).

1.2.1.2 A classificação das línguas

Integrante da terceira parte do livro, “Estruturas e análises”, o texto compõe o nono capítulo da obra benvenistiana. Trata-se de um extrato das *Conférences de l’Institut de linguistique de l’Université de Paris* realizadas entre 1952 e 1953. Nesse excerto, Benveniste aborda suas percepções sobre a separação e classificação das línguas nomeadas realizadas por seus colegas linguistas contemporâneos. Apesar de essa classificação não ser a temática principal do trabalho, pensa-se ser um tema importante dentro da noção de “línguas”, sem falar que o autor acaba por inserir suas opiniões sobre a visão de diferentes perspectivas linguísticas ao longo desse texto.

Benveniste começa a conferência destacando a existência de perspectivas diferentes sobre a classificação das línguas e avisa que propõe uma análise das propostas predominantes até então. Segundo ele, todas as perspectivas apresentam problemas particulares, e esses problemas levam ao questionamento, ao mesmo

tempo, tanto da totalidade da classificação quanto da totalidade da língua a ser classificada.

Então, o autor passa a debater a classificação genética, primeira e principal forma. Essa classificação surgiu a partir de suposições feitas sobre semelhanças verificadas entre línguas nomeadas europeias. Essa proposta de classificação, ligada a uma ideia de monogênese das línguas, foi racionalizada (e cientificizada) a partir da descoberta do sânscrito e do começo dos estudos de gramática comparada.

Não foi, portanto, a ciência das línguas que permitiu propor as bases de uma classificação, mas, ao contrário, foi a partir de uma classificação, por mais ingênua e confusa que fosse, que a ciência das línguas se elaborou progressivamente. As semelhanças comprovadas entre as línguas antigas ou modernas da Europa foram o dado primário que levou a uma teoria dessas semelhanças. (BENVENISTE, 2005 [1966], p. 106)

Após esse debate, Benveniste afirma que a linguística geral teve o início de seu desenvolvimento justamente dentro da linguística genética e, conseqüentemente, histórica. Consoante o linguista enunciativo, cada forma de classificação deve ter critérios bem delimitados e os critérios da proposta genética são fundamentalmente históricos, pois visam a comparar semelhanças e diferenças entre línguas que possuem origem supostamente comum. Para que se obtenha uma confirmação das análises desse tipo, é necessária “uma reunião de condições tão específicas que surge a pressuposição do parentesco” (p. 107)

No entanto, a confirmação de uma série de classificações de línguas nomeadas em um grupo ou “família”, não pode ser usada para classificar línguas de origens distintas. Ao se referir a esse ponto, Benveniste denuncia um certo mau uso do sucesso de classificação do indo-europeu e suas supostas “filhas”. Essa primazia pela supostamente muito bem feita classificação das línguas indo-europeias gera um problema: as demais relações de parentesco entre línguas nomeadas acabam sendo analisadas de acordo com a “árvore genealógica” do indo-europeu.

A imagem que temos de uma família genética e a posição que designamos às línguas agrupadas em determinada família refletem, na realidade — e é bom ter consciência disso — o modelo de uma classificação particular, a das línguas indo-europeias. (BENVENISTE, 2005 [1966], p. 108)

Sobre essa problemática, Benveniste apresenta dois pontos fundamentais: “não é certo que os critérios empregados para o indo-europeu tenham todos valor universal” (p. 108) e “não é certo que o modelo construído para o indo-europeu seja o tipo constante da classificação genética” (p. 109). Para ele, as línguas de “mesma antiguidade” que o indo-europeu apresentam características diferentes, gerando variações diferentes ao longo do tempo. Como exemplo, cita-se o banto, cujas línguas da família são classificadas de acordo com traços fonéticos e gramaticais em comum, sendo divididas em zonas geográficas.

Ainda segundo o autor, outro fator que dificulta a classificação das línguas nomeadas é o seu próprio processo de evolução, pois ocorre de maneira bastante lenta e de formas diferentes em lugares diferentes. Além disso, muitas línguas não oferecem registros dessa evolução, o que torna ainda mais obscuro o trabalho de classificá-las.

E quando, além do mais, abarcamos pela imaginação a enorme porção da história linguística da humanidade, que escapa para todo o sempre ao nosso domínio e da qual, apesar de tudo, a distribuição atual das línguas é o resultado, descobrimos sem dificuldade os limites das nossas presentes classificações e também do nosso poder de classificar. (BENVENISTE, 2005 [1966], p. 112)

Apesar dessa dificuldade em realizar a classificação, Benveniste defende que ela deve ser feita. O que parece preocupar o linguista é o fato de algumas línguas não possuírem dados referentes a estágios intermediários, o que resultaria em uma classificação não tão completa e/ou exata. Desse modo, “uma classificação genética só tem valor, pela força dos fatos, entre duas datas”. (p. 112)

Depois, o autor passa a analisar as contribuições de Trubetzkoy, que propõe seis critérios específicos que caracterizam as línguas indo-europeias e apenas elas, em uma tentativa de propor uma nova forma de classificá-las. Benveniste busca explicar a proposta desse autor, mas acaba expondo fragilidades em sua argumentação. Ao analisar o exemplo da língua indígena norte-americana takelma (via trabalho de Sapir), Benveniste destaca que há outras línguas nomeadas que apresentam as características apontadas por Trubetzkoy para o indo-europeu, mesmo estando fora da “família”.

Não podemos, pois, ao mesmo tempo conservar o quadro histórico e justificá-lo exclusivamente por uma definição a-histórica. As línguas caracterizadas historicamente como indo-europeias têm, realmente, a mais, certos traços de estrutura em comum. Mas o conjunto desses traços fora da história não basta para definir uma língua como indo-europeia. O que significa dizer que uma classificação genética não se transpõe para uma classificação tipológica e vice-versa. (BENVENISTE, 2005 [1966], p. 117)

Dito isso, Benveniste busca distinguir as duas noções que existem sobre “parentesco linguístico”. O termo pode ser usado tanto para a filiação genética das línguas quanto apenas para a afinidade estrutural delas. Ele cita Jakobson para argumentar que as semelhanças de estruturas entre línguas podem existir entre línguas de “ascendências” diferentes.

Outra vertente de classificação linguística apontada pelo autor é a proposta tipológica. Com forte representação na Alemanha, aponta-se Humboldt como seu nome pioneiro e principal. Essa proposta visa a tentar “ilustrar a diversidade das línguas por meio de alguns tipos principais”. (p. 118) A classificação tipológica tem como objetivo dividir as línguas em grupos de acordo com descrições e tende a agrupar línguas que não tem ligação histórica (ou genética) em uma mesma classificação.

Então, Benveniste indica a proposta de classificação de Sapir como a mais elaborada até o momento. Segundo ele, Sapir divide os tipos linguísticos por meio de três critérios: “conceitos” expressos, “técnica” prevalente e grau de “síntese”. A classificação, extremamente complexa, funciona em níveis, tendo cada um dos critérios diferentes divisões e formando uma espécie de “tabela” de classificação. Apesar de muito refinado, Benveniste comenta que o próprio Sapir reconhece os limites de seu método e afirma que é mais importante estabelecer métodos flexíveis de classificação do que agrupá-las em compartimentos fixos.

Para Benveniste, então, a única maneira de ultrapassar as “falhas” dos diferentes modelos de classificação das línguas seria a elaboração de uma teoria geral da estrutura linguística. É necessário, nesse sentido, priorizar tanto os elementos estruturais quanto suas complexas relações, tendo como ponto de partida a experiência humana.

Uma reflexão algo atenta sobre a maneira pela qual uma língua — pela qual toda língua — se constrói ensina que cada língua tem para resolver um certo número de problemas, que se reduzem todos à questão central da “significação”. As formas gramaticais traduzem, com um simbolismo que é a marca distintiva da linguagem, a resposta dada a esses problemas;

estudando essas formas, a sua seleção, o seu agrupamento, a sua organização próprios, podemos induzir a natureza e a forma do problema intralinguístico a que respondem (BENVENISTE, 2005 [1966], p. 124-125)

O autor complementa que esse processo é essencial, apesar de ser difícil de se atingir, por ser um processo inconsciente. Segundo ele, é necessário ultrapassar a forma material e considerar a questão simbólica da linguagem, não havendo uma “receita” de como fazê-lo. Logo, “a distância que precisamos percorrer tem menos importância que a direção para a qual devemos orientar-nos”. (p. 126)

1.2.1.3 A natureza dos pronomes

Esse vigésimo capítulo também compõe a quinta parte do primeiro volume dos PLG I, “O homem na língua”. O texto foi publicado em uma homenagem a Roman Jakobson em 1956 e aborda questões relacionadas ao funcionamento dos pronomes na língua. Trata-se de uma espécie de continuação ou complementação do texto *Estrutura das relações de pessoa no verbo*, publicado dez anos antes.

Para iniciar a discussão, Benveniste destaca o uso de pronomes como característica universal de todas as línguas. Para ele, é fundamental ao homem colocar-se no mundo como sujeito e isso só é possível graças a essa característica linguística.

Dessa forma, todas as línguas demonstram possuir essa categoria de palavras para marcar, em seu uso no discurso, aquele que fala e aquele que escuta. Representados por “eu” e “tu”, esses papéis contrários constituem a categoria de “pessoa” nas teorias enunciativas benvenistianas. Trata-se aqui de um processo intersubjetivo, uma vez que ambos têm a mesma importância na constituição de sujeito do “eu”, que só consegue se estabelecer com a existência em contraste do “tu”. Também, são papéis reversíveis ao longo do discurso, já que podem se alternar conforme a troca de turnos do diálogo.

No ponto de vista de Benveniste, essas palavras que marcam a personalidade só conseguem ter sentido quando empregadas no discurso, pois têm a capacidade de remeter a qualquer ser humano e cada ato de fala instaura um contexto distinto, com atores diferentes. Além disso, existem outros termos que

apresentam essa característica de significar única e exclusivamente via enunciação. São as categorias de tempo e espaço.

A linguagem resolveu esse problema criando um conjunto de signos “vazios”, não referenciais com relação à “realidade”, sempre disponíveis, e que se tornam “plenos” assim que um locutor os assume em cada instância do discurso. Desprovidos de referência material, não podem ser mal empregados; não afirmando nada, não são submetidos à condição de verdade e escapam a toda negação. O seu papel consiste em fornecer o instrumento de uma conversão, a que se pode chamar a conversão da linguagem em discurso. (BENVENISTE, 2005 [1964], p. 280)

Esses signos têm como papel auxiliar o falante a se colocar no mundo como sujeito, como “eu”. Ao fazer isso, o falante conseqüentemente instaura diante de si o “tu”. Da mesma forma, ao se enunciar, instauram-se também o “agora” (e, conseqüentemente o “antes” e o “depois”) e o “aqui” (juntamente com as demais noções espaciais). Assim é o processo de conversão da linguagem em discurso. E a realização dessa conversão só é possível por meio da(s) língua(s).

Para finalizar, Benveniste aborda a categoria de não-pessoa. Representada pelo “ele”, a terceira pessoa denota indivíduos ou elementos ausentes à enunciação. Essa categoria também é indispensável para a condição intersubjetiva. Assim, enquanto “eu” se opõe a “tu” dentro da categoria de “pessoa” no ato enunciativo, ambos se opõem, sempre, também a “ele”, pois este marca o seu contrário, aquilo de que se fala, a não-pessoa. Para provar suas considerações, Benveniste exemplifica usando a língua yuma, que, assim como várias outras línguas, apresentam uma referência zero para a terceira pessoa, sendo desconsiderada como “pessoa” em relação às pessoas primeira e segunda. Nos idiomas indo-europeus, por outro lado, a regularidade estrutural entre os termos sugere uma falsa “impressão de três pessoas ordenadas” (p. 283).

Além disso, o texto reforça a busca do autor por alguma característica universal dentre tamanha diversidade de línguas. E parece tê-la encontrado justamente nos pronomes pessoais, que não apenas existem em todas as línguas, mas apresentam, sempre, a mesma função: esse colocar-se no mundo por meio da linguagem, essencial para o homem.

1.2.1.4 A frase relativa, problema de sintaxe geral

O décimo sétimo capítulo da obra de Benveniste faz parte da quarta parte do livro, “Funções sintáticas”. O texto foi publicado originalmente no *Bulletin de la Société de linguistique*, em um volume de 1957 e 1958. Nesse trabalho, o linguista francês propõe uma análise comparativa entre o funcionamento desse fenômeno sintático de subordinação que são as construções relativas, com o objetivo de provar que, apesar de apresentarem formas distintas, essas construções apresentam uma função em comum em diferentes línguas. Pode-se dizer que é uma busca por uma espécie de unidade dentre essas estruturas tão diversificadas.

Benveniste resolve, propositalmente, abarcar em primeiro lugar algumas línguas não-indo-europeias em sua análise e, apenas no final, inserir as indo-europeias na discussão. Trata-se, de acordo com o próprio autor, de uma tentativa de “nos libertarmos de uma análise tradicional” e “fundar a definição sobre os critérios de uma objetividade maior” (p. 229).

Para essa primeira parte da análise, foram selecionados cinco exemplares de línguas contrastantes tanto entre si quanto em relação ao indo-europeu. Sobre o primeiro exemplar, o ewe (língua do Togo), destaca-se o uso de duas partículas pronominais, uma para introduzir a frase relativa (*si*) e outra para finalizá-la (*la*), que convertem uma frase verbal em expressão nominal. O segundo, o tunica (originária da Louisiana, nos Estados Unidos), utiliza sufixos que, ao serem transferidos de uma forma nominal para uma verbal, convertem-na em frase relativa. O terceiro exemplar, o atapasca (representado pelo navajo, do sul dos Estados Unidos e México, e pelo chipewyan, do Canadá), possui uma partícula relativizante (*i*), que realiza a conversão. Já o quarto, o sumeriano (língua da antiga Suméria e, acredita-se, da Mesopotâmia), apresenta um sufixo (*a*) para relativizar uma frase livre; trata-se do mesmo sufixo que determina formas nominais. E, por fim, o quinto exemplar, o árabe (representante de vários países do norte da África e Oriente Médio), apresenta, para a frase relativa, “a mesma conotação sintática que o adjetivo qualitativo” (p. 235), podendo ser tanto determinada quanto indeterminada.

Depois, Benveniste passa para a segunda parte de sua proposta, adentrando no indo-europeu. Para ele, essa análise deve sair do quadro tradicional que busca ordenar os fatos de língua, já que “a sintaxe comparada ainda não soube libertar-se aqui de uma ótica que não se pode mais nem mesmo chamar de greco-latina, uma vez que – esperamos mostrá-lo adiante – não se aplica nem ao grego nem ao latim” (p. 235). Ao analisar diversos estados de língua do indo-europeu (sânscrito, grego, latim, indo-irânico, eslavo, persa, védico, avéstico, báltico, hitita, irlandês e alemão), o autor percebe que, em todos os casos, apesar de apresentarem diferenças de forma, a função do pronome relativo é de determinar nomes ou frases.

Uma vez consideradas no seu conjunto as concordâncias entre as formas antigas do indo-europeu, já não se trata de ver um desenvolvimento secundário no emprego do pronome como determinante do nome ou de um adjetivo. Muito pelo contrário essa é, na própria origem, a sua função própria, cujo emprego como “pronome relativo” não é mais que uma extensão à frase verbal. Nos dois casos o papel do pronome é o mesmo, o de um determinante, quer seja determinante de um termo nominal ou de uma frase completa. (BENVENISTE, 2005 [1957-1958], p. 243)

Após fazer todas suas comparações e análises, o linguista francês chega a suas conclusões. Além de ressaltar a importância da ênfase nas funções, uma vez que elas constituem os únicos traços comparáveis relevantes entre sistemas linguísticos distintos, ele propõe, então, uma característica comum entre o indo-europeu e as demais línguas. Segundo Benveniste, “a frase relativa, de qualquer maneira que se prenda à antecedente (por um pronome, uma partícula, etc.) se comporta como um ‘adjetivo sintático’ determinado” (p. 244). Eis sua função compartilhada entre as diferentes línguas, primordial e unitária.

1.2.1.5 Categorias de pensamento e categorias de língua

Esse sexto capítulo dos PLG I encontra-se na segunda parte do livro, intitulada “A comunicação”. Publicado originalmente em 1958 no periódico parisiense *Les études philosophiques*, o texto tem como objetivo discutir as diferenças e semelhanças entre o pensamento e a língua.

Dentre os muitos usos diferentes que se pode fazer da língua, o autor destaca dois pontos em comum. O primeiro é o fato de que “a realidade da língua

permanece, via de regra, inconsciente” (p.68), isto é, os falantes não precisam de conhecimentos diretos acerca do funcionamento da língua para a pôr em prática. O segundo é o fato de que “por mais abstratas ou particulares que sejam as operações do pensamento, recebem expressão na língua” (p. 68), ou seja, pode-se, supostamente, dizer tudo e o fazer da maneira que se quiser. Desses pontos, surge a problemática proposta para o texto, que consiste na noção de que pensar e falar são atividades distintas e independentes.

Consoante Benveniste, porém, a linguagem parece ser usada para a formulação daquilo “que se quer dizer” pelo homem. O conteúdo do pensamento precisa da forma da língua para poder se manifestar.

Esse conteúdo recebe forma quando é enunciado, e somente assim. Recebe forma da língua e na língua, que é o molde de toda expressão possível; não pode dissociar-se dela e não pode transcendê-la. Ora, essa língua configura-se no seu conjunto e enquanto totalidade. É, além do mais, organizada como combinação de “signos” distintos e distintivos, suscetíveis, eles próprios, de decompor-se em unidades inferiores ou de agrupar-se em unidades complexas. Essa grande estrutura, que encerra estruturas menores e de muitos níveis, dá a sua forma ao conteúdo de pensamento. (BENVENISTE, 2005 [1966], p. 69)

A língua coloca-se como a única possibilidade de transformar a complexa abstração do pensamento em formulações concretas e concisas. Dessa forma, “a forma linguística é, pois, não apenas a condição de transmissibilidade mas primeiro a condição de realização do pensamento” (p. 69).

Além disso, Benveniste traz uma proposição de categorias feita por Aristóteles a fim de aprofundar a discussão. A proposta aristotélica indica um inventário de dez propriedades predicáveis a um objeto. Essas propriedades supostamente representam a totalidade do funcionamento do verbo “ser”.

No entanto, o linguista francês se mostra cético quanto à universalidade das categorias aristotélicas. Ao trazer o exemplo da língua ewe (falada no Togo), o Benveniste demonstra, ao expor e comparar exemplos, que a funcionalidade do verbo “ser” se comporta de maneira totalmente diferente das manifestações de “ser” da língua grega. Isso põe em xeque as proposições de Aristóteles, uma vez que comprova que elas não podem ser vistas como universais e necessárias à totalidade de línguas do mundo.

Na verdade, Benveniste parece denunciar, nessa produção, a classificação aristotélica – que aparenta ter grande semelhança com a classificação gramatical tradicional –, tendo em vista que ela reflete categorias pensadas exclusivamente para a língua grega, como se fosse uma língua mais lógica ou até superior às demais. O fato é que essa classificação parece não dar conta de categorizar um número muito grande de línguas, em especial aquelas de fora da genealogia indo-europeia.

Para reforçar sua argumentação, Benveniste analisa, mais uma vez, a língua ewe. Muito diferente das línguas indo-europeias (especialmente o grego), esse idioma apresenta cinco verbos diferentes para expressar a ideia de “ser”: *nyé*, *le*, *wo*, *du* e *di*. Cada um deles funciona de uma maneira e expressa ideias particulares. Enquanto os idiomas indo-europeus as categorizariam todos como “ser” ou, ainda, separariam alguns desses usos como “ter”. Por influência dos pensadores gregos o “ser” assumiu uma vocação filosófica na língua grega. No entanto, “não saberíamos dizer que lugar ocupa o ‘ser’ na metafísica ewe, mas *a priori* a noção deve articular-se de maneira inteiramente diferente” (p. 79).

1.2.1.6 “Ser” e “ter” nas suas funções linguísticas

Publicado em 1960 no *Bulletin de la Société de linguistique*, esse é o décimo sexto capítulo do primeiro volume dos PLG I. Compondo a quarta parte da obra, “Funções sintáticas”, esse texto mostra-se extremamente interessante, uma vez que apresenta o ponto de vista sobre o funcionamento de dois verbos fundamentais para um grande número de línguas nomeadas – “ser” e “ter” –, que apresentam muitas maneiras diferentes de funcionamento. Dessas maneiras, Benveniste propõe como discussão principal o funcionamento dos dois verbos como verbos auxiliares em algumas línguas dadas.

Além de toda a discussão acerca do funcionamento desses verbos, o texto também se mostra interessante pelas análises que Benveniste propõe acerca de várias línguas nomeadas. Ao longo do texto, são citadas mais de vinte e cinco línguas, dos mais variados tipos e/ou genealogias, e praticamente todas são exemplificadas e comparadas entre si. Isso demonstra o conhecimento do autor sobre um número muito grande de idiomas e comprova o apontamento de Flores

(2013) de que ele coloca em prática o princípio saussuriano sobre a tarefa do linguista.

Segundo Benveniste, o verbo “ser” opera como cópula, não se comportando como um verbo “pleno”. Seu status de verbo é fortemente questionado, uma vez que não designa nenhum tipo de ação, mas reduz-se a expressar a ideia de ligação entre termos, como ocorre no indo-europeu e muitos de seus derivados. Além disso (e por causa disso), o verbo “ser” é desprezado por um número bastante grande de idiomas, como muito bem explica e exemplifica o autor sobre o russo, o húngaro, o semítico, o aramaico, o árabe e o turco. Além disso, há um grupo de línguas que usa como cópula, além do “ser”, outras partículas como pronomes; o autor aborda o caso das línguas irânicas (sogdiano, yagnabi, pashtu, osseto). Há, ainda, línguas que diferenciam as noções de “ser” em dois ou mais verbos, como é apontado acerca do latim tardio, do irlandês, do cuchítico e do espanhol indo-europeus e do siamês e do cambodjano indochineses. Por último, o autor destaca a possibilidade de redução de “ser” em um lexema que pode indicar existência ou afirmar identidade, como é o caso do francês.

Sobre o verbo “ter”, o autor afirma que se trata, na verdade, de um verbo pseudo-transitivo, pois ele não enuncia nenhum processo, tampouco modifica ou age sobre seus supostos objetos. Desse modo, assim como “ser”, o verbo “ter” deve ser visto como um verbo de estado. Para Benveniste, o verbo demonstra expressar uma espécie de derivação do verbo “ser”, designando posse. E, também como o verbo “ser”, muitas línguas não o utilizam. O próprio indo-europeu, segundo ele, o adquire tardiamente como uma derivação do verbo “ser”, significando “ser de”, que é o equivalente que a maioria das línguas que não o conhecem possui. E, para provar, Benveniste exemplifica explicando o funcionamento da expressão nas mais diversas línguas (árabe, altaico, mongol, persa, georgiano, grego, ewe, vai e kanuri).

Ora, se ambos devem ser vistos como verbos de estado, qual seria sua diferença? Um pouco mais adiante, elucida o autor:

A diferença evidencia-se assim. Entre os dois termos que une, *ser* estabelece uma relação intrínseca de identidade: é o estado consubstancial. Ao contrário, os dois termos unidos por *ter* permanecem distintos; entre estes, a relação é extrínseca e se define como de pertinência; é a relação do possuído e do possuidor. (BENVENISTE, 2005 [1964], p. 217)

Dessa forma, Benveniste considera os verbos mais semelhantes do que podem aparentar. Ambos podem ser considerados verbos de estado e estabelecem relações de ligação entre os termos a que se referem. E é esse fato que justifica a utilização desses dois verbos como auxiliares na construção de tempos verbais compostos.

Para o linguísta francês, a questão deve ultrapassar as amarras do quadro gramatical mais tradicional. Mais uma vez, ele parece desprezar as comparações entre as línguas que se reduzem às estruturas formais. Apresenta-se, pois, mais interessado em analisar a função pela qual essas formas operam. Ao aprofundar sua busca, Benveniste acaba destacando mais uma característica comum a diversas línguas, das mais diferentes tipologias ou famílias. Mesmo tendo formas muito diferentes de execução, “ser” e “ter” apresentam uma mesma função em um número muito grande de línguas.

1.2.2 PLG II: as línguas e a relação com o pensamento antropológico

O segundo volume dos *Problemas de Linguística Geral* foi concebido em concordância com o primeiro volume. Trata-se de um compilado de publicações de Émile Benveniste realizadas após 1964, selecionado, editado e publicado em 1974. Apesar de os textos não terem relação direta entre si e de Benveniste nunca ter proposto uma teoria oficialmente, este segundo volume é considerado por Roland Barthes o “livro da enunciação”. Assim como fizemos com os PLG I, o foco das análises recai sobre a pluralidade das línguas, sempre perpassando pela complexidade da linguagem e da língua em sua singularidade. Os capítulos selecionados da obra também são analisados e organizados em ordem cronológica de publicação, sendo eles: *Convergências tipológicas*, *Fundamentos sintáticos da composição nominal*, *As transformações das categorias linguísticas*, *As transformações das categorias linguísticas*, *Difusão de um termo de cultura: o latim orarium* e *Dois modelos linguísticos da cidade*.

1.2.2.1 Convergências tipológicas

Publicado em 1966 no segundo caderno do periódico *L'Homme*, esse texto constitui o sétimo capítulo do livro, sendo o segundo da terceira parte dele, “Estruturas e análises”. Nesse texto, o autor busca contribuir um pouco para a discussão sobre as convergências que ocorrem quanto a características de línguas classificadas em famílias diferentes. Mais especificamente, compara uma tendência de composição verbal do francês com diversos outros idiomas de fora do ramo indo-europeu.

Benveniste destaca que há uma estrutura particular do francês que se destaca dentro de sua filiação genética. Trata-se da composição verbal como *maintenir*, em que há a junção de um substantivo (“*main*”) e um verbo (“*tenir*”) em uma relação de instrumento (já que *maintenir* significa “segurar *com* a mão” e não apenas “segurar a mão”). O grupo é escasso e pouco produtivo, contando com apenas uma dúzia de verbos. Além da função instrumental do substantivo, o linguista destaca a possibilidade de pequenas mudanças nele, quase o tornando um prefixo, além de sempre serem bastante gerais (partes do corpo, substâncias, instrumentos).

Um paralelo desse tipo de construção não parece existir dentro das ramificações do indo-europeu. Por outro lado, uma formação quase idêntica é destacada num grupo considerado muito distante, o das línguas ameríndias. Na língua paiute meridional, membro da família uto-asteca, a composição substantivo + verbo com função instrumental parece ser bastante comum. Por exemplo, *ma-xwivu*, que significa “apertar com a mão”, formada a partir de *ma* (mão) + *qwivĩ* (apertar).

Essa característica, conforme destaca Benveniste, não é encontrada em todas as línguas do grupo shoshone (como o *tübatulabal* ou *nahuatl*). O asteca, porém, também apresenta uma construção bastante similar de nome + verbo com função instrumental. Duas línguas diferentes da família, portanto, apresentam a característica estudada.

Voltando para os exemplos do francês, o autor destaca que “trata-se essencialmente da mesma estrutura formal e funcional” (p.113) ao se comparar as

composições verbais dessas línguas tão distantes. Apesar de não serem completamente idênticas, as formações são muito parecidas e possuem a mesma função instrumental. Para ele, há algo de muito interessante nessas construções, uma vez que demonstram um grande alcance geral. Benveniste reforça, ainda, a ideia de que “a tipologia é independente do parentesco linguístico” (p. 114), podendo ser produzida fora de qualquer filiação genética.

1.2.2.2 Fundamentos sintáticos da composição nominal

Primeiro capítulo da quarta parte (“Funções sintáticas”) do PLG II e décimo primeiro no índice geral, o texto compunha originalmente o *Bulletin de la Société Linguistique* de Paris, de 1967. Nesse texto, Benveniste defende que os compostos nominais sejam vistos como organizações sintáticas em oposição à visão tradicional linguística que os classifica como espécies morfológicas. Para expor seu ponto de vista e compará-los, o autor divide sua análise em duas grandes classes de compostos.

O primeiro grande grupo é formado por aqueles compostos cuja relação entre os dois termos de sua composição é mantida inteira dentro de sua significação. Para exemplificar, são trazidos exemplos do védico, do francês, do inglês, do grego, do sânscrito, do latim do persa antigo, do russo, do iraniano, do avéstico e do indo-europeu. De uma forma ou de outra, todos os exemplos de composto parecem derivar de orações simples, não sendo apenas combinações de palavras.

O segundo grande grupo compõe-se pelos compostos cuja relação ultrapassa os dois termos de sua composição e a significação necessita de termos “exteriores”. Esse caso é exemplificado com compostos do inglês, do grego, do védico, do persa antigo, do paiute, do francês, do sânscrito, do irlandês, do semítico, do turco antigo, do alemão e do húngaro. E os exemplos também demonstram ser derivados de orações.

Em suas conclusões, Benveniste destaca uma função comum (e universal) entre todos os compostos de tantas línguas diferentes. Trata-se de “transferir para o virtual a relação atual de predicação enunciada pela oração de base” (p. 163). Além disso, ele ressalta o quanto o processo de composição nominal não pode ser visto como morfológico, mas sintático, já que transforma categorias e produz novas

classes. Chamando o processo de “metamorfismo”, Benveniste o descreve como um dos trabalhos mais singulares da língua.

1.2.2.3 As transformações das categorias linguísticas

Publicado apenas em tradução inglesa, em 1968, em *Directions for Historical Linguistics*, da *University of Texas*, esse artigo compõe a terceira parte do livro (“Estruturas e análises”), sendo o nono da obra. Nesse texto, Benveniste discute sobre as transformações das categorias linguísticas – que ele compreende como “classes de formas categorizadas distintivamente e suscetíveis de funções gramaticais” (p. 129) –, sendo elas as responsáveis pela evolução das línguas nomeadas em processo diacrônico.

No momento inicial do texto, o autor destaca a existência de dois tipos de transformações linguísticas. As transformações inovadoras dizem respeito às mudanças que provocam desaparecimentos de classes formais. Já as transformações conservadoras são aquelas que provocam uma substituição de uma categoria morfológica por uma categoria perifrástica.

Em seguida, propõe-se uma análise da noção de perífrase no processo de transformação, com um olhar especial para as formações que produzem uma nova classe de signos, os signos de auxiliação. Destacam-se, nessa análise, o perfeito e o futuro, no domínio românico, em suas relações formal e funcional.

Na primeira parte da elaboração, o linguista francês dedica sua atenção para a construção do perfeito no latim (*habere* + particípio passado), herdada por grande parte das línguas românicas. Em sua perspectiva, “a forma perifrástica é herdeira do antigo passado” (p. 134) e sua transformação estrutural resulta em uma conservação funcional.

Na segunda parte, Benveniste busca elucidar a transformação do futuro latino em futuro românico, uma vez que não concorda com a explicação linguística mais tradicional. Segundo ele, a construção perifrástica deve ser considerada como a forma intermediária entre o futuro latino e o românico. Além disso, ele apresenta os exemplos da evolução da língua grega e sogdiana para traçar um paralelo

comparativo. No entanto, destaca a eliminação do termo auxiliante como característica comum dos diferentes processos.

Finalmente, na terceira parte, passa a debater que existem muitas outras transformações nas mais diversas línguas, que produzem formas distintas de auxiliação. Como exemplos, aborda o português e também várias línguas de ramificações genéticas diferentes, como o tunicano, o asteca e as línguas altaicas.

Para concluir, Benveniste destaca a generalidade deste procedimento, apesar de possuir vias tão paralelas de realização. A auxiliação ocorre de maneira distintas em línguas diferentes, porém apresenta sempre uma mesma função universal, sendo “um verbo de sentido muito geral, frequentemente defectivo e irregular, supletivo em um grande número de línguas” (p. 138).

1.2.2.4 Estrutura da língua e estrutura da sociedade

Publicado em 1970 na revista italiana *Linguaggi nella società e nella tecnica*, o texto insere-se na terceira parte do livro, “Estruturas e análises”. Nessa publicação, Benveniste busca analisar as complexas relações entre a entidade da língua e a entidade da sociedade.

De acordo com ele, a sociedade é dada e só se sustenta por meio da linguagem, sendo ela, para o homem, “o único meio de atingir outro homem” (p. 93). Nesse sentido, Benveniste afirma que a existência de uma das entidades implica na existência da outra.

A partir daí, o autor passa a expor os argumentos da linguística mais tradicional que defendem a separação das duas nos estudos acadêmicos, por considerarem que sociedade e cultura seriam independentes da língua e evoluem de forma separada. Outro ponto de vista exposto é a consideração da língua como o “espelho” da sociedade, cuja estrutura seria refletida pela língua. Inconciliáveis, nenhum dos pontos de vista parece solucionar a questão aos olhos do linguista francês.

Para Benveniste, trata-se de estruturas diferentes. A língua tem como base estrutural unidades distintivas, que são discretas, finitas, combináveis e hierarquizadas. Já a sociedade apresenta uma estrutura dupla: de um lado, um sistema relacional (ou de parentesco); de outro, um sistema de relação (ou de

classes sociais). Não se poderia comparar ambos por analogia, uma vez que não há correspondência alguma entre seus elementos constitutivos. Essa discussão cabe a concepções históricas de língua e de sociedade (a língua e a sociedade francesas ou a língua e a sociedade russas, por exemplo).

No entanto, o autor apresenta outro nível de análise e comparação: o fundamental. Esse nível está ligado a concepções mais gerais de língua e sociedade, vendo-as como entidades mais abstratas e universais (a língua e a sociedade humanas). Deste ponto de vista, é possível estabelecer caracteres comuns a ambas.

Língua e sociedade são para os homens realidades inconscientes, uma e outra representam a natureza, se assim se pode dizer, o meio natural e a expressão natural, coisas que não podem ser concebidas como outras que não são e que não podem ser imaginadas como ausentes. Uma e outra são sempre herdadas, e não se imagina no exercício da língua e na prática da sociedade, neste nível fundamental, que tenha podido existir um começo tanto em uma como em outra. (BENVENISTE, 2006 [1974], p. 96)

Dessa forma, constitui-se uma relação de dependência do homem em relação tanto à língua quanto à sociedade, que são elementos essenciais de sua existência. Nesse sentido, o homem pode até mudar algumas características dos dois sistemas, mas nunca sua estrutura fundamental.

Seguindo seu raciocínio, Benveniste defende que a análise das duas entidades não pode, então, ser estrutural, nem tipológica e tampouco histórica (ou genética). Segundo o autor, elas devem ser estudadas dentro de uma relação semiótica, isto é, uma relação de interpretação. Assim, surgem as proposições: (i) a língua interpreta a sociedade e (ii) a língua contém a sociedade. Nas palavras benvenistianas, “a sociedade torna-se significante na e pela língua, a sociedade é o interpretado por excelência da língua” (p. 98)

O linguista francês aponta, ainda, duas propriedades da língua. A primeira é a de ser formada por unidades significantes e a segunda é a de poder arranjar estes signos de maneira significante. Após expor essas duas faculdades, adiciona à discussão uma terceira propriedade, que é a de combinar seus signos em certas regras de consecução (e apenas de determinada forma).

Para o autor, “nada pode ser compreendido” sem que “tenha sido reduzido à língua”. Isso resulta no fato de a língua ser o instrumento por excelência para descrever, conceitualizar e interpretar a sociedade, composta pela natureza e pela experiência. Assim, a língua é capaz de tomar tudo como objeto, inclusive a si própria. Como muito bem aponta o linguista, “há uma metalinguagem, mas não há uma metassociedade” (p.100).

Ao final do texto, Benveniste conclui com muita profundidade:

É na prática social, comum no exercício da língua, nesta relação de comunicação inter-humana que os traços comuns de seu funcionamento deverão ser descobertos, pois o homem é ainda e cada vez mais um objeto para ser descoberto, na dupla natureza que a linguagem fundamenta e instaura nele. (BENVENISTE, 2006 [1974], p. 104)

O texto mostra uma tentativa muito bem fundamentada de estabelecer relações lógicas e funcionais entre língua e sociedade, duas entidades fundamentais à experiência humana. Busca-se analisar de forma profunda essas relações tão complexas, evitando as tentativas rasas mais tradicionais e destacando sua relevância para a experiência humana. Evidencia-se, portanto, uma preocupação altamente antropológica.

1.2.2.5 Difusão de um termo de cultura: o latim *orarium*

Primeiro texto da sexta e última parte do livro, intitulada “Léxico e cultura”, foi publicado no primeiro volume da *Studia classica et orientalia Antonio Pagliaro oblata*, do *Istituto di Glottologia della Università di Roma*, em 1969. Ao longo desse texto, Benveniste busca demonstrar como os processos de empréstimo linguístico contribuíram para a evolução de *orarium* para *sudarium* e, posteriormente, para *stola*, distribuindo-se desde Roma até a Ásia Central.

Ao comparar alguns versículos da Vulgata com seus correspondentes da mais antiga *Vetus Latina* (Itala), Benveniste percebe que o termo *orarium* (“pano branco para cobrir o rosto”) é substituído por *sudarium* (“lenço para enxugar o suor”) — que passa a englobar o sentido original de *orarium* justamente por estar presente nos textos litúrgicos referentes à Ressureição. Segundo o autor, essa troca entre termos pode ser explicada por motivos estilísticos, uma vez que *sudarium* pertencia à “boa língua clássica”, enquanto *orarium* era considerado um termo mais vulgar.

Esse processo poderia ter encerrado o destino da palavra *orarium*, porém, como lembra o autor, ela ganhou, ainda, a partir do século VI, um novo uso eclesiástico: designar uma “peça de fazenda que o diácono trazia sobre o ombro esquerdo” (p. 249). Com o tempo, o termo acaba se substituindo por um novo, *stola*. E, sob essa nova significação, a palavra difunde-se em direção ao leste europeu (eslavo, russo, armênio, sogdiano, etc.) e chega a atingir as línguas do cristianismo oriental, como o siríaco.

Trata-se, aqui, de uma tentativa de Benveniste demonstrar como os processos de empréstimos lexicais intralinguísticos contribuem para a difusão de tendências de cultura. No caso específico de *orarium*, além disso, “somente os empréstimos estrangeiros conservam o testemunho de sua existência” (p. 251). Acredita-se que as relações entre as línguas, assim, são extremamente reveladoras não apenas para os estudos linguísticos, mas também para os estudos antropológicos.

1.2.2.6 Dois modelos linguísticos da cidade

Integrante da sexta e última parte do livro, “Léxico e cultura”, o texto foi publicado em 1970 na obra *Échanges e communications*, em homenagem a Claude Lévi-Strauss. Nesse texto, Benveniste faz uma análise sobre as noções de significação do termo “cidade” em relação a suas composições morfológicas, comparando o latim e o grego.

De início, o autor critica a concepção, que considera equivocada, de que a língua “reflete” a sociedade, sendo seu “espelho”. Para ele, a relação entre língua e sociedade é muito mais complexa, e essa concepção mais tradicional serve apenas para levantar um “inventário lexicológico da cultura” (p. 278). Ele propõe, então, uma outra comparação, tendo a língua como ponto de partida. Nessa proposta, o foco da análise recai sobre a derivação das palavras, a fim de estabelecer relações entre um termo base e um termo derivado. Trata-se, pois, de uma análise intralinguística.

Para exemplificar sua proposta, Benveniste compara a palavra “cidade” no latim (*civitas*) e no grego (*pólis*) em relação com a palavra “cidadão” (*civis* e *polítes*,

respectivamente). Consoante ele, existem dois processos contrários de derivação entre essas palavras nessas duas línguas dadas.

No latim, há derivação de “cidadão” para “cidade” (*civis* → *civitas*). O termo primário é qualificador do homem em sua individualidade e o termo secundário, derivado do primário, é o que designa a coletividade. Ao trazer vários exemplos de autores clássicos (Plauto, Cícero, etc), o autor comprova que o sentido original de *civis* é melhor traduzido como “concidadão”, uma vez que carrega consigo a ideia de dependência recíproca; para ser *civis*, deve-se, obrigatoriamente, reconhecer o outro como *civis*.

Já no caso do grego, o processo é inverso. Isto é, a derivação ocorre de “cidade” para “cidadão” (*pólis* → *polítes*). Aqui, o termo primário é o que designa o grupo e deriva no secundário que caracteriza o participante individual. Nesse caso, não há a ideia de reciprocidade, mas de pertencimento; para ser *polítes*, basta fazer parte da *pólis*.

Por meio dessa análise, percebe-se uma diferença drástica na formação morfológica desses termos, e essa diferença parece estar muito intimamente ligada com a própria formação social de suas sociedades. A formação das palavras no latim aponta para uma maior importância do cidadão para a formação da cidade; é o conjunto dos cidadãos que forma a cidade. Em contrapartida, a formação do grego indica um destaque prioritário à cidade; é a cidade que forma os cidadãos.

E, com essas conclusões, Benveniste propõe que esse tipo de análise “deveria ser o ponto de partida de um novo estudo comparado das próprias instituições” (p. 286). Para ele, parece ser de grande relevância elevar os modos de fazer dos estudos linguísticos para fora da caixa do *status quo*, afastando-se de um estudo da língua por si só.

Dessa forma, “língua” e “sociedade” (e, conseqüentemente, “cultura”) vão se construindo como noções inseparáveis. Isto é relevante para o estudo das línguas, uma vez que evidencia que idiomas diferentes têm maneiras diferentes de significar seus componentes, sendo esse processo bastante dependente de suas estruturas sociais. Além disso, instiga-se que a língua molda e, ao mesmo, é moldada pela estrutura social, incluindo seus níveis políticos e ideológicos. Finalmente, “toda a

história lexical e conceitual do pensamento político está ainda por ser descoberta”.
(p. 287)

1.3 ENTRE O PARTICULAR E O UNIVERSAL: AS LÍNGUAS (NO PLURAL) COMO UMA QUESTÃO FUNDAMENTALMENTE ANTROPOLÓGICA

A análise do corpus selecionado de textos dos autores contribui para a organização dos conceitos norteadores do trabalho. Sendo o conceito de línguas, no plural, o ponto principal da discussão, mostram-se importantes para sua elucidação a exploração das noções de Linguagem e Língua, visto que elas o compõem e também por ele são compostas.

Dentro de ambas as propostas linguísticas, notamos grande preocupação em se delimitar Língua e Linguagem. Ao mesmo tempo, e até paradoxalmente, salienta-se o quanto o estudo de um é relacionado ao estudo do(s) outro(s) mais geral(is). Em primeiro lugar, a Linguagem, abstrata e conceitual, mantém-se como conceito mais abrangente, apresentando diversas manifestações. Em segundo lugar, a Língua, com L maiúsculo, representa uma parte – a principal – da Linguagem, sendo ela o sistema simbólico e interpretante por excelência, capaz de interpretar os demais sistemas que compõem a Linguagem e, também, a si próprio. E, em terceiro lugar, as línguas, em sua pluralidade, representam a manifestação concreta e empírica dos dois sistemas mais gerais que o englobam, sua manifestação física. Estudar as línguas é, portanto, uma questão bastante profunda da Linguagem, dentro de diferentes níveis, além de somar, obrigatoriamente, suas manifestações teóricas e práticas em sua totalidade.

Apesar de muitas concordâncias e similaridades, as contribuições de Saussure e Benveniste apresentam, ainda, certas diferenças. A começar pela própria composição da obra, que gerou duas abordagens distintas no presente trabalho. Ao se selecionar os textos do linguista suíço, pôde-se recorrer mais diretamente aos textos que abordam as línguas (no plural), uma vez que o autor dedica capítulos mais específicos para essa discussão, principalmente a nível conceitual e muito relacionada aos conceitos de Língua e Linguagem. Já ao se

escolher os textos do francês, a tarefa exigiu um critério mais rigoroso, pois o autor não fala especificamente na pluralidade das línguas como conceito, mas as utiliza em suas manifestações empíricas para realizar suas análises.

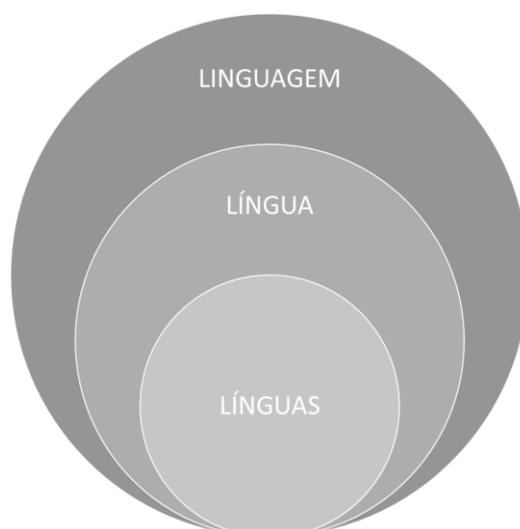
Ferdinand de Saussure, enquanto se propõe a fundamentar a linguística e delimitar seu objeto, acaba fazendo uma abordagem bastante teórica acerca da diversidade das línguas e sua relação com a Linguagem e a Língua. Além de expor a importância do estudo das línguas para os linguistas, o autor reforça uma análise crítica sobre as relações das línguas entre si e entre seus diferentes estados, marcando sua inquietação com questões históricas, geográficas e sociais.

Ao tratar dos princípios gerais nos *Escritos*, o linguista apresenta mais categoricamente suas concepções dos termos estudados:

Língua e linguagem são apenas uma mesma coisa: uma é a generalização da outra. Querer estudar a linguagem sem se dar ao trabalho de estudar suas diversas manifestações que, evidentemente, são as línguas, é uma empreitada absolutamente inútil e quimérica; por outro lado, querer estudar as línguas esquecendo que elas são primordialmente regidas por certos princípios que estão resumidos na ideia de linguagem é um trabalho ainda mais destituído de qualquer significação séria, de qualquer base científica válida. (SAUSSURE, 2004 [1891], p. 128-129)

Para Saussure, Língua e Linguagem são noções muito próximas, sendo que uma engloba a outra. Além disso, as línguas aparecem como manifestações desses termos mais gerais, também sendo uma noção englobada. Dessa forma, a visão saussuriana pode ser ilustrada a partir da seguinte figura:

Figura 2 – As línguas na concepção saussuriana



Fonte: elaboração própria.

Para Claudine Normand (2009), Saussure é responsável por redefinir os conceitos de Língua e Linguagem dentro dos estudos linguísticos, rompendo sua tradicional ligação com a noção de “comunicação”. Além da importância em definir o “signo” (e, com isso, fundar a Semiologia) e sua arbitrariedade, o autor demonstra indícios de preocupação, também, com os falantes e sua relação com suas línguas.

Com o conceito de *língua*, Saussure busca pensar não mais uma *função*, mas um *funcionamento*, aquele que, em cada caso específico, opera em uma comunidade dada; pois o espantoso não é somente que duas ordens julgadas disparatadas, o pensamento e o som, possam assim se encontrar ligadas e que o mundo se torne inteligível pelas palavras — maravilhamento filosófico; deve-se maravilhar, por outro lado, com o fato de que aqueles que falam, em certas condições, compreendem-se. (NORMAND, 2009, p. 56)

Émile Benveniste, por sua vez, mostra-se alinhado a essa herança saussuriana. Ao propor uma adição semântica à proposta semiótica de Saussure, o linguista demonstra querer dar continuidade aos estudos já estabelecidos pelo mestre. E, por já conhecer a proposta do mestre genebrino e estar de acordo com ela, suas preocupações com as línguas passam para o quadro empírico, sendo elas constantes exemplos de comparação e objetos de análise. Apesar de explorar um número muito grande de línguas e demarcar sua diversidade, suas preocupações principais tendem a girar em torno de possíveis pontos universais entre elas.

Benveniste apresenta, pois, uma visão relativamente diferente, com alguns questionamentos e aprofundamentos adicionais. Para ele, as noções afastam-se um pouco, porém apresentam uma forte relação indissolúvel. Além disso, entra em jogo como protagonista o falante, elemento que acaba sendo tratado por Saussure numa posição mais coadjuvante.

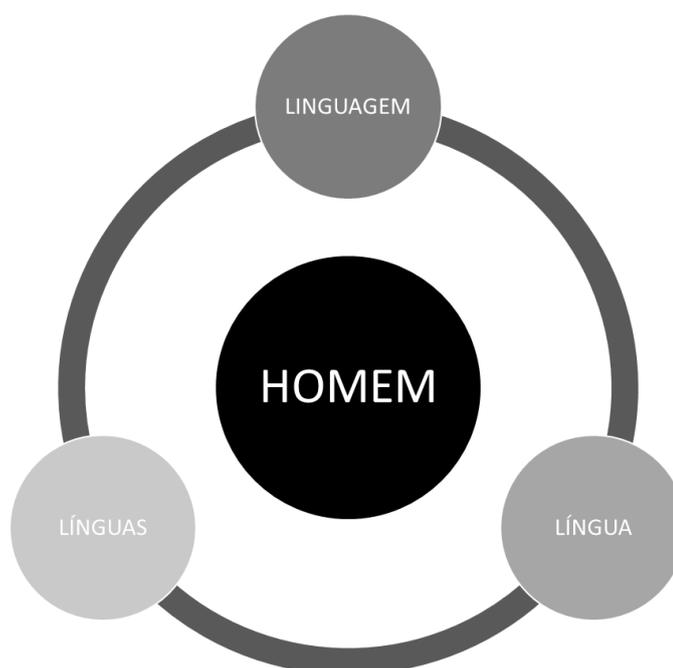
O texto *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística*, de 1963, traz contribuições muito interessantes sobre a discussão, que são usadas, neste caso, como espécie de retomada ou recapitulação:

Começemos por observar que a linguística tem duplo objeto: é ciência da linguagem e ciência das línguas. Essa distinção, que nem sempre se faz, é necessária: a linguagem, faculdade humana, característica universal e imutável do homem, não é a mesma coisa que as línguas, sempre particulares e variáveis, nas quais se realiza. É das línguas que se ocupa o linguista e a linguística é em primeiro lugar a teoria das línguas. Dentro da perspectiva em que nos aqui colocamos, veremos que essas vias diferentes

se entrelaçam com frequência e finalmente se confundem, pois os problemas infinitamente diversos das línguas têm em comum o fato de que, a um certo grau de generalidade, põem sempre em questão a linguagem (BENVENISTE, 2005 [1963], p. 20).

Além de não considerar os termos como sinônimos, o autor não deixa de destacar um elemento que é crucial em sua obra: o homem. A concepção de Benveniste, por sua vez, pode ser ilustrada da seguinte forma:

Figura 3 – As línguas na concepção benvenistiana



Fonte: elaboração própria.

Segundo Flores (2020), apesar de Benveniste reforçar constantemente a ideia de que cada língua é particular ou singular, ele propõe, concomitantemente, categorias compartilhadas e universais a elas. Essas categorias acabam ligando as línguas muito intimamente à Linguagem, já que expõem uma característica geral (e que só pode concretizar-se nas e pelas línguas). Trata-se das categorias de pessoa, tempo e espaço.

as categorias de pessoa, tempo e espaço formam conjuntamente um dispositivo constitutivo de todas as línguas, que permite a inscrição do homem em sua fala. É uma espécie de sistema universal que permite que cada falante singularize a língua, torne-a sua.

Essas *categorias elementares* são universais que unificam as línguas. Mas universais de que natureza? Certamente, Benveniste não está falando, aqui, de alguma propriedade biológica, fisiológica ou mesmo psicológica. Em uma

palavra, pode-se dizer que o universal visado por Benveniste é de natureza antropológica. (FLORES, 2020, p. 588)

Essa preocupação antropológica é ponto fundamental nas contribuições benvenistianas, que têm, sobretudo, o homem como tema central, sempre relacionado à Língua e, conseqüentemente, à Linguagem. E, acreditamos após as análises propostas, que essa preocupação também é compartilhada com as contribuições saussurianas, mesmo que em grau menos elevado.

Nesse sentido, privilegiamos, neste trabalho, a visão proposta por Émile Benveniste, já que ela está mais fortemente ligada à questão fundamental do homem, na e pela língua. Trata-se, portanto, de uma preocupação antropológica.

Isso não significa que a visão saussuriana seja, de alguma forma, negada ou anulada. Pelo contrário, enxergamos a proposta benvenistiana como complementar à proposta de Saussure, expandindo-a e a aprofundando. Também vale reforçar que ela não é a única, sendo Benveniste apenas um dos muitos autores que, de uma forma ou de outra, deram seguimento à visão do mestre genebrino.

Por fim, é importante salientar uma tendência presente na obra dos dois célebres linguistas. Retomando-se as análises de Trabant (2020), podemos enquadrar os autores dentro de uma perspectiva unitária de Língua, já que ambos buscam uma certa universalidade entre as línguas no plural. Apesar de abordarem a diversidade entre essas línguas, Saussure e Benveniste parecem pouco preocupados em as dividir e afastar, mas, pelo contrário, aparentam estar muito mais interessados em encontrar aquilo que as une.

As duas perspectivas, portanto, não devem ser consideradas como antagônicas ou excludentes. Assim como muitos dos conceitos apresentados pelos mestres linguistas estudados, unidade e diversidade linguística podem ser vistas como complementares e, até, paradoxais. Para se poder contemplar a unidade das línguas é visceral que se estude as diversidades das línguas. E estudar a diversidade das línguas implica, necessariamente, que se assuma uma certa unidade entre elas, mesmo que apenas a nível fundamental. E, no centro dessa problemática, insere-se, então, um outro ponto principal: o homem.

2 ANTROPOLOGIA, ENUNCIÇÃO, ESCRITA

em primeiro lugar, a língua é o interpretante da sociedade; em segundo lugar, a língua contém a sociedade.
(BENVENISTE, 2006 [1970], p. 97)

Composta pelos radicais gregos *antrophos* (“homem”) e *logos* (“razão”), a antropologia, em sua definição mais básica, é a ciência que estuda o homem. Entender sua origem sempre foi um questionamento fundamental da humanidade e seu interesse espalha-se pelas mais diversas áreas. Dentro dos estudos linguísticos, a importância da antropologia recai sobre a relação entre homem, sociedade e linguagem. Em especial, mostram-se bastante pertinentes os questionamentos “como o homem constitui a linguagem?” e “como a linguagem constitui o homem?”.

Contemporâneos aos estudos linguísticos, os estudos antropológicos ganham destaque no século XX. E, apesar de bastante singulares, as duas áreas apresentam certas preocupações comuns, principalmente em se tratando de algumas perspectivas linguísticas pós-saussurianas.

Defensor de uma “antropologia cultural”, o antropólogo teuto-estadunidense Franz Boas buscava refinar a pesquisa antropológica, em busca de resultados mais autênticos e relevantes. Na conferência *Os objetivos da pesquisa antropológica*, de 1932, ele resume como o objetivo principal da antropologia a compreensão da formação humana em seus mais diferentes níveis.

Talvez possamos definir melhor o nosso objetivo como uma tentativa de compreender os passos pelos quais o homem tornou-se aquilo que é biológica, psicológica e culturalmente. Desse modo, fica claro desde logo que nosso material precisa necessariamente ser histórico, no sentido mais amplo do termo. Cumpre que ele inclua na história do desenvolvimento da forma corporal do homem, de suas funções fisiológicas, sua mente e sua cultura. (BOAS, 2006 [1932], p. 88)

Seguindo essa linha de pensamento, Boas passa a refletir criticamente acerca da produção científica antropológica de sua época, que parece ter um foco principal em encontrar padrões comportamentais das sociedades, ignorando a individualidade do homem e reduzindo a cultura a uma noção rígida e rotulante.

É nossa tarefa descobrir, entre todas as variedades do comportamento humano, aqueles que são comuns a toda a humanidade. Por meio de um estudo da universalidade e da variedade das culturas, a antropologia pode

nos ajudar a moldar o futuro curso da humanidade. (BOAS, 2006 [1932], p. 109).

Para ele, então, seria estudando a diversidade das culturas que se chegaria aos elementos universais da humanidade. Por meio do estudo cultural, compreende-se melhor a condição humana. E, dentro da cultura, é impossível de se ignorar um elemento crucial: a(s) língua(s).

Claude Lévi-Strauss, antropólogo belga considerado pai da antropologia moderna, acreditava que a relação entre linguagem e cultura era muito clara, porém não poderia ser tomada como absoluta. No texto *Linguística e Antropologia*, de 1953, posiciona-se tanto contra uma visão de falta de relação entre as duas noções quanto contra uma visão de relação total entre elas.

Minha hipótese de trabalho se vale, pois, de uma posição média: certas correlações são provavelmente reveláveis, entre certos aspectos e em certos níveis, e trata-se, para nós, de encontrar quais são estes aspectos e onde estão estes níveis. Antropólogos e linguistas podem colaborar nesta tarefa. Mas a principal beneficiária de nossas descobertas eventuais não seria nem a antropologia, nem a linguística, tal como as concebemos atualmente: estas descobertas seriam aproveitáveis para uma ciência ao mesmo tempo muito antiga e muito nova, uma antropologia entendida em sentido mais lato, ou seja, um conhecimento do homem que associe diversos métodos e diversas disciplinas, e que nos revelará um dia as molas secretas que movem este hóspede, presente sem ser convidado aos nossos debates: o espírito humano. (LÉVI-STRAUSS, 1973 [1953], p. 99).

O posicionamento de Lévi-Strauss aponta para um certo interesse em explorar as duas áreas – linguística e antropologia – em conjunto. Esse interesse era compartilhado, também, por certos linguistas da mesma época. Esses pesquisadores enxergavam algo de muito profundo na relação entre a linguagem e a cultura, e que poderia ser bastante revelador sobre a própria condição humana.

Roman Jakobson (2010), em *A linguagem comum dos linguistas e dos antropólogos*, de 1953, reforça que “a linguagem e a cultura se implicam mutuamente” (p.19) e explora, além de outros, os pesquisadores aqui citados em sua argumentação. Além disso, o autor lembra que a linguagem é o principal instrumento da comunicação e também o sistema de símbolos principal, sendo os outros sistemas dele derivados. Para ele, portanto, “a linguagem é de fato o próprio fundamento da cultura” (p. 20).

Émile Benveniste, por sua vez, sempre demonstrou interesse pela antropologia linguística. A cultura e a língua, bem como suas relações com o homem, são temas recorrentes de suas reflexões e parecem ser vistas como conceitos complementares e indissociáveis.

Língua e sociedade são para os homens realidades inconscientes, uma e outra representam a natureza, se assim se pode dizer, o meio natural e a expressão natural, coisas que não podem ser concebidas como outras que não são e que não podem ser imaginadas como ausentes. Uma e outra são sempre herdadas, e não se imagina no exercício da língua e na prática da sociedade, neste nível fundamental, que tenha podido existir um começo tanto em uma quanto em outra. (BENVENISTE, 2006 [1970], p. 96).

Benveniste sempre defendeu a linguagem como característica fundamental da condição humana, afinal é nela e por ela que o homem se constitui como sujeito. E a sociedade, a cultura, está em uma relação direta com o homem, uma vez que também é constituída na e pela língua. Para ele, então, “o homem não nasce dentro da natureza, mas dentro da cultura” (BENVENISTE, 2005 [1963], p. 48).

Na nona das *Últimas aulas no Collège de France* (2014), Benveniste aborda o exemplo de contato entre as culturas esquimó e missionária do século XIX. Ao ver os missionários escreverem, um dos xamãs convertidos tenta imitar o ato e escrever sua própria língua (até então ágrafa), o que resulta em uma prática mnemotécnica. Trata-se de uma relação entre povos e línguas diferentes, que possibilita a emergência da forma escrita e também reforça o quanto sua preocupação primordial não é a de escrever a língua, mas a realidade. Esse exemplo, além de reforçar a preocupação antropológica benvenistiana, serve de ponto de partida para uma das discussões realizadas ao longo do capítulo: a enunciação escrita.

Não estou fazendo genética das escritas, nem procurando a origem da escrita. Quero apenas ver quais soluções o homem deu ao problema da “representação gráfica”. Minha constatação é que, tanto na antiguidade mais distante que possamos alcançar quanto nos tempos modernos, o homem começa sempre representando graficamente o *objeto* do discurso ou do pensamento, ou seja, o referente. A tendência “natural” é comunicar por um meio gráfico as *coisas* de que se fala, e não o discurso que fala das coisas. Não é, portanto, exato para quem abraça o conjunto das manifestações da escrita, que a escrita seja signo da língua, que por sua vez seria “signo” do “pensamento”. Não se pode dizer, da escrita, que ela é signo de signo. Ela se *tornou* somente uma transcrição da fala. (BENVENISTE, 2014, p. 139)

Como observado, a explicação de Benveniste aponta para sua tendência em encontrar características universais do homem na linguagem por meio da análise da diversidade das línguas. Por manter suas propostas teóricas constantemente sobre o homem entre a língua e a cultura, alguns estudiosos de Benveniste consideram a tendência antropológica a mais notável característica de suas contribuições.

No livro *Problemas gerais de linguística* (2019), o professor Valdir Flores reflete acerca de diversas problemáticas no âmbito de uma Linguística Geral. Embasado nas contribuições benvenistianas, Flores propõe, entre muitas proposições interessantes, uma abordagem enunciativa antropológica.

A antropologia da enunciação é uma outra linguística — talvez, aos olhos de alguns, menos científica — que supõe que o fato de a língua ser constitutiva do homem lhe dá a condição de especial “conhecedor” dela. Em outras palavras, o falante, ao falar sobre os efeitos que os diferentes fenômenos da língua têm sobre ele, se historiciza como *Homo loquens* em sua língua. (FLORES, 2019, p. 263).

A proposta consiste em estudar o que o falante tem a dizer sobre sua condição de falante, sendo o *homo loquens* visto não apenas como “o homem que fala”, mas “o homem que fala a outro homem”. Mesmo não possuindo o conhecimento técnico dos linguistas – o que, talvez, faz com que suas contribuições sejam ainda mais interessantes –, o falante também é capaz de falar sobre sua experiência com a própria língua, tentando explicar suas difíceis e complexas relações. A partir do que o falante tem a dizer sobre a língua, é possível fazer um novo estudo linguístico, que tem como foco tentar entender como o homem é constituído pela linguagem, pela língua e, também, pelas línguas. Assim, essa antropologia da enunciação não faz teoria, mas uma reflexão, uma crítica, um novo dizer. (FLORES, 2019)

E é justamente dentro dessa perspectiva da antropologia da enunciação que se insere a análise realizada no próximo capítulo. Trata-se, pois, de uma tentativa de reflexão acerca da relação do homem e as línguas, no plural, por meio de comentários via língua e sobre a língua, ou seja, em uma profunda relação metalinguística.

A fim de fundamentar a metodologia da análise proposta no presente trabalho, dividimos os conceitos principais relacionados à antropologia em dois grupos. Primeiramente, apresentamos os conceitos fundamentais, responsáveis pelo embasamento teórico da proposta. Em segundo lugar, expomos os conceitos operacionais, ligados ao lado prático das análises. E, por fim, fazemos uma retomada geral da proposta, relacionando-a com a enunciação, com ênfase em sua manifestação escrita.

2.1 CONCEITOS FUNDAMENTAIS DO ANTROPOLÓGICO EM BENVENISTE

Conforme visto anteriormente, a questão antropológica era muito cara para os estudos linguísticos de Émile Benveniste. Além da problemática referente ao homem na língua, a proposta antropológica iniciada por Benveniste é ampliada por Flores e passa a se importar, também, com a língua no homem. Para o linguista francês, entender o funcionamento da língua ajudaria na compreensão da condição humana. Seu funcionamento, no entanto, não é um fenômeno facilmente observável e articula diferentes aspectos, estudados na presente seção.

A língua é o único sistema em que a significação se articula assim em duas dimensões. Os outros sistemas têm uma significância unidimensional: ou semiótica (gestos de cortesia; mudras), sem semântica; ou semântica (expressões artísticas), sem semiótica. O privilégio da língua é de comportar simultaneamente a significância dos signos e a significância da enunciação. Daí provém seu poder maior, o de criar um segundo nível de enunciação, em que se torna possível sustentar propósitos significantes sobre a significância. É nesta faculdade metalinguística que encontramos a origem da relação de interpretância pela qual a língua engloba os outros sistemas. (BENVENISTE, 2006 [1969], p. 66)

A partir do ponto de vista de Benveniste, a proposta de Flores (2019) encontra sua fundação. A preocupação benvenistiana acerca das relações entre língua e homem mobilizam noções, distintas e complementares, para um estudo linguístico e antropológico. Porém os estudos linguísticos não conseguem dar conta do homem em sua inteireza e a junção de linguística e antropologia encontra seu limite em um ponto de intersecção das duas áreas: o uso da língua. Não se trata, pois, apenas do homem, mas, mais especificamente, do homem que fala, do falante, podendo-se ir um pouco ainda mais além: o homem que fala sobre sua fala (um *homo loquens loquens?*).

nada — além do desejo de cientificidade — separa o falante do linguista. Ambos são falantes e não podem deixar de ser falantes para falar da língua. Minha proposta é, então, que o linguista tome para si a tarefa de estudar a função metalinguística no que ela tem de autosemiotização da língua porque, nessa atividade do falante, vejo surgir um saber do e sobre o homem que advém de sua posição de falante, o que pode ser de interesse para uma perspectiva antropológica da linguagem. (FLORES, 2019, p. 315-316)

Dessa forma, propomos um breve estudo acerca dos cinco pontos que consideramos principais para a fundamentação teórica da Antropologia da Enunciação. Propostos por Benveniste e aprofundados por Flores, são eles: autorreferência, intersubjetividade, significância, autointerpretância e metalinguagem. Para a abordagem, selecionamos alguns textos pontuais de Benveniste (como *A natureza dos pronomes*, *Da subjetividade da linguagem*, *Semiologia da língua* e *A forma e o sentido na linguagem*), constituintes dos dois volumes dos *Problemas de Linguística Geral*, sempre em diálogo com a leitura antropológica de Flores no livro *Problemas gerais de linguística* (2019).

2.1.1 (Auto)referência

Uma primeira noção importante para o embasamento da proposta enunciativa antropológica é a construção de sentidos do termo “autorreferência”. Para seu pleno entendimento, é importante começar pela definição do termo “referência”, sem o prefixo.

De acordo com as contribuições de Émile Benveniste, a referência diz respeito à capacidade organizacional dos elementos da enunciação ao estabelecer a realidade do discurso. No caso da não-pessoa, por exemplo, a referência aponta para algum elemento externo à configuração enunciativa de cada ato específico e o estabelece entre os falantes.

Além de uma referência externa, é possível, também, uma referência interna, isto é, uma *sui*-referência. Essa autorreferência, ocorre quando um dos elementos discursivos faz uma referência a si próprio. Isso ocorre com a categoria de pessoa, ao passo que as palavras “eu” e “tu” estabelecem relação direta com o par falante-ouvinte.

Essa noção pode (e deve) se ligar, ainda, ao conceito de metalinguagem e, por extensão, aos demais conceitos estudados na presente seção. A autorreferência, nesse caso, está ligada à referência à língua, que só é possível de ocorrer por meio do uso da própria língua.

Bastante paradoxal, a autorreferência é muito relevante para a Antropologia da Enunciação por possibilitar uma reflexão sobre a relação entre homem e língua, a qual só pode ser acessada por meio da própria relação entre homem e língua na prática discursiva. Por exemplo, ao analisar um comentário de George Steiner sobre sua experiência com três línguas maternas¹⁰, Flores destaca a importância da autorreferência:

Tudo isso, no lindo comentário de Steiner, desemboca na *autorreferência* como organizadora do mundo do homem. Quando conclui seu relato de suas “três línguas maternas”, questionando “Em que língua sou *eu?*”, a autorreferência toma valor organizador na medida em que o grande ensaísta se pergunta sobre os termos pelos quais a língua impõe uma ordem para sua experiência vivida. A autorreferência que ali se explicita é a da língua indexada ao homem.

É possível, então, ver, na narrativa de Steiner, o falante tendo lugar na língua e a língua tendo lugar nele. O falante da narrativa referencia a si mesmo em sua relação com a língua — no caso, as línguas. (FLORES, 2019, p. 327)

Para finalizar, então, a autorreferência assume o papel de organizar o mundo do homem quando ele usa sua(s) língua(s) para falar de sua experiência com ela(s) mesma(s). A referência no processo metalinguístico incide, logo, sobre a relação do homem com a língua e se eleva ao status de autorreferência por se realizar quando o falante toma a língua para comentar sobre a língua, em uma (já) relação direta com a língua.

¹⁰O trecho analisado por Flores (2019) foi retirado do livro *Depois de Babel: questões de linguagem e tradução* (2005 [1975]), de George Steiner. Nesse excerto, Steiner faz um comentário metalinguístico em que relata sua experiência pessoal com o alemão, o francês e o inglês. O autor se julga fluente nessas três línguas nomeadas desde a infância e as considera, todas e igualmente, suas “línguas maternas”. A partir dessa questão como ponto de partida, Steiner reflete sobre diversas questões confluentes como a ordenação e classificação das línguas em relação ao falante (“materna”, “nativa”, “adicional”, “estrangeira”, etc.) e as possíveis diferenças entre falantes monolíngues e bilíngues ou políglotas, chegando ao ápice de sua reflexão com o questionamento altamente subjetivo “em que língua sou eu, *am I, suis-je, bin Ich?*”.

2.1.2 (Inter)subjetividade

A questão subjetiva presente na Enunciação está diretamente ligada à condição de sujeito que o homem atinge ao fazer uso da língua. Essa subjetividade significa, então, colocar-se no mundo como “eu”, ao assumir a posição de quem fala. E esse posicionamento implica, obrigatoriamente, a instauração de outros dois elementos, pois “todo homem se coloca em sua individualidade enquanto *eu* por oposição a *tu* e *ele*” (2006 [1965], p. 68). Dessa forma, são mobilizados os elementos conhecidos gramaticalmente na categoria de pronomes como primeira, segunda e terceira pessoas do singular.

No entanto, esses pronomes pessoais retos singulares apresentam um funcionamento muito interessante e muito mais complexo do que a gramática mais tradicional parece propor a eles. Em *A natureza dos pronomes*, Benveniste explicita uma característica essencial dessas palavras ao serem utilizadas no discurso. Trata-se da condição de operarem como signos “vazios”, isto é, não assumirem significados fixos e serem suscetíveis a significações únicas a cada ato de fala, sendo sempre atualizados de acordo com as instâncias de discurso operantes no momento de cada ato enunciativo.

Qual é então a realidade à qual se refere *eu* ou *tu*? Unicamente uma “realidade de discurso”. *Eu* só pode definir-se em termos de “locução”, não em termos de objetos, como um signo nominal. *Eu* significa “a pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém *eu*”. Instância única por definição, e válida somente na sua unicidade. (BENVENISTE, 2005 [1956], p. 278)

Dessa forma, a palavra “eu” só consegue completar sua significação quando posta em uso no discurso. “Eu” pode designar toda e qualquer pessoa falante, porém só se sabe sua referência quando ela é proferida. “É ‘ego’ quem diz *ego*” (BENVENISTE, 2005 [1958] p. 286). Ou seja, O “eu” refere-se automaticamente a quem se apresenta como “eu” ao se apropriar da língua e enunciar sua fala.

Outra questão importante para a noção de subjetividade é a ideia de diálogo, uma vez que todo “eu” está fadado a depender, na enunciação, de um “tu”. Assim, insere-se o prefixo “inter” ao início do termo, tornando-o “intersubjetividade”. Trata-se

de uma relação indelével entre falante e ouvinte, uma vez que a existência de um “eu” exige, sempre, a existência de um “tu”. Quem fala sempre fala tendo em mente alguém que o escute (e que falará em resposta tendo imaginado o mesmo processo).

A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um *tu*. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da *pessoa*, pois implica em reciprocidade — que eu me torne *tu* na alocação daquele que por sua vez se designa como *eu*. (BENVENISTE, 2005 [1958], p. 286)

Essa reversibilidade é que garante aos elementos “eu” e “tu” um posicionamento próximo na categoria pessoal. Porém há algo de mais subjetivo em “eu” do que em “tu”, uma vez que possuem funções opostas na língua em uso, no discurso. Sendo ambas experiências ativas no processo, o “eu” garante a posição de falante e assegura, por consequência, a posição de ouvinte ao “tu”, que pode, por sua vez, inverter o jogo ao tomar a palavra. Apesar de diferentes, ambos os elementos – “eu” e “tu” – constituem a categoria de “pessoa” na enunciação.

Além da categoria de “pessoa”, há ainda a categoria de “não-pessoa”. Para Benveniste, “A ‘terceira pessoa’ representa de fato o membro não marcado da correlação de pessoa” (BENVENISTE, 2005 [1956], p. 282), pois o “ele” remete, sempre, a elementos de fora do discurso; já o “eu” e o “tu” referenciam elementos internos do discurso. As pessoas que falam (elementos internos) falam sobre alguma coisa (elemento externo). Nesse sentido, “eu” e “tu” opõem-se a “ele”, pois representam os elementos presentes da enunciação, enquanto o “ele” caracteriza um elemento ausente.

Dentro da perspectiva da Antropologia da Enunciação, a configuração da intersubjetividade acaba ocorrendo de uma forma um pouco diferente, em especial devido à metalinguagem. Segundo Flores (2019), a relação de pessoa permanece idêntica entre os dois níveis de enunciação (sendo a linguagem o primeiro e a metalinguagem o segundo), mas o local de não-pessoa, o “ele”, passa a ser ocupado pela língua, tornando sua presença/ausência um tanto quanto paradoxal..

Desse ponto de vista, então, pode-se dizer que há isomorfia entre linguagem e metalinguagem. No entanto, a especificidade da estrutura enunciativa no “segundo nível de enunciação” — o da metalinguagem — diz respeito ao que está subsumido na condição de “ele”. No caso da metalinguagem natural, o “ele” é a própria língua. Paradoxalmente, o falante

fala presentemente com a língua sobre a língua (o ausente). (FLORES, 2019, p. 314).

Desse modo, “há um elemento de presença na ausência de ‘ele’” (p. 315). Isso significa que, no segundo nível enunciativo, o falante consegue, involuntariamente, deslocar a língua de sua posição de presença (já que está sendo usada como meio de realização da enunciação) para uma posição de ausência (uma vez que assume a posição de elemento sobre o qual se fala), sendo a língua o “ele”, e, ao mesmo tempo, não anulando a presença formal da língua na formulação do diálogo. Eis o paradoxo. Apesar disso, enfim, nas palavras de Flores, “a operação metalinguística não está ‘a salvo’ da restrição enunciativa” (p. 315).

2.1.3 Significância

A questão da significação é fundamental na proposta enunciativa benvenistiana. Para o linguista francês, há algo de muito revelador na maneira que a linguagem humana constrói sua(s) significação(ões). Em *A forma e o sentido na linguagem*, por exemplo, Benveniste, além de proferir uma de suas frases mais célebres, é asseverativo ao falar sobre a importância da significação para a linguagem humana.

eu diria que, bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver. Se nós colocamos que à falta de linguagem não haveria nem possibilidade de sociedade, nem possibilidade de humanidade, é precisamente porque o próprio da linguagem é, antes de tudo, significar. Pela amplitude dessa definição pode-se medir a importância que deve caber à significação. (BENVENISTE, 2006 [1967], p. 222)

E depois complementa: “Que a linguagem significa quer dizer que a significação não é qualquer coisa que lhe seja dada por acréscimo ou, numa medida mais ampla, por uma outra atividade; é de sua própria natureza; se ela não fosse assim, não seria nada.” (p. 223-224). Assim, Benveniste vê o poder de significação da linguagem como sua principal e mais importante característica. Aliada à questão simbólica, é a capacidade de significação que melhor caracteriza a linguagem humana.

Benveniste, ainda, propõe que a complexidade dessa característica se deve, principalmente, ao fato de a língua possuir duas maneiras de significar, que ocorrem concomitantemente e se complementam. Essa dupla significância da língua divide-se em dois níveis: o semiótico e o semântico.

O universo semiótico dá conta da significância dos signos, isto é, a significação ocorre de acordo com a existência das palavras dentro do sistema, que devem ser reconhecidas pelos falantes. Sua unidade, portanto, é o signo. Muito embasada nas contribuições saussureanas, no nível semântico, a pergunta que precisa ter resposta positiva é “essa palavra existe?”. Isso significa que o sentido da palavra é o seu emprego.

Já o universo semântico está relacionado diretamente ao discurso, à enunciação, ou seja, a significação se dá na relação entre as palavras nas construções dialógicas, que devem ser compreendidas pelos falantes. Sua expressão por excelência é a frase. No nível semântico, proposta inédita benvenistiana, a questão principal que se pode colocar é “qual é o significado?”. Dessa maneira, o sentido da frase é a ideia que ela exprime.

A partir dessa dupla significação que Flores (2019) começa a abordar a questão da significância em Benveniste, a fim de esclarecer seu funcionamento. Para a Antropologia da Enunciação, um dos pontos mais interessantes da proposta benvenistiana no que tange à significação seria a característica de autointerpretação da língua, muito ligada à metalinguagem.

A partir daí, estão reunidas as condições para pensar a dita “função metalinguística” de uma maneira completamente diferente. Sendo a língua o único sistema semiológico que pode se autointerpretar — Benveniste usa também a expressão “autossemiotização” (BENVENISTE, 2014, p.155) —, o que se deve à sua dupla significância, a do sistema e a do discurso, é lícito conceber que o falante — na sua condição de diálogo eu-tu — está implicado nessa “função”, pois é pela ação do falante que se cria “um segundo nível de enunciação”, um nível que produz significação sobre a significação. (FLORES, 2019, p. 312-313).

Então, é a partir da significância da língua, mais especificamente sua capacidade de autointerpretação, que se funda a própria noção de metalinguagem. Também se destaca, mais uma vez, o protagonismo do falante nesse processo de uso da língua. E a condição de diálogo (eu-tu) faz referência clara à questão intersubjetiva. Todas as noções aqui estudadas são, portanto, intimamente conectadas.

É importante destacar, ainda, a relação entre significação e significância. Apesar de fortemente relacionadas e praticamente homólogas, as noções apresentam suas distinções. A partir da proposta de Benveniste, a significação mostra-se associada à própria capacidade interpretante da língua e, levando-se em consideração a complementação dos estudos de Flores, a significância parece estar associada à sua capacidade autointerpretante. Poder-se-ia dizer, em uma tentativa de as diferenciar a nível empírico, então, que a significação está mais ligada ao nível linguístico, enquanto a significância está mais ligada ao nível metalinguístico.

2.1.4 (Auto)interpretância

A capacidade interpretante da língua diz respeito ao poder que a língua tem de ser usada pelo homem para compreender e explicar os objetos presentes no mundo, inclusive, graças à condição metalinguística, a própria língua. Seguindo a proposta semiológica de Ferdinand de Saussure, Benveniste define a língua como o sistema interpretante por excelência, capaz de interpretar todos os demais sistemas de signos, sobretudo seu próprio sistema.

Pode-se assim introduzir e justificar este princípio de que a língua é o interpretante de todos os sistemas semióticos. Nenhum outro sistema dispõe de uma “língua” na qual possa se categorizar e se interpretar segundo suas distinções semióticas, enquanto que a língua pode, em princípio, tudo categorizar e interpretar, inclusive ela mesma. (BENVENISTE, 2006 [1969], p. 62)

Dentro da proposta linguística benvenistiana, então, a interpretância é a característica que garante à língua um status especial dentro dos estudos da Semiologia. Há muitos sistemas de signos diferentes que são objetos de estudos para a área, porém a língua é o mais importante entre eles.

Para a Antropologia da Enunciação, essa característica é bastante importante, uma vez que está ligada tanto à natureza da língua quanto à natureza do homem. Levando-se em conta a relação com a metalinguagem, a capacidade de autointerpretação ganha papel de destaque e proporciona à língua um novo nível de interpretação. Não se trata mais apenas de interpretar o mundo, mas de interpretar o

mundo através da própria língua, revelando uma interpretação do próprio homem, já que a língua é sua principal maneira de vivenciar sua realidade.

Está posto um raciocínio nunca antes formulado: a língua é o único sistema semiológico que pode se autointerpretar e interpretar os outros sistemas semiológicos. [...]

E a que deve a língua esse “poder”? [...] A resposta dada por Benveniste é de um alcance inimaginável: o fato é que a língua tem uma maneira muito específica de significar, que não é extensível a nenhum outro sistema. (FLORES, 2019, p. 311)

Além de ressaltar a unicidade do funcionamento da língua entre os sistemas semióticos, Flores (2019) relembra outro elemento, estudado como complementar por Benveniste, da proposta antropológica: a questão significação/significância. Além disso, destaca-se a dependência entre as duas noções; para se entender a interpretação da língua é necessário, também, entender sua significância (e vice-versa).

2.1.5 Metalinguagem

No texto *Linguística e poética*, de 1960, Roman Jakobson (2010) relaciona os seis fatores envolvidos na comunicação verbal (contexto, remetente, destinatário, contato, código e mensagem) a seis funções da linguagem (referencial, emotiva, conativa, fática, metalinguística e poética, respectivamente). Apesar de seu foco principal estar em explorar a função poética, o linguista russo também aborda as demais funções em sua reflexão, em especial (para o presente trabalho) a metalinguística. Além de destacar o foco dessa função no código (lê-se “língua”), ele opõe essa “metalinguagem” (que fala da própria linguagem) a uma “linguagem-objeto” (que fala de todos os demais objetos observáveis) e ressalta o quanto ela é comum e importante para o cotidiano, não tendo seu uso limitado aos lógicos e linguistas.

Além das contribuições de Jakobson, pode-se complementar a noção com o que tem a dizer Benveniste, que, de acordo com a leitura de Flores (2019) presente em uma das subseções anteriores, considera a metalinguagem como um segundo nível de enunciação. Trata-se de um refinamento do primeiro nível, em que o homem mobiliza a língua para falar sobre o mundo, para um nível mais profundo, em que o homem mobiliza a língua para falar sobre a própria língua. (BENVENISTE, 2006)

[1969]). Para compreender essa metalinguagem, é necessário mobilizar outras noções, interpretância e significância, já comentadas nas subseções anteriores.

E é com embasamento em Jakobson e complementação em Benveniste que Flores (2019) explora a temática. Para ele,

Trata-se, então, de uma prática de linguagem, ligada à faculdade de falar uma língua — “a faculdade de falar determinada língua implica a faculdade de falar acerca dessa língua” (p.67) —, que faz parte do funcionamento natural de toda língua.

Assim, a metalinguagem, tal como a compreendo com apoio em Jakobson, diz respeito à capacidade geral de o falante usar a língua para falar da língua, quer dizer, à atividade habitual, cotidiana, de todo falante (FLORES, 2019, p. 305-306)

Assim, Flores (2019) passa a delimitar o que a metalinguagem tem a ver com a proposta antropológica, bem como definir o que é compreendido como “metalinguagem” dentro da concepção. Segundo ele, interessa muito mais saber o que o falante leigo tem a dizer sobre o funcionamento da língua, uma vez que a análise do especialista acaba ficando presa a certas amarras em uma tentativa de cientificar o estudo linguístico. Para o linguista brasileiro, então, a metalinguagem de que deve se preocupar a Antropologia da Enunciação é “a natural (e não a formalizada), a cotidiana (e não a científica), a linguística (e não a lógica), a interna (e não a externa), observável no uso que o falante faz da língua, no discurso” (p. 306).

Creio que é possível associar a função metalinguística, entendida como a propriedade de autosemiotização da língua, à ideia de que o falante, quando usa a língua para falar da língua, faz uso de uma hermenêutica natural que o alça à condição de um comentador da língua, ou ainda, de um comentador de sua relação com a língua. A metalinguagem não é mais que um uso da língua, seja para fins de formalização, seja para fins de descrição, seja para fins de explicação. É na língua, com a língua e através da língua que se constrói a metalinguagem, uma propriedade universal das línguas naturais. (FLORES, 2019, p. 317)

Por fim, dentro de uma perspectiva enunciativa antropológica, a metalinguagem deve ser tomada como um processo natural das línguas, de todas elas. Distante das definições linguísticas mais tradicionais – as ditas científicas –, o falante tece comentários profundos, apesar de mais informais, acerca de sua(s)

relação(ões) pessoais com a(s) língua(s), pois é por meio de seu uso (e da análise que faz dele) que o falante interpreta sua condição de homem no mundo.

2.2 CONCEITOS OPERACIONAIS DO ANTROPOLÓGICO EM BENVENISTE

Além dos conceitos fundamentais, é de extrema importância que destaquemos os conceitos operacionais da obra benvenistiana para o estabelecimento da proposta enunciativa antropológica. Esses conceitos não fazem parte do embasamento teórico em si, mas se apresentam fundamentais para que as análises propostas possam transcender seu nível teórico e alcançar seu nível prático. São elementos mais definidos da proposta enunciativa, que possibilitam uma investigação mais tangível.

Em um belíssimo estudo, Aya Ono (2007) busca esclarecer e delimitar a própria noção de “enunciação” na obra de Benveniste. Ao analisar as ocorrências do termo entre 1945 e 1970, a linguista japonesa defende que o conceito se constrói de forma progressiva ao longo da obra e necessita de alguns outros conceitos e noções para se sustentar (como, por exemplo, “frase”, “subjetividade”, “significação”, “ato de fala”). Além disso, Ono (2007) destaca como um dos aspectos principais da enunciação o fato de ser “um ato operacional que converte a língua em discurso”¹¹ (p. 34). Essa concepção surge mais tardiamente nas produções de Benveniste (em *Semiologia da Língua*, de 1969), porém recebe grande destaque no último texto do autor (*O aparelho formal da enunciação*, de 1970), considerado como uma espécie de síntese de sua obra.

Ligada tanto à forma quanto ao sentido, essa visão operacional sobre a enunciação diz respeito à transformação do signo linguístico em palavra discursiva. Dessa maneira, as operações enunciativas nada mais são do que os processos desenvolvidos nesse colocar a língua em prática via discurso. E eles são, além de complexos, muitos.

Essa seção do capítulo visa, portanto, a definir os conceitos operacionais na teoria enunciativa de Benveniste que contribuem para uma Antropologia da Enunciação. Primeiramente, fazemos um estudo com foco nas contribuições presentes no texto *O aparelho formal da enunciação*. Depois, analisamos algumas

¹¹Traduzido do original “um acte opérationnel qui convertit la langue em discours”, (ONO, 2007, p. 32)

contribuições benvenistianas acerca da escrita, levando em consideração o segundo capítulo das *Últimas aulas no Collège de France*.

2.2.1 O aparelho formal da enunciação: no coração do homem na língua

Publicado originalmente em 1970 na *Langages*, o texto compõe a segunda parte (“A comunicação”) dos PLG II, sendo seu quinto capítulo. Nesse artigo, Émile Benveniste busca explicitar um quadro figurativo da enunciação, fenômeno que permite ao homem colocar-se no mundo (e compreendê-lo) por meio do uso da língua. Como visto anteriormente neste trabalho, cabe destacar esse “homem na língua” como uma das preocupações principais do autor.

Inicialmente, o linguista introduz o texto abordando as diferenças entre as condições de emprego das formas e as condições de emprego da língua. As formas podem ser estudadas por meio de modelos técnicos, enquanto a língua apresenta uma complexidade fenomenológica. E é justamente esse emprego da língua que interessa aos estudos enunciativos.

Coisa bem diferente é o emprego da língua. Trata-se aqui de um mecanismo total e constante que, de uma maneira ou de outra, afeta a língua inteira. A dificuldade é apreender este grande fenômeno, tão banal que parece se confundir com a própria língua, tão necessário que nos passa despercebido.

A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização. (BENVENISTE, 2006 [1970], p. 82)

Para se estudar esse grande processo que é a enunciação, Benveniste propõe três pontos de vista distintos. O primeiro deles é como realização vocal da língua, isto é, o aspecto fônico da fala, levando-se em conta a individualidade dos falantes na produção dos sons. O segundo é como mecanismo de produção, ou seja, o aspecto da conversão da língua em discurso, como os signos transformam-se em palavras e constituem sentido. Já o terceiro, ponto principal do texto, é como manifestação individual dentro de um quadro formal, levando em conta as circunstâncias e instrumentos de realização do ato de fala, afinal “antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua” (p. 83)

Enquanto realização individual, a enunciação pode se definir, em relação à língua, como um processo de *apropriação*. O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro. (BENVENISTE, 2006 [1970], p. 84)

Nesse sentido, o aparelho formal da língua (que é virtual e disponível), ao ser apropriado pelo falante, ajuda a construir o aparelho formal da enunciação (que opera tão brevemente quanto for o ato de fala, atualizando-se a cada ato). Para que esse processo ocorra e se sustente, Benveniste aborda, então, dois elementos enunciativos fundamentais: os índices específicos e os procedimentos acessórios. Esses elementos compõem o que o autor denomina de quadro figurativo da enunciação.

Ao final do artigo, ainda, Benveniste aborda outra questão. Trata-se da problemática de formas complexas do discurso, que são formas discursivas que, de alguma forma, tencionam esse quadro figurativo.

Assim, essa subseção apresenta as concepções formais do aparelho formal de enunciação, fundamentais para base da constituição operacional da proposta de análise, que são relativamente problematizadas levando-se em conta as particularidades da enunciação escrita, ao final da subseção e na seguinte. A proposta não busca descartar a proposição benvenistiana do quadro figurativo, mas mostrar como a complexidade enunciativa do modo escrito subverte esse quadro e cria um funcionamento próprio, especialmente dentro de uma proposta metalinguística.

2.2.1.1 Índices específicos: o homem na língua, aqui e agora

Os índices específicos são instrumentos de realização da enunciação indispensáveis, presentes em todo e qualquer ato discursivo. Podem ser comparados aos signos “vazios” de que Benveniste fala n’*A natureza dos pronomes* (1956), uma vez que são palavras que só possuem significados quando são utilizadas por meio da língua em prática, sendo cada vez singulares, atualizando-se a cada situação enunciativa.

Assim a enunciação é diretamente responsável por certas classes de signos que ela promove literalmente à existência. Porque eles não poderiam surgir nem ser empregados no uso cognitivo da língua. É preciso então distinguir

as entidades que têm na língua seu estatuto pleno e permanente e aquelas que, emanando da enunciação, não existem senão na rede de “indivíduos” que a enunciação cria e em relação ao “aqui-agora” do locutor. (BENVENISTE, 2006 [1970], p. 86)

Universais a todas as línguas, os índices específicos representam a capacidade do homem de se colocar como sujeito no mundo, uma vez que contextualizam e atualizam cada ato discursivo, criando seu eixo referencial. Eles podem ser divididos em três categorias: pessoa, tempo e espaço.

2.2.1.1.1 Pessoa

Essa noção está diretamente ligada à noção de intersubjetividade e é explorada em diversos textos do autor, como, por exemplo, *A natureza dos pronomes* (1956) e *Da subjetividade da linguagem* (1958). Entre os pontos principais, destacam-se as oposições entre pessoas (eu e tu) e entre pessoa e não-pessoa (eu/tu e ele).

N’*O aparelho formal de enunciação* (1970), Benveniste destaca a condição dialógica do ato de enunciação. Essa condição implica na instauração intrínseca das pessoas discursivas: eu e tu.

Mas imediatamente, desde que ele se declara locutor e assume a língua, ele implanta o outro diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este outro. Toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocução, ela postula um alocutário. (BENVENISTE, 2006 [1970], p. 84)

Dessa forma, a categoria de pessoa é indispensável para a situação discursiva. Sempre há um locutor (eu) que se dirige a um alocutário (tu), e essas posições são inversíveis. Ao tomar a palavra, o alocutário passa à posição de locutor. Logo, “eu” e “tu”, as pessoas enunciativas, alternam-se indefinidamente enquanto persistir a condição de diálogo.

Além disso, parece ser bastante caro para Benveniste a dependência da referência a esse processo de constituição pessoal.

O ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala. Este é um dado constitutivo da enunciação. A presença do locutor em

sua enunciação faz com que cada instância de discurso constitua um centro de referência interno. Esta situação vai se manifestar por um jogo de formas específicas cuja função é de colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação. (BENVENISTE, 2006 [1970], p. 84)

Dessarte, a categoria de pessoa funda-se no ato singular de apropriação da língua de que cada falante é capaz de realizar ao construir seu discurso, sua enunciação. O homem firma-se como pessoa subjetiva ao tomar a palavra e, conseqüentemente, reconhecer-se como “eu”, instaurando diante de si a figura do outro homem, um “tu” projetado a quem dirige a palavra.

2.2.1.1.2 Tempo

No artigo *A linguagem e a experiência humana*, publicado em 1965 na *Diogenes*, Benveniste debruça-se sobre o tempo. A ideia principal do autor é explorar como a temporalidade opera nas construções enunciativas, sobretudo em relação à intersubjetividade.

Para o linguista francês, existem três formas de se vislumbrar a questão temporal. Primeiramente, o tempo físico seria “um contínuo uniforme, infinito, linear”, ou seja, é a experiência humana, interior, da passagem do tempo, sua vivência individual e ligada às emoções particulares. Em segundo lugar, o tempo crônico é “o tempo dos acontecimentos” (p. 71), isto é, o tempo compartilhado pela humanidade, socialmente construído, o tempo do calendário e das datas. E, por fim, o tempo linguístico é o tempo ligado ao uso da língua, o tempo do discurso, o tempo da fala. Esse último, além de ser o tempo da enunciação, é o fundador dos outros dois, é principalmente por meio dele que o homem experiencia e referencia suas experiências temporais.

É pela língua que se manifesta a experiência humana do tempo, e o tempo linguístico manifesta-se irreduzível igualmente ao tempo crônico e ao tempo físico.

O que o tempo linguístico tem de singular é o fato de estar organicamente ligado ao exercício da fala, o fato de se definir e de se organizar como função do discurso. (BENVENISTE, 2006 [1965], p. 74)

“Reinventado a cada vez que um homem fala” (p. 75), o tempo linguístico está fadado a representar um presente eterno, uma vez que a enunciação só é possível no momento atual. Esse presente é, portanto, implícito e é a partir dele que

se constroem todas as demais referências temporais do discurso, tanto em regressão (passado) quanto em projeção (futuro); é o “agora” que determina o que significam o “antes” e o “depois”.

Essa visão de tempo é continuada n’ *O aparelho formal da enunciação*. Para Benveniste, o tempo só pode ser experimentado pelo homem via enunciação, pelo uso da língua.

Da enunciação procede a instauração da categoria do presente, e da categoria do presente nasce a categoria do tempo. O presente é propriamente a origem do tempo. Ele é esta presença no mundo que somente o ato de enunciação torna possível, porque, é necessário refletir bem sobre isso, o homem não dispõe de nenhum outro meio para viver o “agora” e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo. (BENVENISTE, 2006 [1970], p. 85)

Assim, o tempo é um dos elementos fundamentais do ato enunciativo. Obrigatório em cada atualização discursiva, mesmo que implicitamente, ele fundamenta-se no momento da fala e auxilia o falante a se localizar tanto no discurso quanto no próprio mundo, podendo influenciar, inclusive, na constituição espacial.

2.2.1.1.3 Espaço

Representada pelos índices de ostensão, a questão espacial funciona de maneira complementar às outras duas categorias, especialmente o tempo. Trata-se de palavras que criam uma relação referencial entre a pessoa discursiva e a não-pessoa, ao mundo. Esses termos situam o ato enunciativo, bem como seus parceiros, dentro de sua localização física, pois é a partir da instauração do “aqui” que se constroem as demais noções espaciais (como, por exemplo, “lá”, “acolá”, “longe”, “perto”, etc).

Da mesma natureza e se relacionando à mesma estrutura de enunciação são os numerosos índices de *ostensão* (tipo *este*, *aqui*, etc.), termos que implicam um gesto que designa o objeto ao mesmo tempo que é pronunciada a instância do termo. (BENVENISTE, 2006 [1970], p. 84-85)

A operação espacial parece operar sempre em relação à operação temporal. Ao se instaurar o tempo enunciativo, acaba-se instaurando também o espaço e suas referências são totalmente dependentes dessa instância discursiva, cada vez única e atualizada.

2.2.1.2 Procedimentos acessórios: mecanismos de entrada do homem na língua

O quadro formal da enunciação comporta, ainda, um outro tipo de elemento operacional. É o caso do que Benveniste nomeia como “procedimentos acessórios”, que seriam mecanismos usados pelo homem no uso da língua para influenciar o seu dizer com vistas a, de alguma forma, agir sobre outro homem, seu interlocutor, e sua recepção desse dizer. O termo “acessório” não tem por objetivo delimitar esses procedimentos como dispensáveis ou menos importantes; esse “acessório” é sinônimo de “distintivo”, uma vez que esses procedimentos são essenciais para a constituição da significação enunciativa.

Além das formas que comanda, a enunciação fornece as condições necessárias às grandes funções sintáticas. Desde o momento em que o enunciador se serve da língua para influenciar de algum modo o comportamento do alocutário, ele dispõe para este fim de um aparelho de funções. (BENVENISTE, 2006 [1970], p. 86)

Os procedimentos acessórios são, portanto, tentativas do “eu” (falante) de influenciar o “tu” (ouvinte) por meio de elementos linguísticos. Essa função está associada ao que Ono (2007) classifica como a quarta dimensão da noção benvenistiana de enunciação, a dialógica, que “se confunde com a dimensão pragmática, ou até social” (p. 56)¹². Trata-se, portanto, de um importante elemento de intersubjetividade, relacionado ao jogo enunciativo entre as pessoas subjetiva e não-subjetiva.

Retomando o texto, Benveniste sugere como exemplos principais de procedimentos acessórios as modalidades de frase e as incidências de modalização sobre ela.

¹²Traduzido do original “se confond avec la dimension pragmatique, voire sociale”, (ONO, 2007, p. 56)

2.2.1.2.1 Modalidades de frase

As modalidades de frase constituem um repertório disponível ao “eu” para incidir sobre o “tu” em sua enunciação de formas mais diretas e facilmente identificáveis. Dentre essas modalidades, Benveniste destaca três tipos: a interrogação, a intimação e a asserção.

A interrogação está ligada a um processo de “fazer dizer”. Nessa modalidade, o locutor busca retirar uma informação ao propor um questionamento para o alocutário, esperando dele uma resposta. São derivadas dessa modalidade todas as formas da interrogação, lexicais e sintáticas (partículas, pronomes, sequência, entonação, etc.).

Já a intimação está ligada a um processo de “fazer fazer”. Nesse caso, o locutor tenta apelar ao alocutário que esse realize uma ação. Pode ocorrer mais diretamente, como o caso do uso explícito do imperativo em dar ordens, ou mais indiretamente, como o caso do vocativo em chamamentos.

E a asserção, por sua vez, está ligada a um processo de “fazer crer”. Nesse processo, o locutor visa a comunicar uma certeza ao alocutário. A afirmação de proposições pode ocorrer de duas maneiras: afirmação (marcada pelo “sim”, mesmo que implícito) e negação (marcada pelo “não”). Para o autor, a asserção é o tipo mais comum, na enunciação, de presença do locutor.

As modalidades frasais, então, são maneiras de influência discursivas, isto é, formas de persuadir ou convencer o alocutário. Elas se ligam, necessariamente, à totalidade da frase sobre a qual operam. Essas formas são, ainda, ligadas a um conceito chamado por Flores (2019) de “contorno de sentido”, a ser explorado, neste trabalho, dentro de algumas seções mais.

2.2.1.2.2 Modalização e incidências sobre a frase

Também muito intimamente ligadas ao “contorno de sentido”, as incidências modais sobre a frase representam maneiras um pouco mais sutis de que dispõe o

“eu” para influenciar o “tu” a que se dirige. Elas estão, logo, mais relacionadas à atitude do falante sobre sua fala e a sua expectativa de recepção dela pelo ouvinte.

De modo mais amplo, ainda que de uma maneira menos categorizável, organizam-se aqui todos os tipos de modalidades formais, uns pertencentes aos verbos, como os “modos” (optativo, subjuntivo) que enunciam atitudes do enunciador do ângulo daquilo que enuncia (expectativa, desejo, apreensão), outros à fraseologia (“talvez”, “sem dúvida”, “provavelmente”) e indicando incerteza, possibilidade, indecisão, etc., ou, deliberadamente, recusa de asserção. (BENVENISTE, 2006 [1970], p. 87)

Essas incidências são muito difíceis de se categorizar, uma vez que indicam características mais específicas e pessoais da relação do locutor com seu dizer. Trata-se de tentativas de quem fala de explorar aquilo que diz (e a quem diz) em um nível mais pessoal e, até, emocional.

Fiorin (2000) faz uma profunda análise sobre as considerações dos estudos semânticos acerca da modalização. Paradigmaticamente, as modalizações estão ligadas à relação entre sujeito e objeto e podem ser potencializantes (ligadas ao “crer”), virtualizantes (ligadas ao “dever” e ao “querer”), atualizantes (ligadas ao “saber” e ao “poder”) e realizantes (ligadas ao “ser” e ao “fazer”). E, sintagmaticamente, as modalizações incidem sobre as relações entre a categoria modalizante (“ser” e “fazer”) e as demais categorias, inclusive si mesma; nesse eixo, as modalizações podem ser factivas (“fazer fazer”) e veredictórias (“ser ser”), consideradas simples, ou volitivas (“querer fazer” ou “querer ser”), deônticas (“dever fazer” e “poder fazer”), aléticas (“dever ser” e “poder ser”) e epistêmicas (“saber fazer” e “crer saber” ou “saber ser” e “crer ser”), consideradas sobremodalizações.

Para ele, a modalização não é expressa linguisticamente apenas por advérbios, mas também por substantivos, adjetivos e verbos. E, inspirado em autores como Charaudeau, Fiorin (2000) argumenta, ainda, que as modalidades frasais podem ser encaradas, também, como modalizações. Dessa forma, então, a modalização deve ser vista como formas de incidências sobre as frases e, sobretudo, o discurso. A modalização, pois, age sobre a própria enunciação e o ato enunciativo.

2.2.1.2.3 As formas complexas do discurso: o ponto da virada da língua no homem

Para finalizar *O aparelho formal da enunciação* (1970), Benveniste propõe uma discussão acerca de manifestações linguísticas que subvertem, de alguma forma, a estrutura dialógica e o próprio quadro figurativo da enunciação. Essas manifestações podem ser consideradas formas discursivas mais complexas, uma vez que representam usos da língua pelo homem que transcendem a estrutura enunciativa mais tradicional.

A primeira forma complexa proposta por Benveniste é um jogo de provérbios realizado por um dos povos de Madagascar. Essa prática mostra-se interessante, pois poderia ser vista como uma manifestação de diálogo que ocorreria fora da enunciação.

Na disputa verbal praticada por diferentes povos e da qual uma variedade típica é o *hain-teny* dos Merinas, não se trata na verdade nem de diálogo nem de enunciação. Nenhum dos dois parceiros de enuncia: tudo consiste em provérbios citados e em provérbios opostos citados em réplica. Não há uma única referência explícita ao objeto do debate. Aquele, dos dois participantes, que dispõe do maior estoque de provérbios, ou que os emprega de modo mais hábil, mais malicioso, menos previsível deixa o outro sem saber o que responder e é proclamado vencedor. Este jogo não tem senão a aparência de um diálogo. (BENVENISTE, 2006 [1970] p. 87)

O jogo, então, imitaria a estrutura do diálogo, por conter dois parceiros que utilizam a língua. No entanto, nenhum dos dois chega a se enunciar, propor-se como pessoa discursiva, já que se trata apenas de uma sequência de provérbios recitados até que um dos parceiros esgote seu repertório. Sem constituir um diálogo de fato, tampouco constitui enunciação.

A segunda forma complexa abordada pelo autor é o monólogo. Segundo ele, a manifestação pode parecer não se encaixar no quadro figurativo da enunciação, por aparentemente não conter a pessoa não-subjetiva em sua estrutura formal e representar uma enunciação sem diálogo. Contudo, Benveniste explica que, na verdade, a estrutura dialógica permanece intacta.

Inversamente, o “monólogo” procede claramente da enunciação. Ele deve ser classificado, não obstante a aparência, como uma variedade do diálogo, estrutura fundamental. O “monólogo” é um diálogo interiorizado, formulado

em “linguagem interior”, entre um eu locutor e um eu ouvinte. Às vezes, o eu locutor é o único a falar; o eu ouvinte permanece entretanto presente; sua presença é necessária e suficiente para tornar significativa a enunciação do eu locutor. (BENVENISTE, 2006 [1970], p. 87-88)

O monólogo, portanto, não quebra a estrutura dialógica da enunciação. Nesse caso, o “eu” divide-se em pessoa subjetiva e pessoa não-subjetiva, passando a representar também o “tu”. Ainda que implícito, o “tu” permanece como o destinatário da estrutura do diálogo, mesmo que seja uma projeção do próprio “eu” sobre si mesmo.

A terceira e última forma complexa a ser contemplada na íntegra pela análise benvenistiana é a comunhão fática. Trata-se do uso da língua como função social. Ela representa, para o linguista francês, o limite do diálogo.

Contenta-se muito facilmente com invocar a frequência e a utilidade práticas da comunicação entre os indivíduos, para que se admita a situação de diálogo como resultando de uma necessidade, abstendo-se assim de analisar as múltiplas realidades. Uma delas se apresenta em uma condição social das mais banais em aparência, mas das menos conhecidas, de fato. B. Malinowski indicou-a sob o nome de *comunhão fática*, qualificando-a assim como fenômeno psicossocial com função linguística. Ele a configurou partindo do papel que a linguagem aí desempenha. É um processo em que o discurso, sob a forma de um diálogo, estabelece uma colaboração entre os indivíduos. (BENVENISTE, 2006 [1970], p. 88-89)

Para elucidar a questão ainda mais, Benveniste traz uma citação do próprio Malinowski. Para o antropólogo polaco-britânico, a comunhão fática consiste na prática de uso da língua fora dos propósitos de informação, influência ou expressão; a língua é usada como um modo de ação para a criação de laços de união. Como exemplos, podem ser citadas as formas de cortesia ou polidez e as conversas sobre assuntos óbvios como o clima. A significação por trás desse uso linguístico torna-se indiferente.

Por fim, muito interessantemente, Benveniste cita, ainda, dois exemplos específicos para finalizar o artigo ao apontar que muitos desdobramentos são possíveis e merecem ser estudados a partir da enunciação. Primeiro, aborda a oralidade e a fraseologia. Em seguida, o autor destaca a complexidade da enunciação escrita e suas diferenças em relação à enunciação falada.

Seria preciso também distinguir a enunciação falada da enunciação escrita. Esta se situa em dois planos: o que escreve se enuncia ao escrever e, no interior de sua escrita, faz os indivíduos se enunciarem. Amplas

perspectivas se abrem para a análise das formas complexas do discurso, a partir do quadro formal esboçado aqui. (BENVENISTE, 2006 [1970], p. 90)

Assim, as manifestações discursivas mais complexas constituem interessante objeto de estudo para a área da Enunciação, principalmente se se levar em conta seu aspecto profundamente antropológico. A partir da sugestão benvenistiana, buscamos, portanto, explorar essa forma discursiva tão complexa que é a escrita, considerando sempre as maneiras pelas quais ela consegue subverter o quadro formal enunciativo proposto pelo mestre.

2.2.2 Testemunhos antropológicos da língua no homem: o caso da escrita

Essa forma tão complexa de enunciação não chega a ser explorada com profundidade nos textos presentes em ambos os *Problemas de Linguística Geral*. No entanto, a temática foi bastante estudada por Benveniste e virou temática de algumas de suas aulas. Conforme consta em *As últimas aulas no Collège de France*, a complexidade da manifestação linguística escrita foi abordada pelo linguista em oito aulas, entre 03 de fevereiro e 24 de março de 1969, enumeradas de Aula 8 a Aula 15¹³. Nessas aulas, Benveniste mergulha no universo da escrita, explorando suas relações com a língua, a linguagem e as línguas, sem se afastar de sua proposta enunciativa. Para o presente trabalho, julgamos mais relevantes as contribuições presentes em três das quatro últimas dessas Aulas, de número 12, 14 e 15.

¹³Ao longo dessas aulas sobre língua e escrita, Benveniste segue uma proposta de continuidade à proposta saussuriana, sugerindo a análise da escrita como sistema semiótico de alto nível de abstração (da língua), sempre dependente da sociedade, da cultura. Para ele, o homem precisa, ao escrever, distanciar-se da concepção instintiva que possui da língua falada, relacionando um sistema fônico a um sistema gráfico, em uma trabalhosa operação de “tomar consciência da língua como realidade distinta do uso que dela faz” (p. 129). Em outras palavras, converte-se a língua em uma imagem de si mesma. A partir da Aula 9, começam a ser abordados exemplos interessantes das divergências entre os sistemas de escritas desenvolvidos por diferentes povos. Cada sociedade, dentro de suas características culturais, buscou criar algum tipo de modelo para representar graficamente tudo aquilo que tinha a dizer. Dessa forma, “não há relação necessária entre a língua e a escrita” (p. 141). Entre os modelos de escrita da China, da Mesopotâmia e do Egito, por exemplo, encontram-se diferenças muito marcantes, havendo “uma relação estreita entre os tipos de escrita e os tipos de línguas, entre um tipo de cultura (o desenvolvimento econômico) e um tipo de escrita” (p. 147). Sociedades diferentes organizam sua escrita de maneiras diferentes e Benveniste acredita que “os inventores projetam em sua escrita o tipo de representação que fazem de sua língua” (p. 151).

Além de explorar as diferenças entre os processos de escritas das diferentes línguas (e culturas), Benveniste busca demonstrar que esses sistemas possuem, também, certas características comuns, universais. Talvez a prova mais marcante disso seria a autossemiotização da língua, estudada na Aula 12. Para Benveniste, “a escrita foi sempre e por toda parte o instrumento que permitiu à língua semiotizar a si mesma” (p. 155). Isso significa que, além de permitir ao homem interpretar o mundo, a língua lhe permite interpretar a própria língua; e a escrita escancara essa relação, pois a língua como realização efêmera passa a se apresentar como manifestação perdurável. A escrita captura, de certo modo, a enunciação, fornece-lhe um registro, em um processo de objetivação da substância da língua. E, como princípio fundamental da escrita, o linguista destaca a realização gráfica do semiótico, a veiculação de um enunciado rompendo a barreira espacial, uma mensagem à distância.

Além de estudar a escrita como fenômeno linguístico, Benveniste propõe, ainda, a partir da Aula 14, estudar a escrita como processo linguístico. Esse ponto de vista pressupõe a escrita como uma operação e objetiva delimitar suas denominações por meio de uma análise terminológica de significação. De maneira paradoxal, busca-se entender como os atos ligados ao processo de escrita são nomeados (e significam) por meio da língua. Por exemplo, o latim *scribo* significa originalmente “arranhar”, o gótico *meljan* está ligado à ideia de “pintar”, o nórdico antigo *rita* tem sentido de “talhar”, etc. Através dessas e outras amostras linguísticas, Benveniste demonstra diferentes processos de significação do ato de escrita pela língua e, também, a dependência do desenvolvimento da noção de escrita em relação à cultura.

Para finalizar a discussão da temática, o linguista francês analisa as duas operações principais da escrita (“escrever” e “ler”), comparando-as com as duas principais operações da fala (“falar” e “ouvir”). Segundo ele, “a língua e a escrita significam exatamente da mesma maneira” (p. 173), e a escrita pode ser encarada como uma forma secundária da fala.

A escrita é a fala convertida pela mão em signos falantes. A mão e a fala se sustentam na invenção da escrita. A mão prolonga a fala.
O sistema primário voz (a boca)-orelha é *revezado (relayé)* pelo sistema secundário mão (a inscrição)-olho. A mão tem o papel de emissor traçando as letras, e o olho se torna receptor coletando os traços escritos.

Entre a boca e a orelha, o elo é a *fonia* emitida-ouvida; entre a mão (inscrição) e o olho, o elo é a *grafia* traçada-lida. (BENVENISTE, 2014 [1969], p. 179)

Concluindo, existe uma simetria operacional entre fala e escrita: “ler” é “ouvir” e “escrever” é “enunciar”. No entanto, é essa forma secundária, gráfica, que permitiu ao homem refletir acerca dos elementos formais da língua, já que a torna, literalmente, visível. A escrita é, portanto, “um dispositivo que retoma e retransmite o conjunto dos signos recebidos” (p. 181).

Em um artigo muito revelador, Flores (2018) busca aprofundar os conceitos de “escrita” e “enunciação escrita” dentro dos estudos de Benveniste. Por não achar que as propostas encontradas n’*As últimas aulas no Collège de France* sejam suficientes, o autor sugere uma reflexão sobre o termo “enunciação escrita” que aparece ao final d’*O aparelho formal da enunciação*, que não pode ser visto como sinônimo da “escrita” explorada n’*As últimas aulas*. Flores (2018) analisa, então, os desdobramentos dessa “enunciação escrita” dentro de três parâmetros da enunciação: o ato, a situação em que se realiza (ou a instância de discurso) e os instrumentos de realização (índices específicos e procedimentos acessórios). Os dois primeiros apontam para a complexidade da relação entre escritor e leitor, que devem ser vistos como colocutores (um enuncia ao escrever e o outro enuncia ao ler) que possuem condições de realização diferentes. E os instrumentos de realização também devem levar em conta essa duplicidade elocutiva, porém devem atentar, também, para as marcas daqueles que o escritor faz se enunciarem dentro da narrativa.

Essa complexa relação entre escritor e leitor, além de muito interessante, possui um alcance de pesquisa gigantesco. No entanto, para alcançar os objetivos propostos por esse trabalho, opta-se por se manter o foco principal das análises no escritor, tomado como o narrador de suas experiências, principalmente se lavando em conta os comentários metalinguísticos.

2.2.2.1 Desdobramentos da escrita metalinguística: as relações do “eu” narrador

Seguindo as contribuições de Benveniste complementadas pelas leituras de Flores, consideramos que o comentário que o enunciador faz da língua significa da mesma maneira quando falado e quando escrito. Apenas sua materialização ocorre de formas distintas (mas simétricas). No entanto, podem ser consideradas algumas particularidades na modalidade escrita.

Ao fazer um comentário escrito, o enunciador assume a postura de “eu” narrador, pois passa a descrever suas experiências, geralmente em uma certa ordem cronológica dos acontecimentos. Ao refletir, dentro de sua história pessoal, sobre os acontecimentos linguísticos, atinge a metalinguagem e passa a usar a manifestação gráfica, uma imagem ou extensão da língua, para (re)significar a própria língua.

Como Benveniste propõe no final de *O aparelho formal da enunciação* (1970), além de se enunciar ao escrever, quem escreve, também, “faz os indivíduos se enunciarem” (p. 90). Essa complexa relação parece desdobrar-se em três relações mais específicas voltadas ao “eu” enunciador, ou narrador: (i) uma relação consigo mesmo; (ii) uma relação com o(s) outro(s); e (iii) uma relação com a(s) própria(s) língua(s) que usa.

A primeira relação do “eu” narrador é consigo mesmo. Ao enunciar sua história pessoal pela escrita, o enunciador reflete sobre sua própria existência e condição de falante/escrevente. E, um pouco diferente da fala, a escrita lhe permite uma reflexão mais profunda sobre o modo que ele escolhe de contar sua história pessoal. A enunciação escrita possibilita um certo “tempo a mais” para se realizar; as escolhas não são tão imediatas quanto no momento da fala e acabam sendo um pouco menos inconscientes; o escrevente tem a possibilidade de analisar aquilo que está escrevendo e adaptar tudo que achar necessário antes de finalizar sua enunciação a fim de tentar atingir tudo aquilo que deseja transmitir por meio da significação.

A segunda relação constitui-se entre o “eu” narrador e o “tu”, ou “o outro”. Trata-se da construção que o “eu” narrador faz ao imaginar seu “tu”, seu interlocutor a quem escreve. Na maioria dos gêneros escritos, o “tu” acaba sendo uma projeção do escritor sobre o(s) seu(s) leitor(es). Na enunciação escrita autobiográfica, essa

relação é construída de forma parecida ao monólogo, em que o “tu” não necessariamente corresponde à figura do leitor de fato, mas a um desdobramento do “eu” narrador sobre si mesmo, dentro de suas reflexões acerca de suas próprias experiências de vida.

Totalmente dependentes das características de autorreferência e autointerpretância da língua, esses dois processos, dentro do comentário metalinguístico, estão intimamente ligados ao contorno de sentido. É apenas no comentário (refletindo a língua via língua) que o contorno de sentido atinge sua completude, já que permite ao enunciador avaliar e pensar sobre sua condição de falante/escrevente. Essa relação evidencia, ainda, o quanto o homem é dependente da língua e, ao mesmo tempo, o quanto a língua é dependente do homem.

Há, ainda, uma terceira relação, entre o “eu” narrador e a(s) sua(s) língua(s). Essa relação só é percebida quando o enunciador tece seus comentários, aborda suas experiências linguísticas dentro de sua história pessoal. Para refletir sobre sua condição de enunciador, o homem precisa, necessariamente, enunciar. Ao usar a palavra, o “eu” narrador se põe na condição de escrevente, mas é apenas quando escreve sobre sua experiência com a linguagem que ele a percebe e consegue abordá-la.

No entremeio dessas relações, consideramos que alguns elementos discursivos ganham destaque. A modalização, contemplada em seção anterior, está fortemente ligada à relação do “eu” tanto consigo mesmo quanto com o “tu” devido à intencionalidade do narrador ou escrever. Próxima a esse elemento está a noção de “atitude linguística”, que é tomada, aqui, como o conjunto de intenções desse “eu” narrador em relação tanto ao “tu” quanto ao “ele” que mobilizam os demais elementos, e cuja interpretação (nunca completamente precisa) é possível apenas por meio dos elementos materialmente linguísticos dos enunciados, ou “rastros”. E ambas as instâncias têm a capacidade de operar, também, sobre a relação do “eu” com as línguas, desde que o narrador faça um comentário que tome sua experiência com elas como objeto de interpretação.

No caso específico da metalinguagem, destacamos, ainda, o elemento denominado “contorno de sentido”, uma vez que está diretamente ligado à ideia de o

enunciador (nesse caso, o escrevente) procurar sentido em sua própria posição de enunciador enquanto usuário de uma (ou mais) língua(s).

Nesse sentido, a categoria que dá acesso aos procedimentos analíticos que indicam (no sentido de um conjunto de “pistas”) a presença da língua no homem é o comentário, entendido como um *contorno de sentido*, isto é, uma operação natural do falante que visa à explicação e à compreensão das formas e da presença da língua nele. O *contorno de sentido* é uma espécie de hermenêutica natural, na medida em que o falante fala para atribuir sentido à sua posição de falante, em função de um dado fenômeno linguístico. (FLORES, 2019, p. 261)

Segundo Flores, ainda, o contorno de sentido é “a grande categoria de acesso a uma ‘antropologia da enunciação’” (p. 262), pois é por meio dele que o enunciador eleva sua enunciação ao nível metalinguístico, em que comenta fenômenos linguísticos, possibilitando a autossemitização e autointerpretância da língua. A língua só consegue alcançar essas características dentro do uso que o homem faz dela. Assim, o contorno de sentido é um dos elementos cruciais da Antropologia da Enunciação.

E, assim como as questões referentes à modalização e a atitude linguística, a questão do contorno de sentido não está ligada apenas às relações do “eu” consigo mesmo e com as línguas, mas também à relação com o “tu”, ou o outro. No artigo *O falante como etnógrafo da própria língua: uma antropologia da enunciação*, Flores (2015) analisa um comentário do cantor Caetano Veloso acerca da voz da também cantora e amiga Gal Costa, em que ele interpreta os efeitos da realização fônica da colega ao cantar uma canção. O exemplo demonstra os possíveis efeitos que o contorno de sentido pode estabelecer entre os falantes, que podem, inclusive, revelar experiências diferentes acerca de um mesmo fenômeno linguístico.

A partir das considerações, nota-se que a complexa relação entre o homem e a língua, ou, mais especificamente, o “eu” e as línguas que fala, desdobra-se em três subrelações desse “eu”, sendo consigo mesmo, com o outro e com as línguas em si. E perpassam esses três tipos de relação três categorias principais, a ser profundamente analisadas ao longo da proposta de análise: a modalização, a atitude linguística e o contorno de sentido.

2.3 CONSEQUÊNCIAS DE UMA PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA PARA AS RELAÇÕES ENTRE LÍNGUAS: O FALANTE COMO ETNÓGRAFO DE SI MESMO PELA ESCRITA

Afinal, como se pode capturar a relação de um enunciador com sua(s) língua(s)?

No caso da escrita, a significação funciona da mesma maneira que a fala, mesmo que apresente certas particularidades. O enunciador falante converte-se em enunciador escrevente e desenvolve um “eu” narrador, capaz de criar outros “eus” na forma de personagens de sua narrativa e, também, de analisar fenômenos de sua(s) língua(s), expondo-os de forma gráfica.

Para alcançar uma antropologia da enunciação, é necessário debruçar-se sobre o comentário, ou seja, esses momentos em que o enunciador atinge a metalinguagem ao explorar os limites da própria língua dentro de seu uso. Nesses momentos, o enunciador age como um etnógrafo de si mesmo, pois, além de refletir sobre a língua, também reflete, conseqüentemente, sobre sua própria condição de enunciador falante e escrevente.

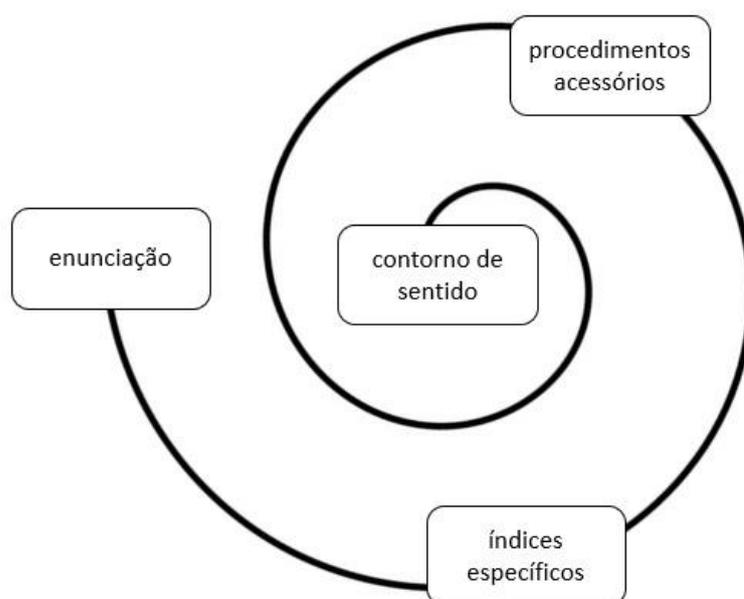
Dentre as muitas formas de escrita, preferimos evitar a literatura em termos de ficção, já que ela parece apresentar todo um funcionamento próprio. Para analisar a relação do enunciador e sua(s) língua(s), privilegiamos uma escrita autobiográfica, em que o autor relata passagens de sua própria vida, refletindo sobre elas. A autobiografia é todo um gênero por si só. O que interessa ao trabalho aqui proposto são as passagens dessa escrita autobiográfica em que o autor (e conseqüentemente, narrador) aborda suas experiências de vida pessoais relacionadas à diversidade linguística do mundo.

No primeiro plano de prioridade está a relação que esse narrador, em seu lugar de homem enunciador, estabelece com as línguas que experencia. O uso que ele faz dessas línguas, isto é, a forma que exerce a língua em sua escrita, também é importante, mas se localiza em um segundo nível de prioridade. A proposta consiste, então, em analisar as operações empregadas pelo autor-narrador ao usar a língua

para falar das línguas, com o objetivo principal de reconhecer e explicar as múltiplas e complexas relações que ele estabelece com elas.

O estudo deve, ainda, levar em conta sempre dois níveis de análise: o linguístico (homem que enuncia) e o metalinguístico (homem que enuncia sobre sua enunciação). Assim, apesar de todos os elementos serem importantes, considera-se que existe um núcleo de interesse na proposta de análise, que é o contorno de sentido presente no comentário. Relacionados a ele e imprescindíveis para a análise, os demais dispositivos enunciativos apresentam-se em sua órbita. Assim, pode-se dizer que o percurso da análise se projeta em forma de espiral; começa-se pelos índices específicos, passa-se pelos procedimentos acessórios e se chega, então, ao contorno de sentido.

Figura 4 – Relação entre os itens enunciativos observáveis em um comentário



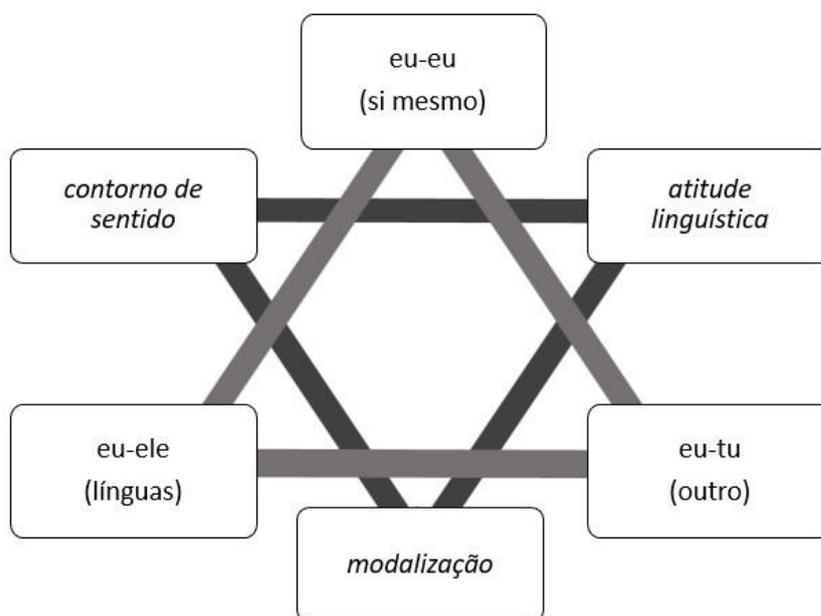
Fonte: elaboração própria.

As categorias de análise representam importantes operações para o ato enunciativo, porém as mais particulares aproximam-se mais das respostas que busca o presente trabalho. Dessa forma, a análise aprofunda-se progressivamente até se chegar o mais perto possível do ponto principal proposto no estudo: a relação entre o homem e as línguas. Acreditamos que esse ponto pode ser vislumbrado, principalmente, via contorno de sentido e, complementarmente, duas outras noções relacionadas, a modalização e a atitude linguística.

Dentro da enunciação metalinguística, a atitude linguística está relacionada à intencionalidade do “eu” em atingir e/ou influenciar o “tu”; a modalização está ligada às formas linguísticas que o “eu” opta por usar em sua enunciação a fim de alcançar sua intencionalidade; e o contorno de sentido é assumido pela concretização desse processo por meio da realização do comentário, em sua completude, sobre a própria língua. Essas noções constituem uma primeira triangulação, já que são interdependentes.

Uma segunda triangulação importante para a análise é composta pelas relações do “eu” narrador. Essas três relações referem-se ao posicionamento desse “eu” perante si mesmo, perante o outro, ou o “tu”, e perante a(s) língua(s), ou o “ele”. As relações que constituem essa triangulação atravessam as noções que constituem a outra triangulação. Na análise, é importante levar em conta a relevância de ambas e cruzar seus encadeamentos para o aprofundamento da reflexão. Essa dupla triangulação pode ser demonstrada na seguinte figura:

Figura 5 – Dupla triangulação entre as relações do “eu” narrador e suas principais mobilizações linguísticas



Fonte: elaboração própria.

Esses elementos, então, são considerados como principais para a análise. No entanto, não se pode esquecer dos demais elementos enunciativos, que também

estão contemplados e possuem sua importância para a construção de sentido(s). Apenas elegemos alguns elementos mais diretamente relacionados ao contorno de sentido, a fim de se atingir o objetivo principal do trabalho.

Está posta, portanto, a proposta analítica final. Com essas categorias delimitadas, acreditamos que é possível estudar com propriedade e profundidade as relações entre homem e línguas dentro de um comentário linguístico escrito, mais especificamente de uma obra de memórias linguísticas.

3 FALANTE/ESCREVENTE, SUA LÍNGUA, SUAS LÍNGUAS

O falante, ao comentar a língua – e, muito especialmente, a materialidade significante dela –, constrói um saber sobre essa língua, um saber que simultaneamente coloca língua e falante – o intérprete – em destaque.
(FLORES, 2015, p. 92)

Uma análise antropológico-enunciativa deve ter como foco principal o falante em momentos em que sua enunciação se volta sobre si mesma, isto é, quando ele usa a língua para falar (e refletir) sobre a própria língua. A partir das discussões teórico-metodológicas delimitadas nos dois primeiros capítulos, é possível embasar a proposta analítica e, finalmente, começá-la.

É importante, no entanto, relembrar as questões metodológicas principais antes de se partir para a análise. Para tanto, elaboramos um glossário, com uma breve descrição dos principais termos abordados, com alguns comentários já especificando questões da enunciação escrita. Esse glossário contém o próprio “comentário”, bem como uma das triangulações (contorno de sentido, modalização, atitude linguística), essencial para a elaboração analítica. Vale lembrar que os quatro termos são intimamente relacionados e dependentes.

Quadro 3 – Glossário de termos metodológicos principais

<i>Comentário</i>	Relato enunciativo que o enunciador (nesse caso, autor-narrador) faz sobre a língua ao usar a língua; uso metalinguístico da língua em testemunho individual. É dentro dessa ação que se constroem os outros três termos, mais específicos e observáveis.
<i>Contorno de sentido</i>	Reflexão feita sobre o fato ou processo linguístico em foco dentro do comentário; saber promovido pelo enunciador (autor-narrador) no uso metalinguístico da língua, não necessariamente científico.
<i>Modalização</i>	Estruturas linguísticas usadas pelo enunciador (autor-narrador) para influenciar o alocutário, a própria enunciação e, até mesmo, a si próprio.
<i>Atitude linguística</i>	Intencionalidade do enunciador (autor-narrador) em atingir o alocutário. Dentro do comentário, a atitude linguística acaba delimitando a relação que o enunciador (autor-narrador) tem com a(s) língua(s).

Fonte: elaboração própria.

A fim de se demonstrar o funcionamento do mecanismo metalinguístico envolvido no comentário, dentro da proposta da Antropologia da Enunciação, escolhemos uma obra autobiográfica que possui como fio condutor de sua

narrativa a relação entre o autor-narrador e sua(s) língua(s) e que apresenta, conseqüentemente, diversos comentários (metalinguísticos) acerca dessa relação. Trata-se do livro *A língua absolvida*, de Elias Canetti. Ao longo da narrativa, o autor descreve memórias de sua infância e juventude e propõe sua relação com a língua alemã como ponto principal e que liga as demais temáticas abordadas. Essa relação com o alemão começa como aversão na infância e passa a um profundo e complexo amor ao passo que o autor o aprende e se apropria dele, o que explica o título do livro. E a análise proposta no trabalho propõe, ainda, uma segunda leitura, talvez mais pessoal, para esse interessante título da obra.

3.1 AUTOR E OBRA

3.1.1 Elias Canetti¹⁴

Ruschuk, no Danúbio inferior, de onde cheguei ao mundo, era uma cidade maravilhosa para uma criança, e se eu disser que fica na Bulgária darei uma imagem incompleta dela, pois lá viviam pessoas das mais diferentes origens, e num dia só podiam-se ouvir sete ou oito idiomas. Além dos búlgaros, frequentemente vindos do campo, havia muitos turcos, que viviam em seu próprio bairro, e limitando-se com este havia o bairro dos sefardins, o nosso. Havia gregos, albaneses, armênios, ciganos. Da outra margem do Danúbio vinham os romenos; minha ama, da qual não me lembro, era romena. Havia ainda alguns russos.

Quando criança eu não tinha uma visão geral dessa multiplicidade, mas constantemente sentia seus efeitos. (CANETTI, 2010, p. 10)

Laureado, em 1981, com o Prêmio Nobel de Literatura por “escritos marcados por um ponto de vista amplo, riqueza de ideias e poder artístico”¹⁵, Elias Canetti foi um escritor de nacionalidades búlgara e britânica. Nascido em 1905, na cidade de Ruse (Bulgária), era o filho mais velho de uma família judia sefardita de comerciantes. Entre suas obras, destacam-se *Auto-de-fé* (1935), *Massa e poder* (1960) e *A consciência das palavras* (1982).

Curiosamente, graduou-se em Química pela Universidade de Viena em 1929. Também se casou, em 1934, com a escritora austríaca Venetiana Taubner-

¹⁴Informações biográficas retiradas dos seguintes endereços eletrônicos: Companhia das Letras (<https://www.companhiadasletras.com.br/colaborador/00080/elias-canetti>), The Nobel Prize (<https://www.nobelprize.org/prizes/literature/1981/canetti/biographical/>) e Jewish Virtual Library (<https://www.jewishvirtuallibrary.org/elias-canetti>).

¹⁵Traduzido da homenagem original em inglês, “for writings marked by a broad outlook, a wealth of ideas and artistic power”, presente no endereço digital oficial do Prêmio Nobel.

Calderon, também judia sefardita, que passou a adotar o nome Veza Canetti. Com ela, emigrou para a Inglaterra em 1938, após a anexação da Áustria pela Alemanha, fugindo da perseguição aos judeus promovida pelo nazismo do período da Segunda Guerra Mundial.

Ao longo de sua vida, morou em diversos países europeus, teve contato com um número muito grande de línguas e se tornou poliglota, apesar de apresentar certa preferência pela língua alemã (que julgava ser seu idioma “principal”), principalmente em sua escrita.

3.1.2 A língua absolvida

Foi um tempo sublime que então começou. Minha mãe passou a falar comigo em alemão, também fora das horas de aula. Sentia que novamente me aproximava dela, como naquelas semanas após a morte de meu pai. Só mais tarde entendi que não foi só por minha causa que ela me ensinava alemão entre zombarias e torturas. Ela própria sentia uma profunda necessidade de falar alemão comigo, pois era o idioma de sua ternura. [...] Não admitiu de forma alguma que eu desaprendesse as outras línguas, pois para ela a cultura consistia na literatura de todas as línguas que conhecia, mas a língua de nosso amor — e como foi grande este amor! — seria o alemão. (CANETTI, 2010, p. 91-92)

Intitulado originalmente em alemão “Die gerettete Zunge: Geschichte einer Jugend”, o livro *A língua absolvida: história de uma juventude* compõe uma série que é considerada uma trilogia autobiográfica do autor Elias Canetti. Esse primeiro “volume”, publicado em 1979, aborda as memórias dos primeiros anos de vida do autor, até cerca de seus 1X anos de idade, enquanto os outros dois “volumes”, *Uma luz em meu ouvido: história de uma vida* (“Die Fackel im Ohr: Lebensgeschichte” no original), de 1982, e *O jogo dos olhos: história de uma vida* (“Das Augenspiel: Lebensgeschichte” no original), de 1988, abordam fases mais maduras de sua bastante singular.

O livro traz diversas passagens que o autor julga relevantes dentro de sua vivência com familiares, locais, culturas e línguas entre os anos de 1905 e 1921. Dessa forma, a obra está dividida em cinco partes, correspondentes aos cinco primeiros locais de moradia do narrador, sendo eles respectivamente: Ruschuk (Bulgária), Manchester (Inglaterra), Viena (Áustria), Zurique – *Scheuchzerstrasse*

(Suíça) e Zurique – *Tiefenbrunnen* (também Suíça). Entre os principais tópicos abordados ao longo da narrativa, destacam-se as relações familiares, a morte do pai, as muitas mudanças, as trocas culturais e o contato com diversas línguas, bem como a aquisição de algumas dessas.

Por fim, “a língua absolvida” faz uma referência à língua alemã, que era o idioma utilizado pelos pais do autor ao conversarem entre si e que lhe causava admiração e raiva por não ser compartilhado; apenas após a morte do pai sua mãe decide ensiná-lo e, aos poucos, essa língua passa a ser perdoada e, como consequência, a relação materna melhora e também pode ser considerada como “absolvida”. No entanto, seguem existindo constantes tensão e momentos de confronto entre ambos no decorrer da narrativa pelos mais variados motivos, inclusive linguísticos.

3.2 PROPOSTA DE ANÁLISE

Dentre as mais de trezentas páginas do livro, escolhemos seis trechos que contêm testemunhos do autor-narrador sobre suas experiências (e das demais pessoas-personagens apresentadas) na(s) e pela(s) língua(s) – os comentários. Enumerados (de 1 a 6), os trechos estão organizados de acordo com a ordem linear ou cronológica da narrativa apresentada e foram retirados de quatro das cinco seções da obra a fim de apresentar diferentes momentos da vida desse autor-narrador, em diferentes lugares-contexto. Com vistas a uma melhor contextualização dos comentários selecionados, alguns parágrafos, anteriores ou posteriores, foram mantidos nos trechos. Para auxiliar a leitura das análises, adicionamos, também, a numeração das linhas.

3.2.1 Lobos e lobisomens: as línguas e as memórias

O primeiro trecho escolhido para a análise está presente no capítulo “‘Kako la gallinica’. Lobos e lobisomens”, terceiro da primeira seção do livro. Nesse capítulo, o autor-narrador aborda suas lembranças relacionadas à loja de sua família, bem como as primeiras estórias de que tem recordação; o ataque de lobos vivenciado pela mãe e os lobisomens e vampiros do folclore búlgaro. O trecho é o seguinte:

Quadro 4 – Trecho 1

1	Houve anos, bastante raros, em que o Danúbio congelou no inverno, o que deu origem
2	a histórias excitantes. Minha mãe, em sua juventude, várias vezes viajara à Romênia de trenó,
3	e me mostrou as peles quentes com que se agasalhava. Quando o frio se tornava muito
4	intenso, os lobos, famintos, desciam da montanha e atacavam os cavalos que puxavam os
5	trenós. O cocheiro tentava afugentá-los com o relho, mas isso de nada adiantava e era
6	necessário atirar neles. Numa dessas viagens, verificou-se que não se havia trazido nenhuma
7	arma de fogo. Deveria ter-lhes acompanhado um tcherquesse armado, que vivia em casa
8	como criado, mas se atrasara e o cocheiro partira sem ele. Foi difícil defenderem-se dos
9	lobos, e o perigo foi grande. Se, por acaso, não tivesse vindo a seu encontro um trenó com
10	dois homens, que mataram um lobo a tiros e afugentaram os demais, o fim poderia ter sido
11	triste. Minha mãe ficara aterrorizada, e descrevia as línguas vermelhas dos lobos, que haviam
12	chegado tão perto; após muitos anos ela ainda sonhava com eles.
13	Muitas vezes lhe pedi essa história, e ela gostava de contá-la. Assim, os lobos foram os
14	primeiros animais selvagens que povoaram a minha fantasia. O terror que eles me infundiam
15	era alimentado pelos contos que ouvia das camponesas búlgaras. Sempre havia cinco ou seis
16	delas vivendo em nossa casa. Eram muito jovens, talvez com dez ou doze anos, e suas
17	famílias as haviam trazido das aldeias à cidade para empregá-las como domésticas nas casas
18	dos burgueses. Andavam descalças pela casa e sempre bem-dispostas; pouco tinham que
19	fazer e faziam tudo em conjunto; foram meus primeiros companheiros de infância.
20	À noite, quando meus pais saíam, eu ficava em casa com elas. Ao longo das paredes
21	da grande sala de estar, em todo o seu comprimento, havia otomanas baixinhas. Além dos
22	tapetes, que havia por toda parte, e de algumas mesinhas, eram os únicos móveis de que me
23	lembro daquela sala. Quando escurecia, as meninas ficavam com medo. Nos
24	aconchegávamos todos juntos numa das otomanas, logo abaixo da janela; eu ficava no meio,
25	e então elas começavam com suas histórias de lobisomens e vampiros. Assim que uma
26	terminava, começava a outra; era aterrorizante, contudo me sentia bem, comprimido de todos
27	os lados pelas meninas. Ficávamos tão aterrorizados que ninguém ousava levantar-se, e
28	quando meus pais voltavam para casa, nos encontravam aglomerados num monte trêmulo.
29	Dos contos que ouvi então, só conservei na memória os de lobisomens e vampiros.
30	Talvez não me contassem outros. Não posso tomar nas mãos um livro de contos balcânicos
31	sem logo reconhecer vários deles. Eu os tenho presentes em todos os seus detalhes, mas
32	não na língua em que os ouvi. Eu os ouvi em búlgaro, mas os conheço em alemão, e essa
33	misteriosa tradução talvez seja o fato mais estranho de minha juventude que tenho para
34	relatar, e já que o destino linguístico da maioria das crianças transcorre diferente, talvez eu
35	deva falar um pouco sobre isso.
36	Entre si, meus pais falavam alemão, do que eu nada devia entender. Conosco, os
37	filhos, e com todos os parentes e amigos, falavam em ladino. Essa era, afinal, a língua
38	corrente, aliás um castelhano antigo, que também mais tarde ouvi com frequência e jamais
39	esqueci. As meninas camponesas que ficavam em nossa casa só falavam búlgaro, e com
40	certeza foi com elas, principalmente, que eu o aprendi. Mas como jamais frequentei uma
41	escola búlgara, e abandonei Ruschuk com seis anos, em breve o esqueci completamente.
42	Todos os acontecimentos daqueles primeiros anos se desenrolaram em ladino ou búlgaro.
43	Mais tarde se traduziram, em grande parte, para o alemão. Apenas as ocorrências mais
44	dramáticas, mortes e assassinatos, por assim dizer, e os meus maiores sustos, conservaram-
45	se para mim em ladino, mas nesse caso de forma muito precisa e indelével. Todo o resto,
46	portanto a maior parte, e principalmente tudo quanto era búlgaro, como os contos, trago na
47	cabeça em língua alemã.
48	Não sei exatamente como isso aconteceu. Não sei em que época e em que
49	circunstâncias se traduziu isto ou aquilo dentro de mim. Nunca cheguei a investigar esse
50	tema, talvez porque receasse que uma análise metódica, e conduzida por princípios rígidos,
51	pudesse destruir as lembranças mais preciosas que trago comigo. Só estou certo de uma
52	coisa: tenho presentes os acontecimentos daqueles anos com toda força e todo vigor — há
53	mais de sessenta anos eles me alimentam —, mas, em sua maior parte, estão ligados a
54	palavras que, naquela época, eu não conhecia. Parece-me perfeitamente natural que eu
55	agora as escreva e não tenha a impressão de estar alterando ou adulterando alguma coisa.

56	Não é como a tradução literária de um livro, de um idioma para outro; é antes uma tradução espontânea que se produziu no inconsciente, e como costume evitar como a peste essa palavra, cujo uso indiscriminado tornou inútil, espero que me seja relevado o seu uso neste só e único caso.
57	

Fonte: CANETTI, 2010, p. 16-18.

Os três primeiros parágrafos foram mantidos no trecho a fim de contextualizar a inserção dos comentários na narrativa. Após lembrar os contos mais marcantes de sua primeira infância, os “lobos e lobisomens”, o autor-narrador dá-se conta de um fato linguístico bastante singular: o fato de esses contos estarem mantidos em sua memória em alemão, e não em búlgaro como lhe foram contados, em uma espécie de “tradução”. E é aí que começa o comentário, estendendo-se pelos três últimos parágrafos.

Nesse caso, o comentário se dá por meio da reflexão que o autor-narrador realiza ao tentar descrever e explicar esse misterioso processo linguístico. Seu **contorno de sentido**, então, é construído ao longo dessa tentativa de compreensão do fenômeno linguístico com hipóteses, apesar de não precisas, do autor-narrador sobre ele. Entre as linhas 48 e 50, ele chega a demonstrar receio sobre a abordagem desse “acontecimento” por um viés mais “metódico” ou “rígido”, uma vez que lhe importa mais manter essas memórias tão preciosas intactas. Para o autor-narrador, o fenômeno linguístico lhe parece “natural” (linha 53) e “espontâneo” (linha 55), mesmo achando que não ocorre o mesmo com “a maioria das crianças” (linha 34). É interessante ver que essa experiência linguística é bastante singular e, se analisada dentro de uma perspectiva linguística mais forma, acaba por questionar algumas noções mais tradicionais e, até, pré-concebidas, de aquisição de língua, como as nomenclaturas de “língua materna” e “língua adicional”, uma vez que muitas de suas memórias que ocorreram em suas primeiras línguas adquiridas (ladino e búlgaro) são lembradas em uma língua que foi aprendida mais tarde, mas que o autor passa a considerar como sua “principal” (alemão).

Quanto à **modalização**, destacam-se três processos. Em primeiro lugar, as frases que contêm “mas não” (linha 31), “mas” (linha 32), “nada” (linha 36), “Mas” (linha 40), “mas” (linha 52), “não” (linha 53, duas ocorrências), e “Não” (linha 54) apontam para uma negação, que nada mais é do que uma afirmação negativa; trata-se da ideia de que as lembranças estão conservadas em alemão, apesar de terem ocorrido originalmente em outros idiomas; pode ser considerada como uma tentativa de asseveração do próprio acontecimento linguístico, uma vez que não é

considerado como algo corriqueiro. Em segundo lugar, as frases que possuem “todo” (linha 31), “já que” (linha 33), “afinal” (linha 37), “com certeza” (linha 39), “completamente” (linha 41), “Todos” (linha 41), “de forma muito precisa e indelével” (linha 45), “Todo” (linha 45), “principalmente” (linha 46), “Só” (linha 50), “certo” (linha 50), “com toda força e todo vigor” (linha 51) e “perfeitamente” (linha 53) apontam para uma afirmação e confirmação dessa ideia, não apenas em relação aos acontecimentos da narrativa, mas também (e principalmente) em relação à ocorrência do fenômeno linguístico; o autor-narrador reforça a sua experiência linguística como algo que lhe é muito importante e caro. E, em terceiro e último lugar, as frases que contêm “misteriosa” (linha 32), “talvez” (linha 33), “estranho” (linha 33), “talvez” (linha 34), “devia” (linha 36), “Não sei exatamente” (linha 47), “Não sei” (linha 47), “talvez” (linha 48) e “pudesse” (linha 49), apontam para uma dúvida, uma incerteza, diretamente ligada à possibilidade de explicação do processo linguístico refletido; o autor-narrador não tem certeza sobre suas hipóteses em tentativa de explicar esse processo, apesar de refletir profundamente sobre ele; e isso não o torna, de forma alguma, menos real ou relevante.

Por fim, a **atitude linguística** parece estar ligada a um processo emocional bastante íntimo do autor-narrador. Suas memórias vividas nas línguas de sua infância ficaram preservadas em sua “originalidade” linguística apenas nas “ocorrências mais dramáticas” (linha 43). Por outro lado, a maior parte dos acontecimentos estão, agora, associados a “palavras que, naquela época, eu não conhecia” (linhas 52-53); essas outras memórias (a maioria delas) de infância converteram-se, de alguma forma, para o alemão, idioma bastante caro para o autor-narrador, porém adquirido muito mais tarde em sua vida. De todo modo, é interessante notar que já existe um certo respeito e admiração pela variedade linguística experienciada ao longo da narrativa, bem como seus aspectos culturais. As línguas, de uma forma geral, parecem ser preciosas para o autor, mesmo aquelas que acabaram sendo esquecidas (como o búlgaro).

Assim, o trecho analisado apresenta um primeiro exemplo de relação singular entre homem e língua (bem como entre língua e homem). Semelhante ao relato de George Steiner apresentado e analisado por Flores (2019, p. 320-328), no

trecho de Canetti, é possível ver, além da problematização da tradução, “o falante tendo lugar na língua e a língua tendo lugar nele” (p. 327). Dessa forma, o comentário revela um processo de **autorreferência** bem acentuado, possuindo um certo nível de questionamento por parte do autor-narrador voltado a sua relação interna e, até, subconsciente (por mais que ele não goste do termo), com suas línguas e com a influência que estas exercem sobre ele. A relação sui-referencial aprofunda-se ao passo que o autor-narrador reflete sobre as línguas que possui e/ou o constituem em uma discussão subjetiva que lembra o paradoxo proposto por Steiner ao se perguntar “em que língua eu sou?”. Trata-se, portanto, de uma reflexão sobre a experiência do homem com a língua, as línguas e a linguagem.

3.2.2 Serpentes e letras: a naturalidade das línguas

O segundo trecho analisado faz parte do capítulo “Serpentes e letras”, o antepenúltimo da primeira seção do livro. Uma viagem de verão para a Áustria e a influência de países e línguas na vida cotidiana são abordados nesse capítulo. O trecho está ligado a esse segundo tópico, sendo ele:

Quadro 5 – Trecho 2

1	Muito poderia ser dito acerca da influência que a Áustria exerceu sobre nós, já ao
2	tempo em que morávamos em Ruschuk. Não só meus pais haviam frequentado a escola em
3	Viena, não só falavam alemão entre si, mas meu pai lia diariamente o Neue Freie Presse, e
4	era um grande momento quando ele o desdobrava lentamente. Assim que ele se punha a lê-
5	lo, já não tinha olhos para mim, e eu sabia que de forma alguma me responderia; minha mãe
6	também nada lhe perguntava, nem mesmo em alemão. Eu tentava descobrir o que tanto o
7	prendia ao jornal; no começo eu pensava que fosse o cheiro, e quando ficava só e ninguém
8	me via, trepava na cadeira e avidamente cheirava o periódico. Mas depois notei como ele
9	movia a cabeça ao longo da folha, e o imitei sem ter diante dos olhos o jornal que ele
10	segurava sobre a mesa com ambas as mãos, enquanto eu brincava no chão, às suas costas.
11	Certa vez um visitante que entrara o chamou; ele se voltou e me flagrou em meus imaginários
12	movimentos de leitura. Então se dirigiu a mim, ainda antes de atender o visitante, e me
13	explicou que o que importava eram as letras, muitas pequenas letras, nas quais ele bateu com
14	o dedo. Em breve eu também saberia ler, disse ele, e despertou em mim um insaciável anseio
15	pelos letras.
16	Eu sabia que o jornal vinha de Viena, que ficava longe, viajando quatro dias pelo
17	Danúbio. Com frequência falava-se de parentes que viajavam para Viena a fim de consultar
18	médicos afamados. Os nomes dos grandes especialistas da época foram as primeiras
19	celebridades de quem eu, em criança, ouvi falar. Mais tarde, quando fui a Viena, admirei-me
20	que todos aqueles nomes: Lorenz, Schlesinger, Schnitzler, Neumann, Hajek, Halban,
21	realmente existissem como pessoas. Eu nunca tentara imaginá-los fisicamente; suas
22	existências consistiam em pronunciamentos, e estes tinham tal peso, a viagem até eles era
23	tão longa, as mudanças que suas receitas provocavam nas pessoas de nossas relações eram
24	tão profundas, que os nomes tinham a natureza dos espíritos, aos quais se teme e se invoca
25	ao mesmo tempo. Após visitá-los, só se podia comer certas coisas e outras eram proibidas.
26	Eu imaginava que eles usassem uma linguagem própria, que ninguém entendia, e que era

27	preciso decifrar. Não me ocorreu que pudesse tratar-se da mesma língua que meus pais
28	falavam, e que eu ensaiava em segredo.
29	Muitas vezes se conversava sobre idiomas; só em nossa cidade eram faladas sete ou
30	oito línguas, e todos entendiam um pouco de cada uma. Apenas as meninas que vinham das
31	aldeias só conheciam o búlgaro, e por isso eram consideradas tolas. Cada um enumerava as
32	línguas que conhecia, e era importante que se dominasse muitas, pois poderia acontecer que
33	com o seu conhecimento se viesse a salvar a própria vida ou a de outros.
34	Antigamente os comerciantes, quando viajavam, levavam todo o seu dinheiro em
35	cinturões envoltos no corpo. Assim também eles viajavam nos vapores do Danúbio, o que era
36	perigoso. Uma vez, o avô de minha mãe, fingindo que estava dormindo no convés, ouviu
37	quando dois homens, falando grego, planejavam um assassinato. Eles pretendiam, assim que
38	o navio se aproximasse da cidade mais próxima, assaltar um comerciante em seu camarote,
39	matá-lo, roubar seu polpudo cinturão de dinheiro, jogar o corpo no Danúbio pela vigia, e
40	depois, quando o navio atracasse, abandoná-lo imediatamente. Meu bisavô procurou o
41	comandante e lhe contou o que tinha ouvido em grego. O comerciante foi advertido, um
42	tripulante se escondeu no camarote, outros se postaram do lado de fora, e quando quiseram
43	executar seu plano, os dois malfeitores foram agarrados, e no porto, onde pretendiam fugir
	com o produto do roubo, foram entregues acorrentados à polícia. É o que pode acontecer
	quando se entende grego, e se contavam muitas outras histórias edificantes relacionadas ao
	conhecimento dos idiomas.

Fonte: CANETTI, 2010, p. 39-40.

Esse trecho começa abordando a influência da Áustria e da língua alemã na vida da família na Bulgária. O primeiro parágrafo e boa parte do segundo contextualizam o comentário feito pelo autor-narrador, construindo o percurso mental que liga suas diferentes noções e ideias e chagando, então, à proposta reflexiva contida no comentário. Na última frase do segundo parágrafo, há uma referência específica à língua alemã, que causava um sentimento de raiva no locutor-narrador quando criança, já que seus pais não lhe ensinavam o idioma e ele o via como um código “secreto”; restava-lhe, então, tentar reproduzir os sons que ouvia dessa língua num esforço também secreto de a aprender. Cabe destacar, ainda, que existem duas questões principais ligadas ao uso da(s) língua(s) nesse trecho e, portanto, dois comentários.

O primeiro comentário, mais curto, encontra-se ao final do segundo parágrafo e constrói um **contorno de sentido** que diz respeito à visão que o autor-narrador tinha acerca das línguas que não conhecia na infância; para ele, essas línguas eram como códigos decifráveis, assim como o “código” compartilhado pelos pais. Essa ideia pode ser associada aos primeiros estudos no ramo da Comunicação, que também consideravam a(s) língua(s) como código(s). Quanto à **modalização**, há o uso do modo subjuntivo, nas frases que possuem “usassem” (linha 24) e “pudesse” (linha 26), que indica incerteza, ligada às hipóteses do autor-

narrador para tentar compreender aquele fenômeno, ainda na infância e antes de descobrir do que realmente se tratava; e as negações, nas frases que possuem “ninguém” (linha 25) e “Não” (linha 25), reforçam sua admiração infantil em não conseguir entender aquele fenômeno em um movimento asseverativo. A **atitude linguística**, por sua vez, parece estar direcionada à questão compreensão/incompreensão das línguas e se liga diretamente ao outro comentário do trecho, que é introduzido logo em seguida.

Esse segundo comentário, contido nos dois últimos parágrafos, aborda com mais profundidade a questão da diversidade linguística experienciada na cidade búlgara de infância do autor-narrador. Nesse sentido, o **contorno de sentido** traz uma reflexão desse autor-narrador em relação a essa diversidade, a qual ele demonstra, tanto no trecho quanto ao longo da obra, julgar muitíssimo importante, apesar de não atribuir essa importância aos mesmos motivos que atribuem as demais pessoas-personagens abordadas no trecho. A maior parte da **modalização** opera sobre alguns detalhes da narrativa, porém se pode destacar as relações de quantidade e relevância – nas frases que contêm “Muitas vezes” (linha 27), “sete ou oito” (linhas 27 e 28), “um pouco de cada” (linha 28), “só” (linha 29), “enumerava” (linha 29), “importante” (linha 30), “muitas” (linha 30), “muitas” (linha 43) e “edificantes” (linha 43) – atribuídas à diversidade linguística como um reforço da grande ocorrência de momentos em que se falava sobre línguas naquele contexto, bem como da importância atribuída ao conhecimento de um número considerável de idiomas. Por fim, a **atitude linguística** do autor-narrador está ligada ao reconhecimento dessa importância em se possuir um vasto conhecimento de idiomas. No entanto, ele tende a destacar, ao longo do comentário, que essa importância estava sempre mais relacionada à ideia de que “conhecimento é poder” para a maioria das pessoas de seu convívio; e, para ele, essa importância parece estar mais direcionada a questões mais profundas, conforme se vê ao longo do restante da narrativa e será abordado em alguns dos trechos analisados em seguida.

É válido, ainda, pontuar o destaque para a **metalinguagem** do comentário, uma vez que o autor-narrador relata não apenas o fato de se falarem muitas línguas, mas também “se conversava sobre idiomas” (linha 27). Essa passagem ressalta a naturalidade de se usar a língua para falar da própria língua, sendo essa uma

característica universal e essencial de todas elas, tão destacada por Jakobson e Benveniste. Assim, os comentários destacam a singularidade e a subjetividade que o autor-narrador percebe no uso das línguas. A questão metalinguística é essencial a todos os comentários feitos pelo autor-narrador (bem como de qualquer falante que venha a formular seus próprios), uma vez que é constituinte obrigatório de sua formulação. Nesse comentário específico, no entanto, achamos relevante destacá-lo por se tratar de um caso mais singular e complexo: uma espécie de metalinguagem dentro da já metalinguagem. De maneira muito peculiar, o fenômeno desdobra-se por si mesmo em um movimento de eco ou, até, espelhamento. Não se trata meramente de usar a língua para falar e refletir sobre ela própria, mas a usar para falar e refletir sobre essa fala e essa reflexão que se fazem dela.

3.2.3 O Burgtheater em casa: a avaliação da língua

O terceiro trecho analisado faz parte do capítulo “O terremoto de Messina. O Burgtheater em casa”, primeiro da terceira seção do livro. A narrativa desse capítulo tem como foco as primeiras impressões e experiências do autor-narrador e de sua família ao se mudarem para a capital da Áustria, Viena, no ano de 1913. Segue o trecho:

Quadro 6 – Trecho 3

1	O bairro residencial sobre o canal do Danúbio chamava-se Schüttel; margeando o
2	canal, chegava-se à ponte de Santa Sofia, onde ficava a escola. Cheguei a Viena falando a
3	nova língua, que eu aprendera de forma tão violenta. Minha mãe me entregou ao professor
4	Tegel, da terceira classe da escola primária. Ele tinha uma cara gorda e vermelha, na qual
5	pouco se podia ler, quase como uma máscara. A classe era grande, com mais de quarenta
6	alunos, e eu não conhecia ninguém. No mesmo dia que eu, entrou para a escola um menino
7	americano; fomos examinados ao mesmo tempo, mas antes disso ainda trocamos algumas
8	rápidas palavras em inglês. O professor me perguntou onde eu havia aprendido o alemão. Eu
9	disse que com minha mãe. Quanto tempo eu havia estudado? Três meses. Senti que isso lhe
10	pareceu estranho: sem professor, só com a mãe, e em apenas três meses! Sacudiu a cabeça
11	e disse: “Neste caso você não saberá o suficiente para ficar conosco”. Ditou-me algumas
12	poucas frases. Mas a verdadeira prova, da qual tudo dependia foi: “Die Glocken läuten”, e logo
13	depois “Alle Leute”. Ele pretendia me apanhar com a semelhança de som entre “lauten” e
14	“Leute”. Mas eu conhecia a diferença, e escrevi tudo certo, sem hesitar. Tomou o caderno na
15	mão e de novo sacudiu a cabeça — o que poderia ele saber das terríveis lições de Lausanne!
16	Como eu havia respondido fluentemente às suas perguntas anteriores, ele disse com o
17	mesmo rosto inexpressivo de antes: “Vamos fazer uma experiência”.
18	Quando contei a minha mãe, ela não se admirou. Para ela era natural que o alemão de
19	“seu filho” não fosse apenas igual, mas superior ao das crianças vienenses. A escola primária

20	tinha cinco classes; ela logo descobriu que se podia saltar a quinta, desde que se tivessem
21	boas notas. “Depois da quarta classe, portanto daqui a dois anos, você entrará para o ginásio,
22	onde se aprende latim, e não mais será tão enfadonho para você.

Fonte: CANETTI, 2010, p. 100-101.

Nesse comentário, o autor-narrador descreve uma situação por que passou ao ingressar na escola vienense. No relato, o professor da turma duvida de sua capacidade de falar alemão, aprendida recentemente com a mãe após a morte do pai, além de a menosprezar. Em contrapartida, ao regressar para casa e compartilhar seu sucesso com a mãe, sua capacidade acaba sendo supervalorizada.

O **contorno de sentido** recai sobre a experiência como falante “não-nativo”, bem como sobre as diferentes visões acerca do conhecimento linguístico. Para o autor-narrador, ter sua capacidade de falante posta em cheque foi um evento bastante marcante e que pôs em destaque uma questão social da língua, não percebida na infância, mas com muitas consequências na vida adulta.

A **modalização** pode ser destacada em relação aos dois posicionamentos linguísticos marcantes do comentário: o do professor e o da mãe. Assim, as frases que dispõem de “estranho” (linha 9), “apenas” (linha 10), “Sacudiu a cabeça” (linha 10), “não” (linha 11), “pretendia me apanhar” (linhas 12 e 13), “sacudiu a cabeça” (linha 14) e “o mesmo rosto inexpressivo de antes” (linha 16) refletem o posicionamento do professor, tanto em suas ações como em suas falas. Já as frases constituídas por “não” (linha 18), “não” (linha 19) e “mas” (linha 19) afirmam – por meio da negação – a posição da mãe em contestação à posição do professor, e a posição dela está registrada em palavras como “natural” (linha 18) e “superior” (linha 19).

E, quanto à **atitude linguística**, é interessante notar o quanto o autor-narrador distancia-se das duas visões apresentadas nesse comentário. Mais explicitamente, se mostra contrário à atitude do professor ao sentir-se pré-julgado por ele (linhas 8 a 11) e conseguir reconhecer sua “armadilha” (linhas 12 e 13). Já em relação à atitude da mãe, ele faz questão de demarcar que seu posicionamento está “Para ela” (linha 18), apesar de não o contrariar abertamente. O autor-narrador passa, portanto, a construir um posicionamento próprio acerca de sua visão linguística, distanciando-se, pouco a pouco, da ideia de que o conhecimento linguístico promova poder ou, pior, algum tipo de superioridade.

3.2.4 O incansável: a língua como forma de aproximação

Ainda da terceira seção do livro, foi selecionado um trecho a ser analisado no segundo capítulo, intitulado “O incansável”. O título é uma referência direta ao avô paterno do autor-narrador e, no capítulo, ele o descreve em muitos detalhes, além de narrar uma de suas visitas à família, estabelecida na Áustria nesse momento da narrativa. Abaixo, segue o trecho:

Quadro 7 – Trecho 4

1	Um dos atributos mais extraordinários de meu avô era a sua incansabilidade; ele, que
2	sob outros aspectos tinha um caráter tão oriental, sempre estava em movimento. Apenas
3	tínhamos notícias de que ele chegara à Bulgária, já estava de volta a Viena, para prosseguir
4	viagem até Nuremberg, que ele pronunciava Nurimberg. Mas também viajava para muitas
5	outras cidades, das quais já não me lembro, porque não pronunciava tão mal seus nomes
6	para que me ficassem gravadas. Com frequência eu o encontrava por acaso na Praterstrasse,
7	ou em qualquer outra rua de Leopoldstadt, a toda marcha, sempre com sua bengala com
8	castão de prata, sem a qual ele não ia a parte alguma, e, por mais apressado que estivesse,
9	nada escapava aos seus olhos de águia, que voavam de um lado para outro. Todos os
10	sefardins que o encontravam — e não eram poucos os que havia nessa parte de Viena, onde,
11	em Zirkusgasse, estava seu templo — o cumprimentavam respeitosamente. Era rico, mas não
12	era arrogante, e falava com todos os que conhecia, sempre tendo algo de surpreendente e
13	novo para contar. Suas histórias iam de boca em boca; como viajava muito e observava tudo
14	o que o interessava, especialmente pessoas, e como nunca contava as mesmas histórias às
15	mesmas pessoas — mesmo com idade avançada sabia exatamente o que havia dito a cada
16	uma —, sempre as divertia muito. Tinha fama de terrível entre as mulheres, pois não esquecia
17	nenhuma das que alguma vez tivessem atraído seu olhar, e as gentilezas que sabia lhes fazer
18	— para cada tipo de beleza ele achava novas e especiais gentilezas — eram eficazes e de
19	ação prolongada. Por mais que avançasse em anos, não se lhe notava a idade; sua paixão
20	por tudo quanto era novo e estranho, suas reações rápidas, seus modos autoritários e ao
21	mesmo tempo sedutores, seu apreço pelas mulheres, tudo permanecia inalterado.
22	Com todas as pessoas ele procurava falar na língua delas, mas como havia aprendido
23	tais línguas apenas de passagem, em suas viagens, seus conhecimentos, excetuadas as
24	línguas balcânicas (entre as quais se contava o ladino), eram bastante limitados. Gostava de
25	contar nos dedos os idiomas que falava, e a graciosa certeza com que, nesta contagem —
26	sabe Deus como —, chegava às vezes a dezessete, às vezes a dezenove línguas, apesar de
27	sua pronúncia engraçada, era irresistível para a maioria das pessoas. Eu me sentia
28	envergonhado se essas cenas se desenrolavam na minha frente, pois sua fala era tão
29	imperfeita, que ele teria sido reprovado até mesmo pelo professor Tegel, quanto mais em
30	nossa casa, onde minha mãe nos censurava com impiedoso escárnio o menor erro. Em casa
31	nos limitávamos a apenas quatro idiomas, e quando perguntava a minha mãe se era possível
32	falar dezessete línguas, ela respondia, sem mencionar meu avô: “Não! Assim não se fala
33	nenhuma!”.
34	Embora lhe fosse completamente estranha a esfera em que se movia o espírito de
35	minha mãe, ele tinha grande respeito por sua cultura, especialmente por sua severidade
36	conosco, de quem ela exigia o máximo. Por mais profundo que fosse o rancor que lhe
37	guardava por ter influenciado, valendo-se dessa cultura, meu pai para que abandonasse a
38	Bulgária, ele tinha o maior interesse que ela a transmitisse a nós. Creio que não era só a ideia
39	de utilidade e sucesso na vida que o movia, mas também o ímpeto de seu próprio e
40	inesgotável talento, jamais plenamente realizado. Conseguira ir longe, dentro do estreito
41	círculo em que se movia, e não cederia uma pontinha de seu poder sobre a extensa família,

42	mas era consciente de que havia muito fora do seu alcance. Ele dominava apenas a escrita
43	aramaica, na qual se escrevia o ladino, e só lia jornais nessa língua. Tinham todos nomes
44	hispânicos, como El Tiempo ou La Boz de la Verdad, e eram impressos com caracteres
45	hebraicos e apareciam, segundo creio, apenas uma vez por semana. Lia com dificuldade o
46	alfabeto latino, e em toda a sua longa vida (morreu com mais de noventa anos) jamais leu
47	coisa alguma muito menos um livro — em uma das línguas dos muitos países que visitou.
48	Seus conhecimentos, afora seu negócio, que ele dominava com soberania, se limitavam
49	exclusivamente às suas próprias observações das pessoas. Podia imitá-las como um
50	autêntico ator, e algumas delas, que ele havia tornado tão interessantes, me desapontaram
51	amargamente na realidade, enquanto, em sua imitação, elas me fascinavam cada vez mais.
52	Comigo, no entanto, ele se continha um pouco, e só na companhia de adultos, onde era o
53	foco das atenções, podia representar durante horas e horas, com toda a sua soltura, suas
54	cenas satíricas. (Ele já estava morto havia muito tempo, quando encontrei seus semelhantes
55	entre os contadores de histórias de Marrakesh, e embora eu não entendesse uma palavra de sua língua, eles me eram mais familiares, pela lembrança de meu avô, do que as inúmeras outras pessoas que lá encontrei.)

Fonte: CANETTI, 2010, p. 109-110.

O comentário do autor-narrador encontra-se nos dois últimos parágrafos, com seu foco sobre a experiência do avô com as línguas. Dessa forma, o primeiro parágrafo surge como complemento de contextualização, aprofundando as características desse avô, relevantes para a discussão da construção de seu ponto de vista acerca das línguas.

Assim, o **contorno de sentido** está relacionado à ponderação feita acerca do ponto de vista do avô e sua experiência com as línguas como um todo. E, ao contrário do trecho anterior, nesse comentário o autor-narrador aparenta se aproximar, ao menos um pouco, desse posicionamento linguístico.

A **modalização** feita pelo autor-narrador nesse comentário está mais relacionado a sua afetividade com os dois pontos de vista apresentados. O ponto de vista do avô é assinalado por adjetivações, como nas frases que apresentam “graciosa certeza” (linha 25), “irresistível para a maioria das pessoas” (linha 27), “grande respeito por sua cultura” (linha 34), “maior interesse” (linha 37), “inesgotável talento” (linha 38) e “consciente de que havia muito fora do seu alcance” (linhas 40 e 41). Já o ponto de vista da mãe, terrivelmente contrário, é adjetivado na frase que apresenta “impiedoso escárnio” (linha 30) e absolutamente marcado pela tripla negação em sua fala: “Não” (linha 32), “não” (linha 32) e “nenhuma” (linha 32).

Por fim, a **atitude linguística** do autor-narrador aponta para certa admiração que sente pela maneira que o avô se porta em relação à(s) língua(s). Pode não ser exatamente o mesmo posicionamento que ele possui, mas certamente é um dos que mais se aproxima dele. Apesar de se envergonhar (linhas 27 a 30) com os supostos erros que o avô cometia ao falar suas muitas línguas (provavelmente influenciado

pela mãe, que não os tolerava), ele não parece desaprovar a inaptidão do avô para a leitura (linhas 44 a 46) e, tampouco, discorda da enumeração que o avô faz do número de línguas que sabe/fala. O que lhe admira, de fato, no comportamento linguístico do avô é sua sensibilidade social, pois, para esse avô, as línguas não são vistas como sinônimo de poder, mas como uma maneira de se aproximar mais profundamente de pessoas e, conseqüentemente, de culturas.

Dessa forma, o comentário reforça a **intersubjetividade** que contém. Não apenas por possuir essa relação natural no cerne de sua estruturação, mas também por conter uma visão de línguas que se baseia na relação linguística entre as pessoas (“eu” e “tu”). É fundamental lembrar, ainda, a complexidade que a questão intersubjetiva atinge dentro dos comentários, já que as línguas transcendem sua posição referencial de não-pessoa (“ele”) e passam a ocupar, concomitantemente, também uma posição de pessoa (“tu”) não-subjetiva. Estabelece-se, portanto, um diálogo entre o enunciador e a língua, sendo seu tópico principal a própria língua. A posição subjetiva, contudo, permanece restrita ao enunciador, ocupada pelo autor-narrador.

3.2.5 Espionagem: a língua como forma de distanciamento

Do capítulo “Espionagem” também foi selecionado um trecho para a análise. Trata-se do terceiro capítulo da quarta seção do livro. A experiência da família em Viena com a contratação de uma empregada doméstica, que é acusada de ser uma espiã pela mãe de Canetti, é relatada nesse capítulo. O trecho selecionado é o seguinte:

Quadro 8 – Trecho 5

1	Mas era difícil conseguir empregadas. Minha mãe não conseguia se acostumar a que
2	ali não houvesse criadas como em Viena. Uma criada ali era chamada de “Haustochter”, filha
3	da casa, e comia à mesa conosco. Era a primeira condição de uma moça ao ser admitida.
4	Minha mãe, com seu jeito altivo, achava isso insuportável. Suas moças em Viena, como ela
5	dizia, sempre haviam sido bem tratadas, mas elas viviam em seu próprio quarto, onde nunca
6	entrávamos, e comiam sozinhas na cozinha. O tratamento óbvio era “minha senhora”. Aqui em
7	Zurique não havia minha senhora, e minha mãe, que tanto gostava da Suíça por sua índole
8	pacífica, não se conformava com os costumes democráticos, que interferiam até mesmo no
9	centro de seu lar. À mesa, ela nos falava em inglês, e o justificou perante Hedi, a “filha da
10	casa”, com a alegação de que os pequenos aos poucos estavam esquecendo o idioma. Era

11	absolutamente necessário que, ao menos durante as refeições, eles o relembassem. Embora
12	isso fosse verdade, servia também para excluir a “filha da casa” de nossa conversa. Ela nada
13	disse quando isso lhe foi explicado e não pareceu ofendida. Ficou calada por alguns dias, mas
14	qual não foi a surpresa de minha mãe quando Hedi, num almoço, com o ar mais inocente,
15	corrigiu um erro que Georg havia feito e que minha mãe havia deixado passar!
16	“Como é que a senhorita sabe disso?”, perguntou ela quase indignada, “então a
17	senhorita sabe inglês?” Hedi o havia aprendido na escola e entendia tudo o que dizíamos. “Ela
18	é espiã!”, disse minha mãe depois para mim, “ela se insinuou em nossa casa! Isto não
19	acontece, que uma criada fale inglês. Por que não o disse antes? Ela quis escutar nossa
20	conversa, essa miserável! Não permito que meus filhos se sentem à mesa com uma espiã!”
21	Então minha mãe se lembrou que Hedi não aparecera sozinha em nossa casa. Viera com um
22	senhor que se apresentou como seu pai, o qual nos examinou e à casa, e se informou de
23	todos os detalhes das condições de trabalho de sua filha. “Logo imaginei que não podia ser
24	seu pai. Ele parecia ser de boa família. Me inquiriu como se eu estivesse à procura de
25	emprego! Eu, em seu lugar, não poderia ter sido mais rigorosa nas perguntas. Ele certamente
26	não era o pai de uma criada. Plantaram-nos uma espiã em casa.”
27	Aliás, não havia coisa alguma em nossa casa a ser espionada, mas isso não a
28	perturbou; em todo o caso, nos atribuiu uma importância que justificasse a espionagem. Com
29	todo o cuidado tomou as contramedidas. “Não podemos despedi-la de imediato, pareceria
30	estranho. Precisamos ter paciência por duas semanas. Mas temos que nos cuidar. Nunca
31	devemos dizer coisa alguma contra a Suíça, do contrário ela nos denunciará.”
32	Minha mãe não se lembrou de que jamais um de nós dizia alguma coisa contra a Suíça.
33	Pelo contrário: quando lhe fazia meus relatos sobre a escola, ela só tecia elogios, e a única
34	coisa que ela desaprovava na Suíça era a instituição das “filhas da casa”. Eu gostava de Hedi
35	porque ela não era servil; vinha de Glarus, que havia vencido uma batalha contra os
36	Habsburgo, e às vezes lia meu livro de história da Suíça, de Öchsli. E, embora minha mãe
37	sempre me conquistasse quando dizia “nós” — “nós temos que fazer isto ou aquilo”, como se
38	eu partilhasse de suas decisões com igualdade de direitos —, fiz uma tentativa para salvar a
39	situação, uma tentativa bastante esperta, pois sabia como suborná-la: só com assuntos
40	culturais. “Mas você sabe”, disse eu, “ela gosta muito de ler meus livros. Sempre me pergunta
41	o que estou lendo. Me pede livros emprestados e conversa comigo sobre eles”. Minha mãe
42	ficou séria. “Meu pobre menino! Por que você não me disse isto antes? Você ainda não
43	conhece o mundo. Mas logo aprenderá.” Ela se calou, deixando-me bastante curioso. Fiquei
44	alarmado e insisti: “O que se passa? O que é?”. Devia ser algo horrível, mas eu não podia
45	imaginar o quê. Talvez fosse tão grave que ela nem mesmo me diria. Mas me fitou com
46	superioridade e compaixão, e senti que falaria. “Pois ela deve descobrir o que lhe dou para ler.
47	Você não entende? Foi para isto que a mandaram a nossa casa. Uma autêntica espiã! Tem
48	segredos com um menino de doze anos e vasculha seus livros. Não nos disse que sabia
49	inglês, mas com certeza leu todas as nossas cartas da Inglaterra!”

Fonte: CANETTI, 2010, p. 175-177.

O comentário desenvolve-se ao longo de todo o trecho selecionado, tendo como ponto principal o conhecimento da língua inglesa. Trata-se de três experiências diferentes em relação ao idioma: a do autor-narrador, a de sua mãe e a de Hedi, a empregada. A partir da surpresa em se descobrir que Hedi fala inglês, a mãe de Canetti passa a comentar o fato e tomar, em resposta, as providências que julga necessárias.

A partir desse acontecimento, o autor-narrador passa a esboçar o **contorno de sentido** contido em seu comentário. Em uma tentativa de tentar compreender quais os problemas envolvidos no fato de a empregada saber falar inglês, ele reflete sobre as atitudes e falas da mãe e desenvolve uma problemática social e cultural,

que ultrapassa a possibilidade de espionagem. Enquanto criança, ele não consegue entender os verdadeiros motivos que tornam inconcebível a ideia de uma empregada como Hedi poder falar inglês, além de tentar defendê-la, conforme pode ser visto no final do último parágrafo (a partir da linha 36).

A **modalização** do trecho, em se tratando do comentário em si, pode ser destacada em diferentes momentos. O primeiro, em adjetivações ligadas ao posicionamento da mãe, nas frases que portam “ativo” (linha 4), “insuportável” (linha 4), “indignada” (linha 16), “séria” (linha 41), “horrível” (linha 44) e “com superioridade e compaixão” (linha 45), que tende para uma avaliação negativa por parte do autor-narrador. O segundo, em adjetivações ligadas à empregada, nas frases que possuem “[não pareceu] ofendida” (linha 13), “mais inocente” (linha 14), “[não era] servil” (linha 25), que aponta para uma avaliação mais positiva por parte do autor-narrador. E o terceiro, nas frases que contêm “bastante esperta” (linha 39), “curioso” (linha 43) e “alarmado” (linha 43), cujos rastros ajudam a demarcar o posicionamento do próprio autor-narrador. Outra questão interessante, é o movimento de oposição e negação que ele constrói em relação ao posicionamento da mãe, percebido nas frases que são constituídas por termos como “mas” (linha 13), “não” (linha 14), “Aliás” (linha 27), “mas” (linha 27), “não” (linha 32), “Pelo contrário” (linha 33), “embora” (linha 36) e “mas” (linha 44).

Finalmente, a **atitude linguística** do autor-narrador parece, mais uma vez, ir de encontro ao posicionamento materno. Para ele, não parece haver problema algum com o fato de Hedi falar inglês, e as preocupações da mãe lhe parecem infundadas, como pode ser visto em suas indagações (linhas 43 a 45). Em contrapartida, a mãe não consegue aceitar o fato de a empregada saber falar inglês (linhas 18 e 19) e, pior, que possa saber “mais” do que ela (linhas 13 a 17). Nesse sentido, a mãe acaba tendo seus objetivos frustrados, uma vez que pretendia usar a língua inglesa justamente para excluir a empregada de alguma maneira (linhas 10 a 12), pois era contrária aos costumes suíços democráticos (linha 13) e não queria que a empregada fosse tão próxima deles, tanto física quanto socialmente.

3.2.6 O canário: o direito à língua

O sexto e último trecho analisado foi retirado do capítulo “A língua incompreensível. O canário”. Nesse trecho, o autor-narrador relembra sua experiência com o alemão na infância, que julgava ser incompreensível, e relata suas memórias relacionadas a um professor específico da escola em Zurique, apelidado pelos alunos de “canário”. Segue o trecho selecionado abaixo:

Quadro 9 – Trecho 6

1	Karl Schoch, que nos trouxe a Caixinha do tesouro, tinha dificuldades consigo próprio e
2	com seus alunos. Sua cabeça era pequena e oval, sua cor era avermelhada e os cabelos
3	amarelos, que se destacavam muito, principalmente em seu bigode — seria realmente tão
4	amarelo ou apenas nos parecia? Talvez seus movimentos, um tanto abruptos ou saltitantes,
5	contribuíssem para o seu apelido: tão logo o conhecemos, o chamamos de “o canário”, nome
6	que conservou até o fim da vida. Era ainda jovem e tinha problemas de locução; parecia que
7	tinha dificuldade em mover a língua. Antes de articular as palavras ele tinha de tomar impulso.
8	Então vinham as frases, mas só poucas de cada vez. Tinham um som seco e monótono, a voz
9	oca, e logo ele tornava a se calar. Primeiro ele nos lecionou caligrafia, e talvez fosse por
10	causa dessa matéria, da qual nunca aproveitei coisa alguma, que ele dava a impressão de ser
11	pedante. Ele levava tão a sério a caligrafia, como se fosse um aluno que a tivesse acabado de
12	aprender. Como falava pouco, cada uma de suas palavras adquiria uma importância
13	exagerada. Ele se repetia, mesmo quando não era necessário; aquilo que ele queria inculcar
14	em nós primeiro tinha de arrancar de si próprio. A quem quer que ele se dirigisse, seu tom era
15	sempre o mesmo. Desconfiava-se que ele ensaiava antes aquilo que depois nos diria. Mas
16	mesmo assim, com frequência e inexplicavelmente, se atrapalhava, e todos os ensaios se
17	tornavam em vão. Não parecia fraco, antes parecia fora de lugar. Não era bem estruturado,
18	sabia-o, e certamente sempre tinha isso presente.
19	Enquanto se tratou de caligrafia, conseguiu superar o cruel exame dos alunos. Havia
20	alguns que se esforçavam em desenvolver uma bela escrita e que com ele aprenderam a
21	escrever com boa letra. Tudo o que tinham a fazer era copiar com cuidado as letras que ele
22	desenhava no quadro negro. Era a matéria que exigia menos esforço mental, dando
23	oportunidade aos menos desenvolvidos de apresentar boas provas. E Schoch, enquanto
24	escrevia no quadro negro, ganhava tempo para o seu silêncio. Assim, estava em contato com
25	letras e não com alunos de carne e osso. Suas letras eram grandes e precisas, para todos e
26	não para alunos individuais, e devia sentir alívio em poder dar as costas àqueles cujos olhares
27	ele temia.
28	Mais tarde, substituíu Letsch no ensino de geografia, o que foi fatal. Ele não tinha
29	segurança na matéria, e a classe aproveitou com gosto a oportunidade de se vingar, em
30	Schoch, da opressão que sofrera sob Letsch. Junto ao coronel, Schoch parecia um pequeno
31	recruta, e, além disso, agora ele tinha de falar constantemente. Foi recebido com um chilreio
32	abafado, que se referia ao canário. Após uma hora ele saiu sob um alto gorjeio. Ainda não
33	havia fechado a porta, quando o gorjeio começou. Ele não tomou conhecimento, pois não
34	disse uma palavra; é duvidoso que soubesse o que significava.
35	Tínhamos chegado à América do Sul; o grande mapa estava na parede às suas costas.
36	Um a um, ele nos mandou que mostrássemos os rios e disséssemos seus nomes. Quando
37	chegou minha vez, havia, entre os rios que eu devia mostrar, um que se chamava
38	Desaguadero. Pronunciei o nome corretamente, o que não me era difícil, pois entre as
39	palavras que eu, desde pequeno, mais ouvia e mais usava, estava a palavra “água”. Ele me
40	corrigiu e disse que a pronúncia era rio Desagadero, que o “u” neste caso era mudo. Eu insisti
41	que o correto era dizer “água”, e ele perguntou como eu sabia isso. Não me deixei confundir;
42	eu tinha que sabê-lo, disse eu, pois o espanhol era a minha língua materna. Enfrentamo-nos
43	perante toda a classe, nenhum de nós querendo ceder; fiquei aborrecido porque ele não
44	reconheceu o meu direito ao espanhol. Ele repetia, inexpressivo e rígido, mas com uma

45	decisão que jamais vira nele: “Diz-se rio Desagadero”. Atiramos um ao outro, por diversas
46	vezes, as duas pronúncias, seu rosto ficando cada vez mais tenso; se estivesse em sua mão
47	a vara com que eu apontava no mapa, ele teria batido em mim. Então ele teve uma ideia
48	salvadora e me dispensou, dizendo: “Na América do Sul a pronúncia é diferente”.
49	Não creio que com outro professor eu tivesse defendido meu ponto de vista com tanta
50	obstinação. Não sentia pena dele, o que ele certamente teria merecido numa situação tão
51	vexatória. Tivemos ainda algumas aulas com ele, e certo dia, quando o aguardávamos e o
52	chilreio já havia começado, apareceu outro professor e disse: “Herr Schoch não virá mais”.
53	Pensamos que ele estivesse doente, mas logo soubemos a verdade. Estava morto. Cortara as
54	veias do pulso e se deixara morrer de hemorragia.

Fonte: CANETTI, 2010, p. 291-292.

O comentário desenrola-se ao longo do quarto parágrafo do trecho, sendo os demais parágrafos abordados como contextualização da passagem. Nesse comentário, o autor-narrador conta uma de suas experiências linguísticas ocorrida em uma aula de geografia.

Algumas questões, abordadas nos dois primeiros parágrafos, como a voz do professor e as aulas de caligrafia também podem ser entendidas como comentários. No entanto, por não constituírem reflexões tão aprofundadas, não serão analisadas na íntegra como a questão presente no quarto parágrafo.

O **contorno de sentido** desse comentário circunda no entorno da questão da pronúncia de um nome de um rio em espanhol. Muito além do ponto de a pronúncia estar correta ou não, esse contorno diz respeito à apropriação da língua pelo autor-narrador, que é posta em dúvida por seu professor. Nessa direção, há uma construção muito forte e profunda na frase “fiquei aborrecido porque ele não reconheceu o meu direito ao espanhol” (linhas 43 e 44).

Já a **modalização** presente no comentário parece contribuir para a construção desses dois pontos de vista contrários presentes na discussão. O ponto de vista do professor é demarcado nas frases que comportam as expressões “me corrigiu” (linha 39), “disse que” (linha 39), “perguntou como eu sabia disso” (linha 41), “não reconheceu” (linha 43), “repetia” (linha 44), “inexpressivo e rígido” (linha 44), “mais tenso” (linha 46), “teria batido em mim” (linha 47). Já o ponto de vista do autor-narrador está marcado nas frases que apresentam as expressões “corretamente” (linha 38), “insisti” (linha 40), “correto” (linha 40), “Não me deixei confundir” (linha 41) “minha língua materna” (linha 42) e “meu direito ao espanhol” (linhas 43 e 44). E a ideia de oposição entre os pontos de vista (bem como a preferência do autor-narrador pelo seu ponto de vista pessoal) está contida nas

frases que contêm “não me era difícil” (linha 38), “pois” (linha 38), “tinha que” (linha 41), “pois” (linha 42), “Enfrentamo-nos” (linha 42), “nenhum de nós” (linha 43), “aborrecido” (linha 43) e “Atiramos um ao outro” (linha 45).

Finalmente, a **atitude linguística** do autor-narrador está voltada para uma visão democrática de língua, construída ao longo de toda a narrativa e evidenciada nesse trecho e nos anteriores, especialmente 3, 4 e 5. Enquanto o professor apresenta uma visão tirana em relação à língua – por achar que seu saber linguístico vale mais devido a sua autoridade –, o autor-narrador tenta debater sobre a língua espanhola. Seus argumentos, porém, são invalidados pelo professor, que se mostra inflexível e tenta diminuir o ponto de vista de seus alunos.

Destacamos, ainda, o forte aspecto de **significância** contido nesse comentário. Muito ligada à significação, essa significância mobiliza tanto o aspecto semiótico quando o aspecto semântico da língua. Em outras palavras, não é só a forma (pronúncia correta) que está em jogo, mas questões de sentido muito mais profundas, como o próprio “direito” (linha 43) à(s) língua(s).

3.3 BALANÇO ANALÍTICO: A(S) LÍNGUA(S) PARA O AUTOR-NARRADOR

A partir da proposta apresentada, é necessário realizar um balanço geral dos achados das análises realizadas. Trata-se de uma breve síntese das análises, a fim de destacar as características comuns e constantes apresentadas pelos diferentes trechos contemplados. Individualmente, cada trecho apresenta suas particularidades, porém existem características compartilhadas entre eles, que apontam para as questões principais que estão em jogo entre o autor-narrador e suas relações com as línguas, no plural, que fala e a língua, no singular, de que se apropria.

Uma das duas triangulações conceitual-metodológicas elaboradas na proposta, composta pelas noções de contorno de sentido, modalização e atitude linguística, foi o foco principal do processo analítico. O contorno de sentido, nos trechos analisados, apresenta uma tendência a pontuar, além de tópicos linguísticos específicos, a postura das demais pessoas-personagens, em conexão com a atitude linguística; também pode ser observável por meio de elementos modais, bem como abrir margem para a escolha de seu(s) uso(s). A modalização, de uma maneira

geral, é usada para construir a argumentação pretendida pelo autor-narrador ao longo dos comentários, em defesa de seu ponto de vista; ela contribui, além disso, para a construção das duas outras noções analisadas. E a atitude linguística sinaliza o posicionamento do autor-narrador em relação à(s) língua(s), apresentando uma clara progressão evolutiva ao longo da narrativa e havendo uma dependência, sempre, do contorno de sentido e sendo observável, também, com o auxílio da modalização. Dessa forma, as análises contribuem para a confirmação da relação direta entre os três termos da triangulação, sendo eles, portanto, conceitos complementares.

É relevante, também, lembrar as relações do autor-narrador em sua posição de “eu”, que compõe a outra triangulação conceitual-metodológica da proposta. Essas relações acabaram não sendo analisadas diretamente na proposta, uma vez que ocorrem da mesma maneira ao longo da narrativa, porém seu funcionamento não é menos importante por isso. Ao enunciar sua narrativa o “eu” estabelece três relações principais: uma primeira consigo mesmo (“eu”-“eu”), a subjetividade, uma segunda com o seu alocutário (“eu”-“tu”), a intersubjetividade, e uma terceira com o objeto (“eu”-“ele”), aquilo de que se fala, a referência. Quando esse autor-narrador se utiliza da metalinguagem, ele tece um comentário em que reflete sobre sua experiência com a língua, que assume o papel de alocutário. Esse movimento faz com que os únicos elementos das relações sejam o homem, em sua posição de “eu”, e a língua, em suas posições de “tu” e “ele”. Assim, a intersubjetividade adquire um novo nível de complexidade e a referência ganha um aspecto de retorno direcional, tornando-se autorreferencial.

Essas características da metalinguagem estão diretamente ligadas ao poder da **(auto)interpretância** da língua, que é o único sistema semiótico capaz de interpretar os demais sistemas e, ainda, interpretar a si mesmo. Essa qualidade interpretativa é essencial em todos os comentários metalinguísticos. Em especial, nos trechos analisados neste capítulo, é ela quem possibilita a reflexão realizada pelo autor-narrador acerca de suas experiências linguísticas, auxiliando na construção de seu ponto de vista particular. Por isso, além de se verificar a questão

do homem na língua, a proposta de análise consegue manifestar, também, a questão (altamente complementar) da língua no homem.

E considerando as análises realizadas, é válido ressaltar uma interpretação mais ampla do título da obra – *A língua absolvida* –, inicialmente centrado na experiência do autor-narrador com a língua nomeada alemã. Ao longo da narrativa, observamos uma transformação no posicionamento linguístico do autor-narrador, resultando em uma visão particular da "língua absolvida", que vai além do alemão enquanto uma língua entre muitas na diversidade linguística. Essa "língua absolvida" passa a ser compreendida como a língua no singular, que abrange dentro de si a diversidade das línguas no plural, refletindo a perspectiva linguística democrática e social construída pelo autor-narrador. Esse processo de (des)construção é percebido por meio dos movimentos de aproximação e afastamento que o autor-narrador sinaliza em relação às atitudes das demais pessoas-personagens. A aproximação é vista nos encantamentos com a diversidade linguística apresentados nos trechos 1 e 2, bem como na admiração do ponto de vista do avô no trecho 4. E o afastamento está bastante claro na discordância com o ponto de vista da mãe nos trechos 3 e 5 e, também, na aversão pelas posturas dos professores nos trechos 3 e 6.

Por fim, essa profunda transformação decorre das experiências pessoais do autor-narrador com a as línguas (no plural); ao mudar a maneira como se apropria delas, acaba por transformar, também, a maneira como se apropria da língua (no singular).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Findado todo o longo percurso trilhado ao longo dessa dissertação, esperam-se seus resultados e conclusões. É necessário, nesse sentido, realizar uma ponderação da totalidade da proposta do trabalho, avaliando o caminho percorrido desde seu ponto de partida até seu ponto de chegada. Assim, o propósito dessa breve última seção consiste em uma retomada do caminho feito até então, revendo seus objetivos e expectativas iniciais, suas discussões teórico-metodológicas, sua aplicação e seus achados e descobertas, além de projetar suas implicações futuras.

Em um movimento de retrospectiva, propomos debater as finais considerações a começar pelo terceiro e último capítulo, que consiste na proposta analítica. A partir das análises realizadas, então, é possível fazer algumas considerações acerca da proposta e seus resultados.

Em primeiro lugar, o exercício de análise demonstrou estar bem situado dentro da proposta enunciativo-antropológica de Flores (2019, 2015), embasada principalmente nas contribuições de Benveniste (2004, 2005). De acordo com Flores (2019), o estudo do comentário metalinguístico feito pelo falante pode ser abordado em três principais perspectivas:

Os comentários do falante cumprem esse papel de “afunilar” e podem ser descritos em diferentes perspectivas, das quais destaco três:

- a) Quanto ao fenômeno linguístico circunscrito (tradução, aquisição, patologia, poesia, etc.): busca-se, aqui, estudar como língua e falante são apresentados em relação ao outro.
- b) Quanto ao comentário propriamente dito: busca-se, aqui, ver os termos pelos quais o falante usa a língua para falar da língua – a propriedade da interpretância (cf. BENVENISTE, 1989, 2014).
- c) Quanto à função que tem a enunciação do falante: busca-se, aqui, ver como o falante está situado no interior da enunciação. (FLORES, 2019, p. 319)

Dessa forma, consideramos que a proposta de análise conseguiu abarcar as três diferentes perspectivas de maneira complementar. Nosso esforço inicial buscava, também, relacionar cada uma das três categorias de análise principais a um desses três aspectos destacados por Flores. Nesse sentido, o contorno de sentido estaria para o aspecto A, já que está diretamente relacionado ao fenômeno linguístico contido no comentário; a modalização estaria para o aspecto B, uma vez

que contempla os “rastros” linguísticos contidos no comentário, sua forma, seus termos; e a atitude linguística estaria para o aspecto C, pois demonstra como o falante se posiciona enunciativamente em relação ao comentário. No entanto, ao longo da análise foi possível perceber que a correlação não é tão direta e simples, pois cada uma das três categorias relaciona-se a cada um dos três aspectos (e o inverso também é verdadeiro), apresentando diferentes nuances de vinculações e encadeamentos e constituindo uma constelação de relações genuinamente complexa.

Ora, a proposta da Antropologia da Enunciação visa a colocar o falante, ao lado da língua, no centro da análise. Nesse sentido, as análises aqui propostas vão ao encontro desse objetivo, pois colocam o holofote principal no falante (escrevente nesse caso), dando atenção especial para aquilo que ele tem a dizer sobre sua experiência de falante. Buscamos, portanto, contemplar as experiências linguísticas do autor-narrador com profundidade, alçando Elias Canetti como o grande protagonista da proposta, já que o que está verdadeiramente em jogo são as suas relações, únicas e singulares, com a língua, com a linguagem e com as línguas. Dessa maneira, então, ele torna-se etnógrafo de si mesmo.

Além disso, os comentários contidos nos trechos analisados ajudam a estabelecer a construção de um posicionamento linguístico do autor-narrador, verificado ao longo da obra. Opondo-se aos posicionamentos das demais pessoas-personagens, como a mãe e os professores, por exemplo, o autor-narrador vai construindo, pouco a pouco, em sua narrativa, sua própria opinião sobre a(s) língua(s). Para Canetti, a língua parece ser vislumbrada com muita admiração, tendo um potencial democrático-social de grande alcance; ela deveria ser vista como um instrumento de inclusão popular e promoção cultural.

Por fim, a partir das demais considerações resultantes da análise, cabe reforçar a segunda leitura do título da obra, que, à primeira vista, diz respeito à experiência do autor-narrador com a língua alemã. Com a evolução do posicionamento linguístico desse autor-narrador, percebida ao longo da obra e destacada nas análises dos trechos selecionados, é possível também fazer uma leitura dessa “língua absolvida” para além do alemão (que é uma língua entre a diversidade das línguas, no plural). Assim, pode-se interpretar essa “língua absolvida” como a língua no singular, dentro de suas características conceituais e

universais, uma vez que o autor-narrador parece construir uma visão singular acerca da língua, que transcende a visão mais tradicional e rígida que lhe era fornecida pelas demais pessoas-personagens da narrativa e se converte em uma visão mais progressista e flexível, completamente subjetiva. É, pois, a partir de suas experiências com a pluralidade das línguas, que ele muda a forma como se apropria da língua singular de uma forma mais geral.

Indispensável para a constituição da prática realizada no terceiro capítulo por meio das análises, a proposta metodológica, contida no segundo capítulo, baseou-se na leitura antropológica que Valdir Flores (2013, 2015, 2019) faz das contribuições de Émile Benveniste, aqui contemplada como *Antropologia da Enunciação*. Mobilizamos, nessa seção, uma gama de conceitos, divididos em duas categorias principais: os fundamentais e os operacionais.

Os conceitos fundamentais são aqueles essenciais para a constituição dos comentários, sem os quais a atividade metalinguística não teria como se estabelecer. A autorreferência, estabelecimento de ligações enunciativas internas e externas, possibilita à língua tomar a si própria como objeto dentro de seu uso. A intersubjetividade, laço enunciativo necessário e obrigatório entre “eu”, “tu” e “ele”, permite a constituição da língua via enunciação, sendo a posição do “tu” constituída pelo “outro”, quer seja esse “outro” o interlocutor de fato ou a própria língua. A significância, funcionamento linguístico que mobiliza semiótico e semântico, forma e sentido, possibilita que a língua signifique de uma maneira muito especial e complexa para o homem. A autointerpretância, qualidade ligada à autossemiotização da língua, permite a reflexão acerca dos fenômenos linguísticos via uso da língua. E a metalinguagem – constituída pelos quatro conceitos anteriores –, função da língua que lhe permite ser abordada por si própria, dentro de seus próprios termos, é o que delimita a própria definição do comentário. Quanto a esses conceitos fundamentais, destacamos a sua interdependência, uma vez que todos são constitutivos da língua e promovem a possibilidade e capacidade dela de se desdobrar sobre si mesma; é neles e por eles que o falante consegue realizar o deslocamento entre os dois níveis da língua (linguístico e metalinguístico). Acreditamos que todos os cinco conceitos são, portanto, necessários e indispensáveis para a Antropologia da Enunciação,

uma vez que o comentário se constitui a partir deles e por meio das relações estabelecidas entre eles.

E os conceitos operacionais são aqueles elegidos após aprofundada discussão teórica, a fim de melhor se proceder em relação à análise dos comentários que constituem o corpus do trabalho. O contorno de sentido, reflexão realizada pelo falante sobre a língua, permitiu o destaque dos fenômenos e questões linguísticos abordados pelo enunciador em sua posição de falante de língua(s). A modalização, constituída pelos traços linguísticos explícitos presentes no processo de enunciação, possibilitou a demonstração das argumentações realizadas pelo enunciador em sua fala, por meio de provas físicas – as palavras. E a atitude linguística, posicionamento do enunciador acerca de sua enunciação, permitiu o vislumbre da intencionalidade desse enunciador referente ao próprio comentário. Além do comentário e da triangulação contorno-modalização-atitude, contemplamos a outra triangulação, formada pelas relações do “eu” narrador: consigo mesmo (“eu”), com o outro (“tu”) e com as línguas (“ele”); lembrando que, no momento do comentário, a(s) língua(s) ocupa(m) tanto a posição do “ele” quanto a posição do “tu”. Nesse sentido, a primeira triangulação – usada constantemente ao longo das análises – mostrou-se mais relevante para a análise individual dos trechos, já que os conceitos permitem o destaque das características particulares de cada comentário; a segunda triangulação, por sua vez, foi melhor empregada na análise geral dos comentários, em suas características compartilhadas, uma vez que as relações ocorrem da mesma forma toda vez que o falante estabelece a metalinguagem em sua fala, estabelecendo relações diretas entre si mesmo e as línguas.

E, para se alcançar as contribuições contempladas na Antropologia da Enunciação, construímos, antes de tudo, uma base sólida e segura, muito bem fundamentada. Essa foi a inspiração do primeiro capítulo, que apresenta a proposta teórica do trabalho. Para cumpri-la, abordamos dois autores que julgamos ser indissociáveis.

O primeiro desses autores, Ferdinand de Saussure, é responsável pelo primeiro esforço inicial dos estudos da linguística moderna. Suas contribuições, muito longe de terem sido finalizadas antes de sua morte, inspiram Benveniste a dar certa continuidade a sua proposta, complementando e expandindo seus conceitos. Saussure é responsável pela primeira organização formal da linguística como área

científica e um dos primeiros a dissociar noções fundamentais como língua, linguagem e línguas. É ele quem primeiro atenta para o estudo da língua (no singular) por meio de suas manifestações materiais que são as línguas (no plural). Além disso, a leitura atenta aos textos do mestre genebrino, em especial *As conferências de Genebra*, de 1891, permite a percepção de argumentos do autor que apontam para uma certa preocupação antropológica, ainda que tímida, que podem ajudar a explicar o grande interesse de Benveniste por sua proposta. Além de servirem para confirmar a autoria de Saussure no *Curso de Linguística Geral*, as três conferências mostram diretamente a preocupação do mestre genebrino com a pluralidade das línguas por meio de discussões importantes que tencionam a tradição linguística da época como a evolução, o nascimento e a morte de idiomas e culminam na conclusão de que a nomenclatura dos diferentes estados de língua é totalmente arbitrária e convencionalizada. Não obstante, o aprofundamento do estudo dessas conferências resultou na publicação de um artigo intitulado *Saussure e as línguas (no plural): indícios de um olhar antropológico?* (RITZEL, 2023).

O segundo autor, Émile Benveniste, é quem fundamenta toda a proposta apresentada no trabalho. Sua contribuição é considerada, aqui, como uma continuidade do esforço saussuriano, bem como a fundamentação principal da Antropologia da Enunciação sugerida por Flores. Afinal, “Benveniste é o linguista que Saussure sonhou para a linguística” (FLORES, 2013, p. 65). Para ele, o objeto da linguística proposto por Saussure – a língua – deve ser compreendido como um objeto duplo, uma vez que a língua funciona, isto é, significa, de duas maneiras; adiciona-se, então, à semiótica saussuriana um elemento benvenistiano: a semântica. Suas contribuições possuem um alcance inimaginável, e suas teorizações também não chegaram a ser finalizadas em função de seu falecimento. Mas, muito antes de propor uma Teoria da Enunciação de maneira formal, o linguista francês demonstrava uma forte preocupação antropológica, já que havia um elemento, em constante relação com a língua, que se mantinha sempre no centro de suas discussões: o homem. Conforme analisamos os usos que Benveniste designa para as línguas ao longo dos dois volumes dos *Problemas de Linguística Geral*, por meio da leitura atenta dos artigos que apresentam a maior diversidade linguística em

número, pudemos explorar trabalhos do linguista francês à luz de uma perspectiva específica, além de explorar contribuições do autor que não são tão célebres e que acabam recebendo menos atenção. Essa leitura confirmou o *modus operandi* benvenistiano, isto é, o estudo da universalidade da língua (no singular) através da análise e discussão das particularidades das línguas (no plural). Além disso, percebemos um aumento gradativo do linguista com sua preocupação antropológica, uma vez que os artigos estudados dos PLG I apresentam essas discussões mais voltadas para a linguística em si, enquanto os artigos dos PLG II parecem adentrar mais profundamente na antropologia ao realizar suas discussões. Em síntese, concordamos com o ponto de vista de Hoff (2023), que defende as línguas como um dos principais operadores dentro das propostas teóricas de Benveniste.

A partir disso, acaba retornamos para a preocupação antropológica, já que homem e linguagem (e, conseqüentemente, língua e línguas) estão associados em um elo indestrutível. O homem está na língua e a língua está no homem. Dentro da perspectiva da Antropologia da Enunciação, e conforme se pôde constatar ao longo das análises realizadas neste trabalho, não é apenas a linguagem que é natural ao homem; igualmente, a metalinguagem mostra-se como elemento fundamental de sua constituição. Refletir sobre a linguagem, sobre a língua e sobre as línguas, seu uso e sua relação com o próprio homem faz parte do complexo e interessante processo que funda homem e linguagem como tais. Não se trata, portanto, apenas de um *Homo loquens*, um homem que fala, mas se pode pensar em um *Homo loquens loquens*, um homem que fala que fala.

É necessário, ainda, mencionar as lacunas que seguem em aberto após o término da pesquisa. Nesse sentido, o trabalho apresenta certa abertura para novos estudos da área, que podem vir a ser contemplados em futuras novas propostas de pesquisa. Dentro do âmbito aqui contemplado, pontuamos duas questões principais que merecem atenção dentro dos estudos linguísticos: a pluralidade das línguas e a metalinguagem.

Quanto às línguas, existem diversas abordagens dentro das mais diversas ramificações da linguística. No entanto, a preocupação com o tópico dentro dos estudos enunciativos mostra-se bastante recente, havendo, ainda, muitas questões a serem exploradas. Dentre elas, destacamos: o complexo processo de aquisição de línguas não-maternas, as muitas relações entre línguas maternas e não-maternas e

a própria difícil questão da nomenclatura para essas línguas (já que, a partir da abordagem enunciativa, termos como “estrangeira”, “adicional”, “nativa” e o próprio “materna” parecem não fazer tanto sentido, permanecendo intocáveis e pouco problematizados pelas abordagens mais tradicionais).

E, quanto à metalinguagem, existe ainda todo um universo a ser explorado. Apesar de ser fundamental para o funcionamento da língua e, conseqüentemente, da própria linguística, ela acaba sendo vista, na maioria das vezes, como uma simples função da linguagem, uma dentre suas muitas formas de uso. Todas as áreas do conhecimento usam a língua como instrumento para descrever, analisar e refletir sobre seus objetos e a linguística, muito paradoxalmente, tem a própria língua como seu objeto. A linguística usa, desse modo, a língua como instrumento de descrição, análise e reflexão de si mesma. A metalinguagem é, pois, a própria natureza da linguística.

Por fim, cabe lembrar o caráter experimental da proposta, já que construímos, ao longo de todo o trajeto percorrido, uma metodologia única e nova, embasada nas contribuições teóricas contempladas. Acreditamos que o trabalho possa apresentar uma contribuição de alcance considerável para os estudos linguísticos, sobretudo na área da Enunciação, quer seja ele lido como uma discussão sobre as temáticas das línguas e da metalinguagem dentro de uma perspectiva enunciativa, quer seja compreendido como um possível modelo de análise metalinguística no escopo antropológico-enunciativo. Dessa forma, esperamos que o presente trabalho possa contribuir para a área dos estudos enunciativos, sendo visto como um esforço inicial, ainda que singelo, de abordagem dos efeitos das línguas, em sua pluralidade, nos falantes, também demasiadamente plurais.

REFERÊNCIAS

ARESI, Fábio. **A relação entre língua e sociedade na reflexão teórica de Émile Benveniste**. 2020. 286 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

BARBOZA, Gabriela. **Entre designar e significar, o que há?** Em busca de uma semântica em Benveniste. 2018. 140 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

BENVENISTE, Émile. **O vocabulário das instituições indo-europeias**. São Paulo: UNICAMP, 1995.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Campinas: Pontes, 2005.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Pontes, 2006.

BENVENISTE, Émile. **Últimas aulas no Collège de France (1968 a 1969)**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

BOAS, Franz. **Antropologia cultural**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

CANETTI, Elias. **A língua absolvida**: história de uma juventude. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CONEIN, Bernard; COURTINE, Jean-Jacques; GADET, François; MARANDIN, Jean-Marie; PÉCHEUX, Michel (orgs.). **Materialidades discursivas**. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.

DIEDRICH, Marlete Sandra. **Aquisição da linguagem**: o aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem. 2015. 148 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

DOSSE, François. **História do estruturalismo**: o campo do signo, 1945-1966 — volume I. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

DOSSE, François. **História do estruturalismo**: o canto do cisne, de 1967 a nossos dias — volume II. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

FIORIN, José Luiz. Modalização: da língua ao discurso. **Alfa**, São Paulo, v. 44, p. 171-192, 2000.

FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges; FINATTO, Maria José Bocorny; TEIXEIRA, Marlene. **Dicionário de linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2021.

FLORES, Valdir do Nascimento. O universal e o particular na linguística geral de Benveniste. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 23, n. 3, p. 583-593, jul.-set., 2020.

FLORES, Valdir do Nascimento. A condição figurativa na enunciação (por uma linguística dos seres falantes). In: OLIVEIRA, Giovane Fernandes; ARESI, Fábio (Org). **O universo benvenistiano: enunciação, sociedade, semiologia**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020, p. 30-45.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Problemas gerais de linguística**. Petrópolis: Vozes, 2019.

FLORES, Valdir do Nascimento. A enunciação escrita em Benveniste: notas para uma precisão conceitual. **DELTA**, São Paulo, vol. 34, n. 1, 2018, p. 395-417.

FLORES, Valdir do Nascimento. O falante como etnógrafo da própria língua: uma antropologia da enunciação. **Letras Hoje**, Porto Alegre, vol. 50, 2015, p. 90-95.

FLORES, Valdir do Nascimento. Sujeito da enunciação: singularidade que advém da sintaxe da enunciação. **DELTA**, São Paulo, vol. 29, n. 1, 2013, p. 95-120.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013.

FLORES, Valdir do Nascimento. Notas para uma (re)leitura da teoria enunciativa de Émile Benveniste. In: TEIXEIRA, Marlene; FLORES, Valdir do Nascimento (org). **O sentido na linguagem: uma homenagem à professora Leci Borges Barbisan**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

GOMES, Janaína Nazzari. **Quando falar e ouvir é apropriar-se: uma reflexão sobre a apropriação de línguas estrangeiras à luz da teoria saussuriana**. 2016. 101 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

HOFF, Sara. **“Mas guardemos isso: não há língua má”**: as línguas na teoria da linguagem de Benveniste. 2023. 287 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2010.

JAKOBSON, Roman. Shifters, verbal categories and the russian verb. In: _____. **Selected writings, volume II: word and language**. Paris: Mouton, 1971, p. 130-147.

KNACK, Carolina. **Por uma dimensão antropológica do discurso**: as passagens do aluno nas instâncias de ensino. 2016. 164 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

MALHOIT, Monika Lira. **O sujeito enunciativo na dimensão identitária e cultural do ser imigrante que vive o fenômeno entre-línguas**. 2023. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2023.

NORMAND, Claudine. **Saussure**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

OLIVEIRA, Giovane Fernandes. **Do homo loquens ao homo loquens scriptor**: por uma perspectiva semiológico-enunciativa da aquisição da escrita. 2022. 428 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

OLIVEIRA, Maria Regina de Carvalho Caseiro. A modalização de instâncias enunciativas. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 8, n. 16, 2005, p. 79-88.

ONO, Aya. **La notion d'énonciation chez Émile Benveniste**. Limoges: Lambert-Lucas, 2007.

RITZEL, Júlio Arnhold. Saussure e as línguas (no plural): indícios de um olhar antropológico? **Linguagem & Ensino**, Pelotas, vol. 26, n. 2, 2023, p. 297-309.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2012.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Escritos de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2004.

SILVA, Carmem Luci da Costa. **A instauração da criança na linguagem**: princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem. 2007. 293 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SILVA, Silvana. **O homem na língua**: uma visão antropológica da enunciação para o ensino de escrita. 2013. 222 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

STEINER, George. **Depois de Babel**: questões de linguagem e tradução. Curitiba: Editora UFPR, 2005.

TRABANT, Jürgen. **A linguagem, objeto de conhecimento**: breve trajeto pela história das ideias linguísticas. São Paulo: Parábola, 2020.

